



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

CAMILA ANA PATRICIA CARLINE ENGEL

**A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DE
LIVROS DIDÁTICOS**

ERECHIM

2016

|

CAMILA ANA PATRICIA CARLINE ENGEL

**A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DE
LIVROS DIDÁTICOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de licenciada em Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Professor Dr. Reginaldo José de Souza

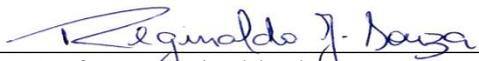
ERECHIM,

2016

CAMILA ANA PATRICIA CARLINE ENGEL

**A PAISAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DE
LIVROS DIDÁTICOS**

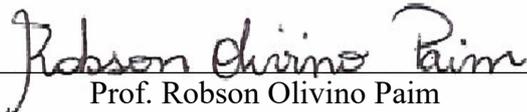
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: 
Prof. Dr. Reginaldo de Souza

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Marcio Freitas Eduardo


Prof. Robson Olivino Paim

Dedico este trabalho a todos aqueles que assim como eu superam a todo o momento as dificuldades para se chegar a um objetivo maior e ao sucesso, não um sucesso no sentido “estrondoso” da coisa, mas o sucesso encontrado na realização das tarefas diárias, que sem nos darmos conta, acaba por nos recriar a cada dia, fazendo com que em virtude disso, estejamos em constante movimento de evolução individual, profissional e social.

AGRADECIMENTOS

Tantos foram aqueles que nas horas em que achava não ter mais força para prosseguir na caminhada acadêmica, me deram apoio com palavras e gestos amigos. Foram colegas, amigos e familiares, que sem se darem conta, me ajudaram a conciliar a vida acadêmica com o emprego, família e amigos. Acho justo iniciar agradecendo meus pais, visto que se não fossem eles, não estaria aqui aproveitando a oportunidade que o destino me deu, Carmen e Adalberto Engel! E o que dizer de minha irmã Carine, que me respondia de imediato quando me queixava de trabalhos pra fazer “e está esperando o quê?”, a você meu obrigado também! Estendo minha gratidão aos meus padrinhos Lurdes e Osmar Rieder, que sempre me cobravam “olha, saiu vestibular, vai lá” e mais, “continua que você vai se sair bem”. Também não podem ficar de fora minhas amigas Alessandra e Angélica, e o colega e amigo Rodolfo, que sempre estavam com os braços estendidos na hora do desabafo, do cansaço e da festa, claro! Assim como Gustavo, mais que amigo, namorado, que durante os meses que estive ao meu lado, só fez apoiar e dar força, talvez não saiba, mas fora até o momento e é meu porto seguro, mesmo me dando alguns puxões de orelha, mas isso é bom, reforça a necessidade de se manter firme e com os pés no chão. E sem menos importância, ao meu caro orientador Reginaldo, que de forma sempre cordial e acessível me guiou nessa pesquisa ao longo desse semestre, muito obrigado.

Saber muito não lhe torna inteligente. A inteligência se traduz na forma que você recolhe, julga, maneja e, sobretudo, onde e como aplica esta informação.
(Carl Sagan)

RESUMO

A busca de metodologias e aperfeiçoamento de didáticas é um elemento constante na vida profissional dos professores. Baseado nisso, é que surge a ideia de entender e demonstrar a importância da aplicação do conceito de paisagem na geografia escolar por trazer em si possibilidades de aperfeiçoamento de estratégias e de recursos didáticos importantes ao ensino de conteúdos da Geografia. Muito embora a paisagem seja concebida de modo bastante complexo no âmbito da ciência geográfica, muitas vezes se identificam no ambiente escolar algumas associações equivocadas como, por exemplo, sinonimizar a paisagem com natureza ou entender que paisagem é unicamente a expressão da beleza (a praia, o mar, a montanha, enfim, a visão do turismo contemplativo e de lazer). É válido lembrar que paisagem é muito mais que elementos paisagísticos dispostos em um determinado espaço, não é somente a representação do belo, ela consiste no fato de ir além do que a imagem está mostrando. A imagem se torna paisagem a partir do momento em que há uma compreensão crítica do que está por trás daquela representação visual. A importância da interpretação causal através da análise da paisagem ocorre pelo fato de haver inúmeras possibilidades de diagnóstico e entendimento através de uma mesma observação, visto que cada indivíduo é condicionado ou não à criticidade ou, ainda, uns observam pelo viés naturalista, outros humanista e cabe a nós professores guiar esses alunos na inserção da categoria paisagem na vida escolar e deixar clara a real significação desse conceito, assim como quando trabalhado, guiar o aluno à real significação de uma determinada paisagem. Para tanto, a pesquisa foi feita através de revisão bibliográfica de obras de autores da Geografia e outros ramos das ciências humanas, além de análise de uma coleção de livros didáticos de Geografia referente às séries finais do ensino fundamental.

Palavras – chave: Ensino fundamental. Geografia. Paisagem.

SUMMARY

The search for methodologies and improvement of didactics is a constant element in the professional life of teachers. Based on this, it is an idea to understand and demonstrate the importance of applying the concept of landscape in school geography by bringing in them possibilities for improving strategies and didactic resources important for the teaching of Geography contents. Although a landscape with a rather complex conception is not a field of geographic science, it is often identified in the school environment some misguided associations, for example, to synonymize a landscape with a landscape or landscape that is only an expression of beauty (a beach, The sea, a mountain, in short, a vision of contemplative tourism and leisure). It is worth remembering that the landscape is much more than landscape elements arranged in a certain space, is not only a representation of the beautiful, it is not a fact of going beyond what is showing. The image is made from a time when there is a critical understanding that lies behind that visual representation. The importance of causal interpretation for the analysis of the landscape occurs because it has a possibility of diagnosis and understanding through a uniform observation, since each individual is conditioned or not the criticality or even not observed by the naturalist, other humanist Cabe We teachers guide these students in the insertion of the category in school life and make clear a true meaning of the concept, just as when worked, guide the student in the real meaning of a given landscape. For this, a research on the bibliographic revision of works by authors of Geography and other branches of the human sciences, besides the analysis of a collection of didactic books of Geography referring to the final series of the elementary school.

Key - words: Elementary education. Geography. Landscape.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Bairro Morumbi-SP em paralelo à favela de Paraisópolis	22
Fotografia 2: Moradias de alta classe em contraposição à moradias da população desfavorecida.....	23
Fotografia 3: Página 17; Sequência de imagens valorizando a dimensão natural da paisagem.	37
Fotografia 4: Página 67; Distribuição de alimentos para a população Haitiana.	39
Fotografia 5: Página 70; Em amarelo está a fotografia de um centro industrial no Japão.....	40
Fotografia 6: Página 114/115; Paisagens sobre as diferentes coberturas vegetais em virtude de sua exposição climática.	41
Fotografia 7: Página 145; Paisagem rural em decadência.	42
Fotografia 8: Página 162/163; Paisagem da técnica humana voltada para produção.	43
Fotografia 9: Página 196; beneficiamento, construção e transformação de material no setor automobilístico.	44
Fotografia 10: Página 15; Mata de características latitudinais altas.	46
Fotografia 11: Página 14; Paisagem do Iapoque ao Chuí.	46
Fotografia 12: Página 27/28; Complexos regionais do Brasil através de paisagem, Amazônia e Nordeste.	48
Fotografia 13: Página 43/44/47; Diversidade cultural herdada dos imigrantes ao longo do Brasil.....	49
Fotografia 14: Página 62/63; Paisagens do dinamismo paulistano.....	50
Fotografia 15: Página 74; Esquema explicativo do fenômeno da conurbação urbana.	51
Fotografia 16: Página 76; Arredores da Baía de Vitória, Espírito Santo.	51
Fotografia 17: Página 132/131 e 130; Paisagens nordestinas.....	54
Fotografia 18: Página 140/141; Centro e periferia do Rio de Janeiro.	55
Fotografia 19: Página 143; Paisagem morfológica de mares de morros, entre Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal.	55
Fotografia 20: Página 155; Marginal Pinheiros, em São Paulo.	56
Fotografia 21: Página 166/167; Principais paisagens do sul do Brasil.....	57
Fotografia 22: Página 10/11; Imagens aéreas de praças de grandes cidades do mundo.	62
Fotografia 23: Página 27/26; Favela em Madrid.....	63
Fotografia 24: Página 58/59; Globalização vista como total, enquanto é parcial.....	65
Fotografia 25: Página 60/61; Mosaico das belezas naturais do continente americano.....	66
Fotografia 26: Página 86/87; Constituição do povo Americano através da arte.....	68
Fotografia 27: Página 90/10; Precarização da saúde à esquerda, extração mineral e comércio à direita.	69
Fotografia 28: Página 106/107; O que restou após a saída dos colonizadores?	70
Fotografia 29: Página 122; Charge sobre em que estado ficou o Iraque após os ataques.	71
Fotografia 30: Página 156; Paisagens características do Peru.	73
Fotografia 31: Página 158; Vista aérea da região central de Caracas.	73
Fotografia 32: Página 18; Corrida espacial Norte-Americana versus Rússia.....	77
Fotografia 33: Página 46; Globalização desde os tempos do “descobrimento”.	79
Fotografia 34: Página 62; Europa e seus principais feitos arquitetônicos e científicos.	80
Fotografia 35: Página 94/95; Ciganos vivendo em situação precária na Bulgária.	82
Fotografia 36: Página 116/117; Mesquita em Jerusalém; torre nos Emirados Árabes; linha de trem na Rússia.	83
Fotografia 37: Página 192; Favela no Quênia.....	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo do Geossistema proposto por Bertrand em 1968. Esse modelo expressa que o geossistema é o resultado das interações entre potencial ecológico, compreendido pelas características geomorfológicas, climáticas e hidrológicas; exploração biológica, com	18
Figura 2: O esquema do sistema GTP, com destaque para a paisagem, segundo Reginaldo Souza.	18
Figura 3: Representação de um ciclo de observação da paisagem.....	24
Figura 4: Esquema sobre a evolução da geografia como disciplina escolar a partir do avanço histórico.	28
Figura 5: Capas de cada um dos exemplares da coleção analisada neste trabalho.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias de paisagem.....	14
Quadro 2: Análise do exemplar do 6º ano.....	35
Quadro 3: Análise do exemplar do 7º ano.....	45
Quadro 4: Análise do exemplar do 8º ano	61
Quadro 5: Análise do exemplar do 9º ano.....	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1: Paisagem e suas múltiplas perspectivas	16
Capítulo 2: Geografia no ensino escolar	25
Capítulo 3: Análise da coleção	34
CONCLUSÃO.....	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

“Uma longa viagem começa com um único passo”. (Lao-Tsé)

A busca de metodologias é um elemento constante na vida profissional dos professores. Baseado nisso, é que surge a ideia de entender e demonstrar a importância da aplicação do conceito de paisagem na geografia escolar por trazer em si possibilidades de aperfeiçoamento de estratégias importantes ao ensino de conteúdos da Geografia. Muito embora a paisagem seja concebida de modo bastante complexo no âmbito da ciência geográfica, muitas vezes se identificam no ambiente escolar algumas associações equivocadas como, por exemplo, sinonimizar a paisagem com natureza ou entender que paisagem é unicamente a expressão da beleza (a praia, o mar, a montanha, enfim, a visão do turismo contemplativo e de lazer).

O que se identifica no ambiente escolar geralmente é uma interpretação errônea do que é paisagem, normalmente tomando o discurso de paisagem natural como sinônimo de natureza (sem intervenção humana). Contudo, paisagem é muito mais que elementos paisagísticos dispostos em um determinado espaço, não é somente a representação do belo, ela consiste no fato de ir além do que a imagem está mostrando, ela se torna paisagem a partir do momento em que há uma compreensão crítica do que está por trás daquela representação visual.

Mas, a questão que vem à mente então é a seguinte: se todo professor teve formação superior, e teoricamente estudou os principais conceitos da Geografia, porque ele não ensina dessa forma para o aluno? A única resposta lógica que consegui enxergar é falha na formação docente ou na compreensão crítica do tema em questão. As afirmações que descrevi anteriormente são alicerçadas pelas experiências que os quatro momentos de Estágio curricular supervisionado me possibilitaram. Partindo da prática de estágio I e III (observação no ensino fundamental e médio) e Estágio curricular supervisionado II (regência no ensino fundamental), onde foram identificadas falhas no sistema de ensino como um todo e outras nas metodologias de aula. Um exemplo banal, mas marcante para que eu colocasse em xeque o entendimento do conceito paisagem e sua possível aplicação, foi em um momento do Estágio curricular III, onde o conteúdo da aula era relativo às fontes de energia do Brasil, aula essa baseada em exposição oral, intermediada por anotações no quadro, onde a classe se portava totalmente alheia à aula, no caso, um conceito passível de construção do

conhecimento e criticidade, a paisagem, nem foi cogitada. Considerei e considero que são extremamente válidas imagens de cada caso de extração energética ou ainda vídeos curtos e animações, contudo, para alcançar o êxito, o professor deveria estar em pleno gozo do entendimento acerca desse conceito, suas vertentes, enfim, suas raízes teóricas.

Conforme experiências dos estágios que realizei e até mesmo de aulas que frequentei, a análise de paisagens via imagens (fotografias, pinturas) servia como complemento para vislumbrar o real e concatenar as ideias, grosso modo, pode-se dizer que funciona como uma substituição de um trabalho de campo, contudo, essa substituição nos priva das percepções totais.

Se parte da hipótese de que a paisagem é, no senso comum, concebida apenas na sua dimensão imediata (aquilo que se vê, aquilo que a vista alcança) e, muitas vezes, sinonimizada ao conceito de natureza (a paisagem como conjunto de árvores, rios, céu azul...). Diante desta hipótese, é preciso identificar com mais detalhes como vem se dando o ensino sobre a paisagem nas aulas de Geografia. A importância da interpretação causal através da análise da paisagem se dá pelo fato de haver inúmeras possibilidades de diagnóstico e entendimento através de uma mesma observação, visto que cada indivíduo é condicionado, ou não, à criticidade, ou, ainda, uns observarão pelo viés naturalista, outros humanista e cabe aos professores guiarmos esses alunos na inserção da paisagem na vida escolar e deixar clara a real significação desse conceito, justamente em virtude das pessoas associarem paisagem direta e imediatamente àquilo que a visão abarca e, não raro, ao conjunto dos elementos naturais presentes numa dada porção do espaço geográfico.

Esse é a razão dessa pesquisa, partindo uma análise de livros didáticos que são utilizados em uma escola da rede pública de ensino, na cidade de Erechim - esta escolha se deu em função da experiência de estágio de regência. Buscando saber como a paisagem é abordada e quais são as dificuldades e as vantagens de se trabalhar com esta categoria no âmbito do ensino fundamental. Nessa etapa de ensino consideramos que se encontram as bases do ensino de Geografia que farão com que o estudante carregue com ele uma concepção sobre paisagem que seja mais abrangente e complexa durante toda sua trajetória escolar, objetivando desenvolver um trabalho que valorize a paisagem como importante categoria geográfica para abrir chaves interpretativas das transformações históricas e atuais dos territórios e como tais transformações impactaram/impactam a sociedade e a natureza.

De modo geral, a pesquisa em questão é uma compilação bibliográfica onde, inicialmente, estão dispostos conceitos de paisagem a partir de diversos autores, sendo que

cada posicionamento traz em seguida a minha reflexão a-cerca do descrito. Posteriormente, ainda no que diz respeito ao conceito de paisagem, há conceituações e reflexões referentes às vertentes epistemológicas dos autores que foram utilizados.

Quanto ao formato de análise da coleção de livros didáticos de Geografia do ensino fundamental, que é a coleção Araribá, que compreende o 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, segue as proposições estabelecidas em uma chave de identificação da ocorrência da categoria paisagem no quadro 1.

Quadro 1: Categorias de paisagem

Chave de identificação da ocorrência da categoria paisagem como conteúdo em livros didáticos de Geografia	
Itens para a análise	Finalidade
Verificar o índice de cada número da coleção	Identificar se a paisagem comparece evidentemente como um conteúdo a ser apresentado no livro
Verificar a quantidade de imagens distribuídas em cada exemplar da coleção	Identificar quais e quantas imagens remetem à análise da paisagem – exemplificar as ocorrências e as não ocorrências
Fazer a leitura de todas as legendas destas imagens	Identificar se o uso da imagem (fotografia, pintura) comparece como uma possibilidade de compreensão mais aprofundada do conteúdo trabalhado ou apenas como simples ilustração
Observar se a obra apresenta a paisagem como conteúdo central a ser desenvolvido nas aulas	Analisar o embasamento teórico-metodológico da discussão
Verificar a ocorrência da paisagem como conteúdo central em capítulos ou unidades do material didático	Analisar o modo através do qual a categoria é valorizada no âmbito da formulação de técnicas e recursos didáticos para as aulas do ensino fundamental
Verificar as possíveis confusões conceituais com relação ao uso do termo paisagem (paisagem como sinônimo de natureza, paisagem como sinônimo de lugar, paisagem como sinônimo de região, paisagem como sinônimo de beleza)	Analisar criticamente as concepções que, eventualmente, podem gerar confusões interpretativas e comprometer o processo de compreensão do significado do conceito nas aulas de Geografia. Apresentar exemplos.
Verificar possíveis associações entre paisagens e mapas, fotografias aéreas e/ou imagens de satélite	Identificar os recursos cartográficos que apoiam a leitura e interpretação das paisagens e compreender a relevância desta associação para o entendimento dos conteúdos

Elaboração: SOUZA, Reginaldo; ENGEL, Camila. 2016.

Levando em consideração que o que motivou esse trabalho foram as experiências de estágio durante a graduação, a escolha da coleção de livros para analisar surgiu desse mesmo contexto. Então, foi a partir dos conteúdos trabalhados que nasceu o desejo de entender e refletir sobre a categoria paisagem no âmbito escolar. Essa coletânea é repleta de representações gráficas, fotográficas e cartográficas, mas tê-las por si próprias não é o

suficiente, se faz necessário um embasamento teórico e conhecimento a-cerca da categoria paisagem para trabalhá-las de uma forma que resulte em conhecimento e aprendizado.

Desta forma, após apresentarmos as características centrais deste trabalho, ou seja, sua problemática, seu recorte, suas justificativas e procedimentos, salientamos que a pesquisa foi organizada basicamente em três momentos que se refletiram nos três capítulos que compõem o presente trabalho.

O primeiro capítulo contém referências teóricas sobre os conceitos (ou diferentes conceitos) de paisagem que são utilizados dentro da ciência geográfica. O objetivo da elaboração deste capítulo está relacionado com a necessidade de identificarmos a complexidade da paisagem para além de uma simples significação que a compara com a natureza, por exemplo.

No segundo capítulo, foi desenvolvido um debate sobre a importância do ensino de Geografia, seus fundamentos, seus atuais desafios e suas perspectivas para, ao final, também relacionarmos esse debate com os fundamentos, desafios e perspectivas de uso do conceito de paisagem no ensino fundamental.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos a análise dos livros didáticos mencionados anteriormente, procurando entender as potencialidades e as limitações das estratégias e recursos didáticos propostos neste material e que podem facilitar ou dificultar a atividade do professor de Geografia quanto ao ensino orientado pelo conceito de paisagem. Para aprofundarmos essa discussão, também serão apresentados e discutidos alguns trechos de uma entrevista realizada com a professora de Geografia da escola-campo de estágio na ocasião em que esta atividade foi realizada no decorrer da minha graduação.

CAPÍTULO 1: Paisagem e suas múltiplas perspectivas

*Mais uma vez
Vem o mar
Se dar
Como imagem
Passagem
Do árido à miragem*

*Sendo salgado
Gelado
Ou azul
Será só linguagem*

*Mais uma vez
Vejo o mar
Voltar
Como imagem
Passagem
De átomo à paisagem
(Maré, Adriana Calcanhotto)*

É de suma importância entender o significado do conceito antes de debatê-lo e inseri-lo nas explicações e comparações ao longo da análise dos livros didáticos, para tanto é que, a seguir, autores da Geografia e de outras áreas estarão embasando o conceito conjuntamente com minhas reflexões acerca dele, lembrando que a presença de autores de outras áreas se faz importante visto que o leque de interpretações e entendimento aumenta assim como a variedade de público leitor desse trabalho.

A posição de Georges com relação à paisagem:

[...] a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução, BERTRAND (2004, p. 141).

Em relação a um observador, é possível afirmar que esta definição de Bertrand trata de paisagem como algo diferente de um conjunto de objetos aleatórios em uma porção do espaço, mas sim, que esses objetos podem ser resultado ou motivadores de dinâmicas e consequente instabilidade e mudança da paisagem ao longo do tempo, portanto, cada

elemento que ela contém é fruto e semente do visual de uma paisagem, carregada de intencionalidades e significados socioambientais e culturais.

Georg Simmel faz a seguinte reflexão sobre a paisagem:

Inúmeras vezes deambulamos pela natureza e avistamos, com os mais variados graus de atenção, árvores, cursos de água, prados e searas, colinas e casas e outras mil alterações da luz e das nuvens, mas, lá por atendermos a um pormenor ou contemplarmos isto ou aquilo, ainda não estamos conscientes de ver 'uma paisagem'. Pelo contrário, semelhante conteúdo particular do campo visual não há-de acorrentar o nosso espírito. A nossa consciência, para além dos elementos, deve usufruir de uma totalidade nova, de algo uno, não ligado às suas significações particulares nem delas mecanicamente composto - só isso é a paisagem, (SIMMEL,2009, p.5).

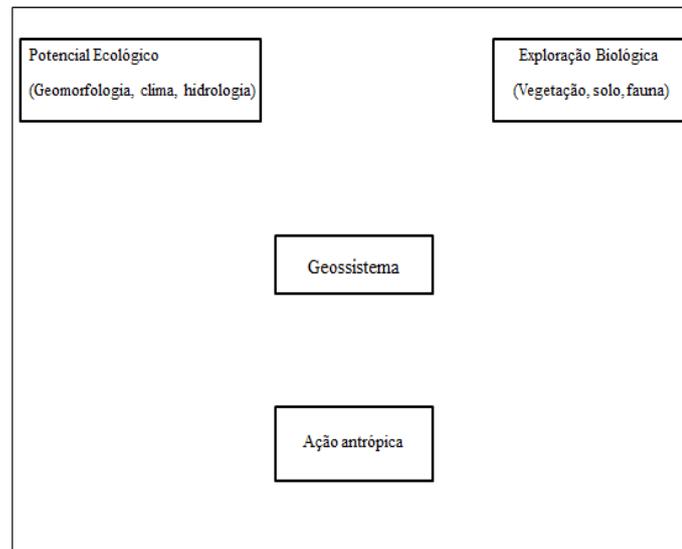
Inicialmente, de maneira um pouco diferente da posição de Bertrand nos idos de 1960-70, Simmel segue o raciocínio de que a paisagem não se prende somente ao mundo concreto das coisas, ela já é por si própria paisagem enquanto pensamento. Vale mencionar tal diferenciação entre Simmel e Bertrand porque a proposta de conceituação deste último, nos dias de hoje, parece recuperar muito do que o próprio Simmel havia dito no início da segunda década do século XX.

Hoje em dia, Bertrand apresenta como sistema teórico de interpretação da paisagem o GTP (Geossistema-Território-Paisagem). Em linhas gerais, o geossistema deve ser interpretado como a entrada naturalista da análise ambiental. O território deve ser interpretado como a entrada socioeconômica e política. A paisagem é quase que uma dimensão artística/cultural enquanto uma representação de todo o processo de transformação da natureza-fonte (geossistema) em natureza-recurso (território). Para o autor, agora também é relevante perceber a paisagem como um produto da interação do olhar de um observador sobre o seu espaço de vivência. Souza (2015, p. 39) traz uma passagem de Bertrand e Metailié (2006) para lembrar que, na visão desses autores, uma paisagem nasce cada vez que a subjetividade de um olhar se cruza com a materialidade de um território. Essa passagem, portanto, indica que o autor Georges Bertrand apresenta um conceito de paisagem, nos dias atuais que vai além da simples comparação com o geossistema.

Como foi dito anteriormente, o geossistema é uma entrada naturalista para compreendermos as dinâmicas do meio ambiente. Através das leituras e da discussão com nosso orientador, concluímos que o conceito de geossistema foi pensado no final dos anos de 1960 como praticamente um modelo da paisagem. Esse modelo da paisagem é exemplificado

na figura 1.

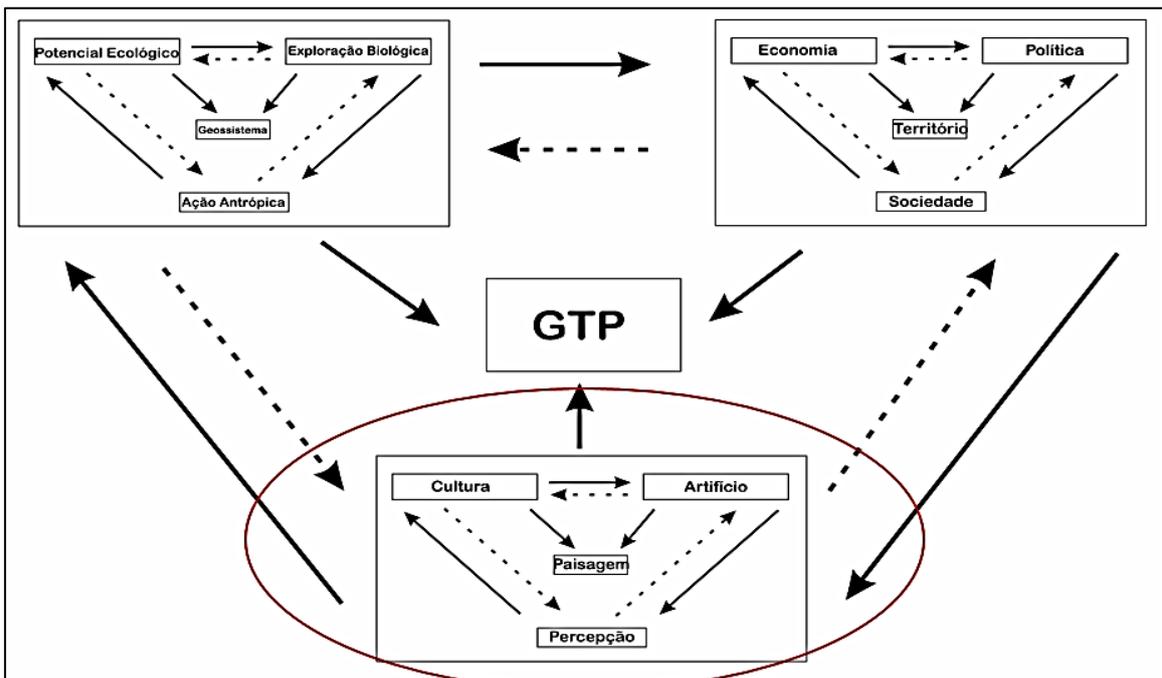
Figura 1: Modelo do Geossistema proposto por Bertrand em 1968.



Fonte: SOUZA 2015.

No início da década de 1990, Bertrand apresentou o modelo GTP e a paisagem deixou de ser considerada apenas através da entrada naturalista. Souza (2015) discutiu esta evolução e, ainda, apresentou um esquema para ser comparado com o esquema que representa o geossistema. Este modelo expressa que o geossistema é o resultado das interações entre potencial ecológico, compreendido pelas características geomorfológicas, climáticas e hidrológicas; exploração biológica. A figura a seguir foi obtida do trabalho daquele autor:

Figura 2: O esquema do sistema GTP, com destaque para a paisagem, segundo Reginaldo Souza.



Fonte: SOUZA, 2015.

Essa figura apresenta o GTP como uma interação entre o sistema natural (geossistema), o sistema territorial e o sistema da paisagem. Este, por sua vez, é composto pela cultura, pelo artifício humano e pela percepção.

Marcos Aurélio Saquet se refere à paisagem da seguinte forma:

O homem cria, com o desejo, com a vontade de construir uma paisagem ideal, na qual possa reconhecer a sua história, sua cultura. O desejo cria imagens, que são instrumentos de estudo e para construir novos territórios. A paisagem significa estas imagens do real ou do próprio imaginário (científico e/ou artístico), o que revela, simultaneamente, uma forma de ligação da paisagem com o território, como abstração e representação no desejo por novas paisagens e na projeção do futuro. Porém, a paisagem não significa o aparente, o sensível do território; é sentida e representada (SAQUET, 2007, p. 145).

Assim como foi interpretado a partir da leitura de Simmel (2009 [1912]) e de Bertrand (2009, citado por Souza em 2015), Saquet também vislumbra paisagem além do concreto, como algo que é sentido, vivido, imaginado e que acaba projetado na cultura e história humana, não podendo ser considerada somente pelo aparente.

Para Suertegaray (citada por Costa; Rocha, 2010):

Os geógrafos geralmente compreendem a paisagem como a expressão materializada das relações do homem com a natureza. Para alguns o limite da paisagem é o que a visão alcança, para outros é algo além do visível, resultado da articulação entre os elementos constituintes e deve ser estudada a partir da sua morfologia, estrutura e divisão (SUERTEGARAY, 2001). Suertegaray (2001, p. 5) continua sua argumentação explicando que entende paisagem como um conceito operacional '[...] um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, sócio-econômicos e culturais'. A paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais, podendo persistir elementos naturais, embora já transfigurados pela ação humana, (COSTA; ROCHA, 2010, p. 49).

Vale lembrar que Suertegaray tem uma perspectiva de entendimento do espaço geográfico como uno e múltiplo, e que entre os conceitos operacionais para análise espacial está a paisagem.

Segundo Vitte:

A geração da paisagem é o resultado imediato da intencionalidade humana na superfície terrestre. Seja ontem ou hoje, por meio dos mais variados meios técnicos e científicos, a sociedade imprime sua marca no espaço que fica registrada na paisagem. Assim, a paisagem é uma representação do espaço, (VITTE, 2007, p.78).

Nesse momento, a paisagem é vista como efeito da atividade humana, a sua intervenção na superfície da Terra de um modo geral. Outro autor que trabalha com uma perspectiva que dimensiona o observador na definição da paisagem é Passos (2000), muito

influenciado pelo pensamento de Bertrand (1968, 2002, 2007, 2009) que, em um primeiro momento, define o geossistema como um modelo da paisagem e, posteriormente, o sistema GTP (Geossistema-Território-Paisagem) como um modelo mais abrangente para a análise ambiental na ciência geográfica e, claro, a valorização da paisagem como um conceito chave para o desenvolvimento destas análises.

Passos é citado por Costa e Rocha:

[...] o termo paisagem, anteriormente envolto por uma carga romântico-naturalista, no século XX passou a ter caráter científico. O autor compreende que a paisagem é produzida historicamente pelos homens, segundo a sua organização social, o seu grau de cultura e o seu aparato tecnológico. É um espaço em três dimensões: “natural”, social e histórico. Ainda para Passos (2000), natureza e paisagem são conceitos diferentes. A natureza não é paisagem, a natureza existe em si, enquanto que a paisagem existe somente em relação ao homem, na medida em que a elabora historicamente, (COSTA, ROCHA, 2010, p. 50).

Inicialmente, Passos, conforme Costa e Rocha (2010), introduz o conceito de paisagem que se tinha anterior ao século XX, onde era caracterizado como extremamente “romântico-naturalista”, trazendo à memória as paisagens bucólicas de campos verdes e colinas floridas onde os pássaros fazem seus voos rasantes em meio ao capim... Pois bem, a fase romântica então é quebrada no século XX com sua condição científica imposta, resultando na quebra do ideal de paisagem natural, dando espaço a interpretações mais críticas, onde, por fim, a paisagem somente é tida como paisagem a partir do momento que o homem a contempla, afirmando ainda que a natureza já existe por si própria.

Por mais que cada autor evidencie diferentes aspectos em suas leituras a respeito do conceito de paisagem, de um modo geral, todos retratam paisagem como efeito de tempos sobrepostos e análises intrínsecas a cada indivíduo que se coloca na condição de observador. Conforme Ab’Sáber (2003): “[...] poder-se-ia dizer que as paisagens têm sempre o caráter de heranças de processos de atuação antiga, remodelados e modificados por processos de atuação recente”.

Portanto, a paisagem é produto dos tempos, a sobreposição de épocas e momentos históricos, exemplo, centro da cidade de São Paulo onde, em paralelo às edificações do Brasil Império, há construções contemporâneas e arrojadas das últimas décadas.

Considerando a proposição de Christofolletti (1999), “[...] o conceito de *landschaft* é visto como o de unidade territorial, onde a valorização maior está em focalizar as paisagens morfológicas e da cobertura vegetal, abrindo caminho para se estabelecerem distinções entre as paisagens naturais e culturais”.

A partir da visão positivista de paisagem, há diferenciação de paisagem natural das

demais (urbana, rural). A paisagem natural pode ser considerada livre de qualquer objeto e interferência humana, enquanto a paisagem cultural é caracterizada pelo arranjo social de uma comunidade e/ou população a partir de sua organização no espaço, ou seja, a partir do momento em que houver um objeto que tenha sido feito pelo homem em meio a uma floresta, esse objeto acaba de tornar uma paisagem natural em cultural, visto que o aspecto de natureza crua da “paisagem natural” fora rompido.

Holzer também traz uma citação de Gomes (1999), onde este diz o seguinte:

A paisagem envia-nos, então, a um campo que se estrutura na relação do eu com o outro, um reino onde ocorre a nossa história. A Paisagem guarda camadas de complexidade que se ampliam na lida com seus arcabouços teóricos e nos exercícios práticos de seus reencontros e representações ao longo da história, (GOMES, 1999, p. 123).

Richtofen e Ratzel, citados no livro “*O que é Geografia*” de Ruy Moreira (2005), a partir de referências paisagísticas de Humboldt, inicialmente conceituaram como sendo os elementos geomorfológicos os formadores da paisagem, porém, após estudos, designaram como base de análise da paisagem os fatores biogeográficos, formando então o conceito alemão de paisagem, isto é, a visão naturalista de paisagem...

Pereira e Soares (2012) trazem um trecho de Milton Santos que diz o seguinte:

A paisagem tem, pois, um movimento que pode ser mais ou menos rápido. As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também, das condições econômicas, políticas, culturais etc. As técnicas têm um papel importante, mas não têm existência histórica fora das relações sociais. A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico das técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis, (SANTOS, 1997, apud PEREIRA; SOARES, 2012, p. 69).

Mais do que demonstrar a passagem e ação do tempo, Milton Santos concebe a paisagem como aquela que retrata os momentos de situação econômica e superação de técnicas, bem como situações políticas e sociais que aconteceram. Nesse caso, se faz possível tomar como exemplo o cenário entre a desigualdade social que impera em nosso país. A famosa fotografia do Bairro Morumbi (à direita) e a favela de Paraisópolis (à esquerda) em São Paulo teve grande repercussão na mídia eletrônica e impressa, servindo de exemplo das condições sociais no país, condições estas que se arrastam há décadas, diga-se de passagem (Fotografia 1). Já que essa fotografia é resultado da evolução histórica do país, visto que a favela fora inicialmente se estruturando em virtude de invasões por população de baixo poder

aquisitivo e oriundas principalmente do nordeste do país. Inclusive até participaram do processo de construção das moradias luxuosas do bairro vizinho.

Fotografia 1: Bairro Morumbi-SP em paralelo à favela de Paraisópolis



Fonte: <http://www.tucavieira.com.br>

Nota: Foto da autora.

Contudo, não é preciso sair de nossa cidade (Erechim) para se deparar com exclusão social e questões do gênero, a seguir, têm duas imagens que entregam os problemas sociais através das moradias de diferentes bairros da cidade. A primeira fotografia é do Morro da Cegonha, bairro de mansões e, conseqüentemente, de população mais abastada, enquanto a fotografia abaixo desta, é do bairro São Vicente de Paula, e retrata a falta de acesso a melhores condições estruturais e até mesmo da rua, onde se pode ver que na primeira imagem, é asfaltada, enquanto a segunda não.

Fotografia 2: Moradias de alta classe em contraposição à moradias da população desfavorecida.



Fonte: google heart (2012).

Nota: Layout: autora.

Através das leituras sobre a conceituação da paisagem também se percebe o importante peso da vertente fenomenológica, que evidencia a interpretação a partir de observações próprias de cada indivíduo, onde essa vertente considera a característica e razão dos acontecimentos, sejam eles quais forem, a partir das percepções individuais, imaginação e possibilidades de correlação entre eventos. Por este viés, compreende-se que a paisagem começa e termina no indivíduo, de acordo com seus referenciais de interpretação.

Conforme Holzer (1997): “Para a fenomenologia a razão objetiva se refere à existência humana independentemente de que possa ser expressa em categorias de quantidade.”, ou seja, o fato do homem existir aliado à sua condição de ser pensante, já o torna por si próprio paisagem.

Holzer vai além de seus detalhamentos, citando Dartigues através do seguinte trecho:

Ela não se atém a estudar as experiências do conhecimento, ou da vida, tais como se apresentam na história. Sua tarefa é de: ‘analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido do fenômeno global que se chama mundo’, (DARTIGUES. 1973, p.30).

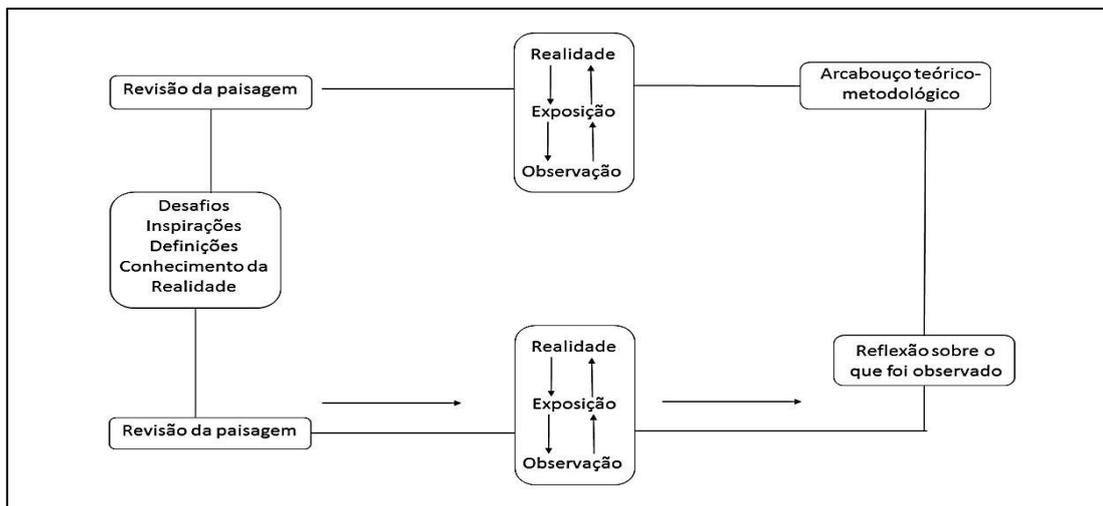
Quer dizer que o objetivo da fenomenologia é de encontrar sentido entre ação e reação, buscando identificar e mapear as reais intencionalidades por trás de determinado evento.

Ainda fortalecendo essa afirmação temos que:

Este processo de variações imaginárias denominado redução eidética, permite a distinção entre fatos e essências, onde o fato é colocado ‘entre parênteses’ deixando que apareça a ideia, o sentido. As essências são tantas quantas forem as significações que possamos produzir. Seus veículos são a percepção, o pensamento, a memória e a imaginação, dando a estas significações um caráter universal, intersubjetivo e absoluto. (p.79)

Bastante desafiadora é a compreensão da paisagem, muito em razão de sua subjetividade e abrangência, por isso, mais uma vez, insisto no pleno entendimento acerca desta e seu uso para observação, reflexão e solução para as mais diversas questões interpretativas e explicativas no ambiente escolar. Na figura 3 segue os passos que considero relevantes para a compreensão da paisagem como critério de análise.

Figura 3: Representação de um ciclo de observação da paisagem



Fonte: a autora.

Nota: Layout Souza, 2016.

CAPÍTULO 2: Geografia no ensino escolar

“A Geografia pode servir para um mundo melhor, no qual a injustiça social, o acesso a serviços de saúde e a distribuição da riqueza sejam equânimes. Um mundo que está por vir. Mas que pode começar a ser construído desde já”.

Wagner Costa Ribeiro

Em seus primórdios, a Geografia tinha sua funcionalidade no sentido de identificação dos lugares, descrição física e dos seus povos, tanto que a cartografia foi originada nos séculos em que houve as navegações e as primeiras “descobertas” de novas terras, momento este em que os viajantes desenhavam mapas de localização e pintavam as paisagens relativas a cada lugar que atracavam. Mas, no período mais recente Tonini (2006, p. 15), lembra que o pensamento geográfico foi sistematizado no final do século XIX.

Também é com a Geografia que os pressupostos de ideologias nacionalistas e construção de pertencimento à pátria e sua defesa ajudaram a dar corpo à ela como disciplina escolar. Nesse contexto, ela ganha uma nova cara, deixando de ser somente descritiva, mas sim conflitante e estratégica, sem perder seu espírito desbravador. Sua estruturação de conteúdos se dá a partir de pressupostos da Geografia alemã e francesa, mas, vale salientar que a perspectiva alemã, por sua vez, fora na época altamente nacionalista e dinâmica quanto à sua forma de conquistar novos territórios e defendê-los.

Nesse ponto, vale lembrar que por mais que haja um livro do célebre geógrafo Yves Lacoste intitulado “Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra”, nos tempos atuais creio que essa disciplina perdeu seu sentido patriótico de décadas atrás, seu foco atualmente remete às particularidades de cada lugar e cultura mundo a fora, detalhando suas atividades econômicas, seus modos de vida, enfim, as diferentes formas de relação das sociedades com a natureza no âmbito do modo capitalista de produção.

A Geografia contemporânea vem a colaborar com o respeito entre povos e a valorização de todas as nações. Por outro lado, ela é emissária dos reflexos do capitalismo desenfreado que consome os meios naturais para gerar lucro e mais valia (e por outro lado, emprego e sustento) que resultaram, resultam e resultarão no esgotamento e degradação ambiental em razão da instrumentalização dos elementos naturais, além das mazelas sociais que as ideologias dos poderosos causam, como a exclusão social, o abismo entre ricos e pobres, a fome, a miséria e o desemprego. Portanto, a Geografia também é uma ciência social na medida que se preocupa com as desigualdades sociais e o modo como elas se espacializam.

Para corroborar com a minha posição, no livro “Geografia escolar. Uma história sobre seus discursos pedagógicos”, Ivaine Maria Tonini afirma:

Segundo consta na historiografia, parece que a Geografia torna-se um campo de conhecimento somente em fins do século XIX. As condições de possibilidade para a sua tessitura estão assinaladas desde os primórdios da Antiguidade e se estendem por um longo período. As ideias sobre as coisas do mundo estavam cartografadas em outros campos do conhecimento, entre eles a Astronomia, a Cartografia... É, portanto, deslocando parte dos conhecimentos desses campos que se vai organizar a Geografia. E ela vai então ser fabricada como um campo demarcado de saberes com identidade própria, (TONINI, 2006, p. 15).

Ainda acerca da estruturação da Geografia como ciência, para que essa pudesse alcançar seu status científico, faltava-lhe um objeto de estudo. Para tanto, foi colocado como conveniente, conforme Tonini (2006, p. 16), agrupar todas as informações possíveis sobre a superfície terrestre. A referida autora cita que com esses levantamentos, inclusive, foi possível com que os colonizadores e negociantes traçassem suas estratégias de forma mais tendenciosa ao sucesso. Mas, naquele momento o que se deve considerar como um grande passo para seu caráter científico foi a forma de se trabalhar, baseada no processo de inquérito, mediação e exame.

Conforme a autora, para a maioria dos autores da Geografia antiga, os ideais de Immanuel Kant (1724-1804) é que foram decisivos para que houvesse um vislumbre da Geografia como futura cadeira escolar. Sua proposta era baseada como sendo uma possibilidade de estudo da relação homem x natureza. Os precursores da ideia Kantiana inspiravam-se, inclusive, nos pensadores da Grécia Antiga, onde as atribuições de catástrofes naturais, por exemplo, não estavam mais ligadas à ira dos deuses, mas sim, a fenômenos naturais e seus ciclos. Contudo, o ponto de ruptura entre o imaginário e a real ciência ocorre com a Filosofia Moderna, através de Descartes. E nessa nova ordem da teoria do conhecimento que foi criada, vejam só, já se utilizavam de regras universais para analisar a diversidade das paisagens ao longo da superfície terrestre (Tonini 2006, p. 20).

Kant baseava-se também na perspectiva do determinismo, entendendo que o fator determinante da característica de uma população estava ligado à ação dos elementos naturais naquela comunidade. Assim, acreditando na lei da natureza em paralelo à lei humana, resultando em dois campos de trabalho estruturados para que pudessem ser quantificados, o tempo e o espaço. O fato de se haver criado campos de unidades matemáticas, está ligado à necessidade de quantificação, um dos quesitos para caracterizar e validar o caráter científico de uma disciplina.

Nesse sentido tempo e espaço são unidades de conhecimento. Segundo Kant a unidade de conhecimento que se preocupava com o seu registro era o tempo (História),

enquanto que aquela que se preocupava com sua localização era o espaço (Geografia). Assim, essa perspectiva permite a separação entre o conhecimento para dois campos disciplinares: História e Geografia, (Tonini, 2006, p. 23).

No final do século XVIII, há a divisão da Renascença e da Modernidade, onde o responsável por essa ruptura foi uma dualidade conceitual, onde a autora coloca que esse ponto tornou-se interessante para a estruturação da Geografia, pois a mesma se amparava em duas questões duais, na dualidade matemático-cartográfica, chamada de *cosmografia*, e pela dualidade histórica descritiva, a *corografia*. A primeira estava relacionada ao caráter cartográfico como possibilidade de representação geral da natureza, e o segundo as características e particularidades dos lugares. Ou seja, o pensamento geográfico já dava traços de existência, visto que a avaliação, detalhamento e descrição de um determinado evento coincidiam com a questão de inquérito, um dos três elementos considerados relevantes para realizar um levantamento que possa ser considerado científico. A autora considera esse processo dual de impressões deixada pelo homem e natureza como característica importantíssima para a posterior sistematização da Geografia.

A Geografia estruturou-se como ciência ligada a natureza em razão do contexto histórico da época, onde os pressupostos filosóficos iam ao encontro do racionalismo. Nesse momento, cada análise era tomada como singular, e dotada de elementos *a priori*, ou seja, anteriores aos processos humanos e/ou até mesmo naturais, resultando em uma nova e *posteriori* paisagem geográfica, nesse momento é que se encontra uma das principais bases da ciência em questão, o discurso determinista.

A prática determinista segundo Gomes (1996) citado por Tonini (2006) considera que mesmo que o homem seja dotado de racionalidade, ainda se encontra como passível das intervenções da natureza em sua vida, tendo que adequar-se às condições que esta o impõe. Isto é, os elementos *a priori* é que são os responsáveis pela peculiaridade dos povos, são as condições naturais que regem, por exemplo, o tipo de cultura para cada época do ano ou localização geográfica, além de motivar as fronteiras entre os povos e até responsável pelas características físicas, atribuídas à exposição ao frio, calor e altitude, atribuindo-lhes também a condição de guerreiros ou menos guerreiros, corajosos ou não. Tanto que a autora utiliza do trecho abaixo para demonstrar a imperatividade do determinismo no século XVIII:

O discurso determinista da natureza regularizava, normatizava e governava povos. Os estudiosos dessa época aceitavam e difundiam o primado desse discurso. Tal fato pode ser corroborado numa citação do livro XIII de Herder, metade do século XVIII, *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit*: “toda a história da cultura teria mudado se a Força que criou nossa Terra tivesse alterado a forma das montanhas e dos mares” (*apud Sodré, 1989*)p. 28..

Mas foi somente no século XX que a Geografia teve lugar no ambiente escolar, como havia afirmado no início do capítulo, na Alemanha.

Conforme Tonini, o estado alemão encontrava-se enfraquecido, muito em razão da expansão do capitalismo, além de sofrer pressão do estado francês e inglês frente a sua política de expansão territorial. Para consolidarem sua ação expansionista, era necessário ser quão ou mais forte que seus estados vizinhos, para tanto, é que optaram por fortalecer o sentimento nacionalista, para então assegurar a manutenção de suas fronteiras e território já conquistado. Por isso é que lançaram a mão da Geografia como cátedra escolar, a fim de reedificar a identidade alemã, para encorajar os futuros cidadãos a lutarem pela consolidação e expansão da nação.

Mais do que fortalecer o orgulho patriótico, a Geografia viria a contribuir com o “controle do saber”, monitorando e disciplinando a população para servir o estado, tanto como mão de obra especializada, como para distribuir indivíduos de forma estratégica pelo território além de vigiá-los (Godson, 1990, apud, Tonini 2006, p. 30-31). Foi a partir destas medidas que o Estado-Nação se consolidou, pois então já tinha território demarcado, a ordem jurídica já estava disposta, assim como sua política. Vale lembrar também, que muito das contribuições científicas e que embasaram as ações metodológicas desempenhadas a nível escolar universal, foram possíveis graças aos apontamentos dos alemães Alexander Von Humboldt (1760-1859) e Karl Ritter (1779-1859), muito influentes nos meios científicos da Europa em sua época (Moraes, 1989; Sodré, 1989; Soja, 1993; Gomes, 1996, apud Tonini 2006 p. 33).

Quanto a promoção da Geografia como componente curricular da escola, Tonini cita uma citação de Goodson:

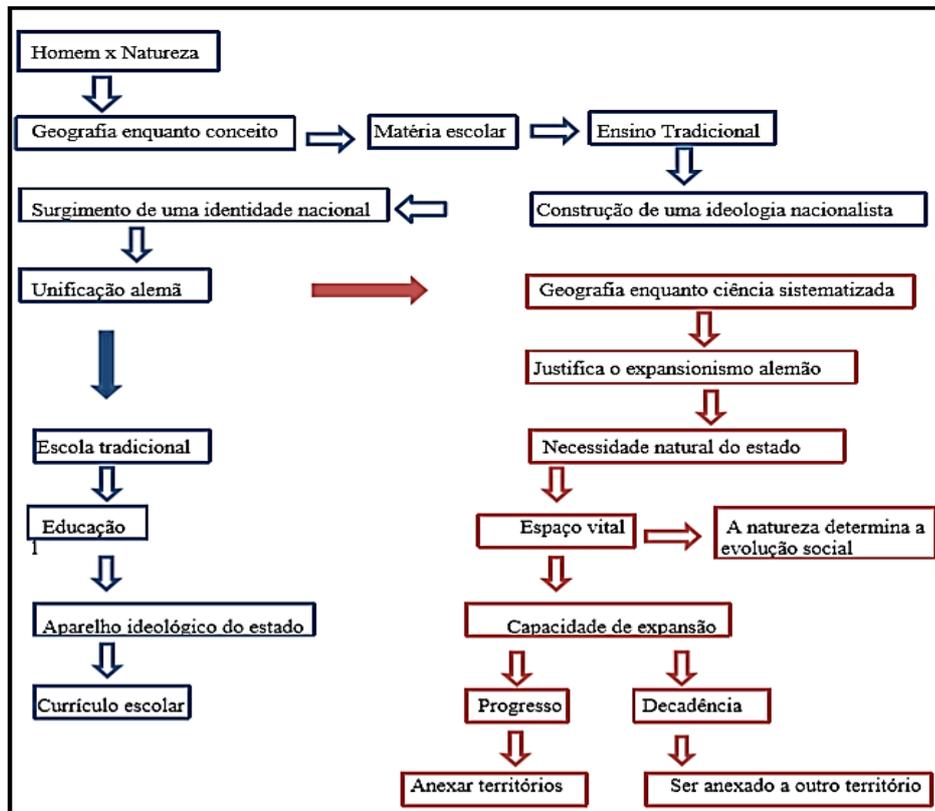
O inexperiente intruso assegura um lugar no horário escolar, justificando sua presença com base em fatores, tais como pertinência e utilidade. Durante esse estágio, os aprendizes são atraídos para a matéria por causa de sua relação com questões de seu interesse. Os professores raramente são especialistas treinados, mas trazem o entusiasmo missionário dos pioneiros a sua tarefa. O critério dominante é a relevância para as necessidades e os interesses dos aprendizes, (Goodson, 1990, p. 235).

Ainda complementando a adequação da Geografia na escola alemã, inicialmente se fazia o estudo natural do território alemão, como reconhecimento do relevo, vegetação e clima, para posteriormente tratar das questões estratégicas no território.

A seguir é possível vislumbrar, através de um esquema, a evolução da Geografia escolar descrita até o momento.

Figura 4: Esquema sobre a evolução da geografia como disciplina escolar a partir do avanço

histórico.



Elaboração: ENGEL, Camila, 2016. Layout: a autora.

Há outras vertentes do pensamento geográfico que também muito influenciaram no polimento do status escolar dessa ciência são as vertentes, da Nova Geografia, da Geografia Crítica e a Geografia Humanista.

A Nova geografia surge com uma proposta matemática, onde conforme Tonini (p. 62-63) o uso da estatística veio para melhor governar o processo social, político e econômico, através de cálculos e previsões matemáticas e estatísticas, quantificando, prevendo e antecipando fatos. Para então gerar ações que visem o planejamento e organização espacial e intencional dos governantes. É muito usada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No ambiente educacional se torna evidente ao passo que surgem medidas que fomentem e evidenciem projetos em áreas do conhecimento das exatas e não a outras áreas.

Já a Geografia crítica de cunho marxista, vai de encontro às críticas do modo de produção capitalista, se opondo aos modos de produção e o conhecimento produzido pelas políticas capitalistas, assim como se opõe às relações de poder, problematizando a realidade, na busca de conexões com as experiências de vida dos alunos para uma vida mais democrática. Tonini (p. 66-70) traz que a Geografia crítica tem por excelência romper a relação homem x natureza, vendo a educação como um processo contínuo para criar e

desenvolver habilidades, além de considerar ser passível de articulação das ciências, questionando o conhecimento escolar e sua forma de organização. Entende que o espaço geográfico é a expressão da comunidade, considerando necessário analisar essa totalidade social e natural, mas, com maior direcionamento para as questões sociais.

Quanto à Geografia humanista, como o nome já evidencia, é carregada de pressupostos humanísticos, trabalhando com o uso de apresentações artísticas e religiosas, comportamentos, artefatos gerados pelo homem. Considera o espaço como um lugar carregado de significações, onde homem produz sua cultura, suas análises e interpretações, culminando no surgimento de diversidades culturais. Afirmo ainda que o conhecimento deve constantemente ser recontextualizado e problematizado, resultando no aprendizado constante e aplicável na escola. Nesse momento, Tonini (p. 70-75) traz um trecho de CORRÊA (1995, p. 5) sobre a paisagem, onde ele diz que “a paisagem natural contém um significado simbólico, porque é produto de apropriação e transformação da natureza”. Ou seja, não existe mais paisagem natural, pois de alguma forma a interferência humana a modificou ou até mesmo intensificou.

O reflexo dessas vertentes do pensamento geográfico se faz nos currículos escolares, onde as intencionalidades podem ser ocultadas ou evidenciadas, mas sempre buscam um propósito. Seja formar cidadãos aptos para determinadas funções no mercado de trabalho ou no ramo da pesquisa, assim como deixá-los no cabresto para não desenvolver certas atitudes (indisciplina, rebeldia, falsa democracia).

Em meio a todas essas implicações da área do conhecimento, ainda temos que lidar com evolução técnica científica e eletrônica, possibilitada e disseminada pela globalização. Atualmente as aulas presas às lousas de giz são consideradas monótonas e tradicionais demais, tanto que, no estágio de regência 4, o professor da turma pela qual eu era responsável, me orientou a usar mais o “kit multimídia”, para diversificar as aulas. Cada vez mais se percebe a inserção de instrumentos eletrônicos nas salas de aula, tablets, notebooks, projetores, lousas digitais, enfim, uma gama de possibilidades, mas vale lembrar, que sem o domínio do conteúdo, a metodologia pode fadar ao fracasso.

Moran (2007) só vem a corroborar com essa minha proposição, ele julga que o momento de ensino já não ocorre somente e necessariamente na sala de aula, esse momento se expandiu até o espaço virtual.

A sala de aula perde o caráter de espaço permanente de ensino para o de ambiente onde se iniciam e se concluem os processos aprendizagem. Permanecemos menos tempo nela, mas a intensidade, a qualidade e a importância desse período serão incrementadas. Estaremos menos tempo juntos fisicamente, mas serão momentos

intensos e também importantes de organização de atividades de aprendizagem, (MORAN, 2007, p. 95).

O autor ainda entende que o ensinar Geografia esta cada vez mais complexo, pois como já disse, além de lidar com as terminologias e vertentes, tem que se situar com os aparatos metodológicos, mas lembrando de que não e somente eles. Considera também que deve se levar em conta que os ciberespaços são meios de divulgação de informação e não contribui por si só como conhecimento, mas que devemos entender que professores são incumbidos de trabalhar a informação trazida pelo aluno a fim de torna-la uma informação verdadeira e geradora de saberes, correlacionando ainda com outros fatores, pois como já disse o Moran, informação por informação não gera conhecimento.

Isso vale, portanto, para a inserção da categoria paisagem de forma incisiva quando se trabalham conteúdos de Geografia, pois tal categoria quando trabalhada desde o inicio da idade escolar conforme Roux (2001, p. 99) apud Puntel (2007, p. 286), é um instrumento que facilita na compreensão das diferentes paisagens do mundo, praticas culturais e sociais além de lhes proporcionar uma capacidade maior de análise de situações que vivenciam e enxergam no seu dia-a-dia.

Considerando uma citação de Cavalcanti (2004) feita por Puntel (2007, p. 288) onde diz que a Geografia serve para alfabetização e leitura do espaço geográfico, bem como a categoria paisagem, a qual conforme Cavalcanti é o elemento responsável pelo aprendizado da complexidade da relação sociedade natureza, e que inclusive será a balizadora de outros conceitos geográficos, como o de lugar.

O ato de ensinar como foi visto, tem se tornado um desafio nos últimos anos, muito em virtude dos aparatos tecnológicos, das estruturações da rede de ensino, como diminuição de períodos de matérias das ciências humanas, desvalorização do professor.

Para entender as dificuldades que os professores enfrentam nas salas de aula atualmente e para dar importância à valorização e a frequência da utilização do conceito de paisagem nas aulas de Geografia é que a entrevista a seguir vem a colaborar. Ela foi realizada com a professora responsável pela turma no qual realizei a prática de estágio II, regência no ensino fundamental. A escolha de questionar uma professora e não uma quantia maior, se deu pelo fato dessa professora ter sido aquela que proporcionou meu primeiro contato com a sala de aula e por ter estado sempre à disposição e ser pró ativa no período em que estive regendo as aulas de Geografia na Escola Estadual Lourdez Galleazi. Além do fato de que em conversas com os alunos eles declararam gostar das aulas da professora em questão, o que me motivou a conhecer mais suas propostas e posições, além do que, a coleção Araribá também

foi a coleção utilizada na escola por essa professora.

Entrevista sobre a importância do ensino de Geografia através da paisagem para uma professora do ensino fundamental

Autora: Você já utilizou a categoria paisagem em atividades de ensino (estágio de regência ou apresentações variadas – seminários, eventos, trabalhos em sala...)

Entrevistada: Sim. Em aula e muitas vezes através de imagens que se opõem, buscando chocar os estudantes, no sentido de chamar a atenção deles, porque esta difícil competir com esses Watzaps, tablet e tudo mais, o uso da paisagem se torna muito importante pra chamar a atenção dos alunos.

Autora: Teve alguma dificuldade em trabalhar com exemplos acerca do conteúdo apresentado?

Entrevistada: Não, pois é uma categoria que só vem a ajudar nas explicações, tanto na aplicação de atividades relacionadas á geografia física quanto á humana.

Autora: Foi verificado êxito no ensino/aprendizagem a partir das estratégias que você utilizou nessas atividades (estágio de regência ou apresentações variadas – seminários, eventos, trabalhos em sala...)

Entrevistada: Sim, o bom dessa categoria é que ela possibilita mostrar vários ângulos de uma mesma situação, por exemplo, em Cuba os avanços médicos vão de vento e poupa, mas e porque tanta gente foge do país se a saúde da população pode estar em constante manutenção? Tem que ver que o regime socialista é um possível causador dessa fuga. Ou seja, uma fotografia tirada no mesmo país, mas em diferentes perspectivas gera respostas diferentes . A mesma coisa na África, olhe uma fotografia da região de extração de petróleo em paralelo à outra da condição de vida da população, isso gera questionamentos, do porquê deles terem possibilidade de estarem bem e não, encontram-se na miséria! Porque são explorados.

Autora: A categoria paisagem é importante para o ensino de geografia?

Entrevistada: Sem dúvida é muito importante, pois a partir dela a gente consegue levar a realidade pra dentro da sala, o que resulta na reflexão dos alunos, muitos não falam quando a gente questiona e mostra algo, mas se você pedir pra escrever eles escreverão de forma impressionante.

Através da fala da professora é possível identificar uma das críticas que faço nesse trabalho, a dicotomia entre Geografia humana e física, que, penso ser tão problemático como a dicotomia entre paisagem natural e paisagem cultural. Essa visão separativa não é exclusiva da entrevistada em questão, eu inclusive, quando no início da graduação enxergava dessa forma, mas com as leituras que fiz e posições que ouvi de professores e até mesmo colegas, resultou uma nova concepção, baseada numa Geografia una, assim como a paisagem. No caso, minha ambição é trabalhar nesse sentido, de forma mais integrada essas concepções, mas como poderá ser analisado no material didático, este é elaborado de uma forma que dificulta essa visão englobada, trabalhando os conteúdos de forma separada. Esta crítica de separação de disciplinas por cada ciência, cada conteúdo, é separada em virtude de sua metodologia, se é das humanas ou exatas, enfim, sem conexão, ou, quando possível essa conexão de matérias ocorre de forma mínima.

Nessa altura da reflexão, vale ressaltar que a categoria paisagem é uma relevante questão para se quebrar esses paradigmas, seja via trabalho de campo, como uma volta na quadra da escola ou na rua onde os alunos moram! Imagens trazidas pra mostrar a situação da própria cidade ou vizinhança, enfim, e a partir dessas observações, sem dúvida veríamos os eventos não como processo natural ou antrópico, de isto ou aquilo, mas como processos conjuntos e em constante movimento.

CAPÍTULO 3: Análise da coleção

*Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!... E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!*

*Não sei que paisagista doidivanas
Mistura os tons... acerta... desacerta...
Sempre em busca de nova descoberta,
Vai colorindo as horas quotidianas...*

*Jogos da luz dançando na folhagem!
Do que eu ia escrever até me esqueço...
Pra que pensar? Também sou da paisagem...*

*Vago, solúvel no ar, fico sonhando...
E me transmuto... iriso-me... estremeço...
Nos leves dedos que me vão pintando!
(Mario Quintana)*

É válido elucidar antes de tudo, o quanto o livro didático é importante no âmbito escolar, pois possibilita que o aluno tenha acesso á informações precisas e imagens que contribuem para o melhor entendimento de determinadas situações. É um ponto de partida inclusive para momentos de leitura, que podem proporcionar ao estudante o prazer de ler outros livros. E mais, é um aliado do professor! Isso não quer dizer que se deva lançar mão somente dele, mas sim, a partir dele vislumbrar possibilidades de debate e estratégias de ensino, ainda se utilizando das lacunas que encontrar para construir significados e proposições mais adequadas para cada etapa de ensino.

Cada um dos exemplares não possui um título geral, apenas as numerações do respectivo ano (série) escolar. Cada um dos livros possuem oito unidades de estudo, e em cada uma destas unidades, há quatro temas, que mesclam textos e imagens, sendo que ao final de cada tema, há um momento com textos auxiliares e exercícios complementares, além de dicas de filmes e livros a serem indicados como complemento de estudo.

Na abertura de cada unidade há um pequeno texto que apresenta os conteúdos que serão desenvolvidos nela. Nas laterais das paginas os glossários vem para prestar informações adicionais, no final dos temas há representações gráficas a serem refletidas e interpretadas. Veja abaixo a respectiva coleção:

Figura 5: Capas dos quatro exemplares da coleção analisada neste trabalho.



Fonte: Coleção Araribá.

Nota: Layout autora.

Quadro 2: Análise do exemplar do 6º ano

UNIDADES	TEMA 1	TEMA 2	TEMA 3	TEMA 4
1-A geografia e a compreensão do mundo	Paisagem, espaço e lugar	O trabalho e a transformação do espaço geográfico	Orientação no espaço geográfico	Localização no espaço geográfico
2-O planeta Terra	Apresentando o planeta Terra	A origem da Terra	Formação dos continentes da Terra	As placas tectônicas em movimento
3-Os continentes, as ilhas e os oceanos	Os continentes	As ilhas	Os oceanos e os mares	A água nos continentes
4- Relevo e hidrografia	As principais formas do relevo terrestre	Os processos de formação e transformação do relevo	O relevo brasileiro	Os rios e as bacias hidrográficas do Brasil
5- Clima e vegetação	O clima	Os climas da Terra e do Brasil	As grandes paisagens vegetais da Terra	A vegetação brasileira
6- O campo e a cidade	O espaço rural e suas paisagens	Problemas ambientais no campo	O espaço urbano e suas paisagens	Os principais problemas urbanos
7- Extrativismo e agropecuária	Recursos naturais e atividades econômicas	O extrativismo	A agricultura	A Pecuária
8- Indústria, comércio, prestação de serviços	Do artesanato ao robô	Tipos de indústria	O comércio	A prestação de serviços

Elaboração:

Camila

Engel,

2016.

Unidade 1- A Geografia e a compreensão do mundo

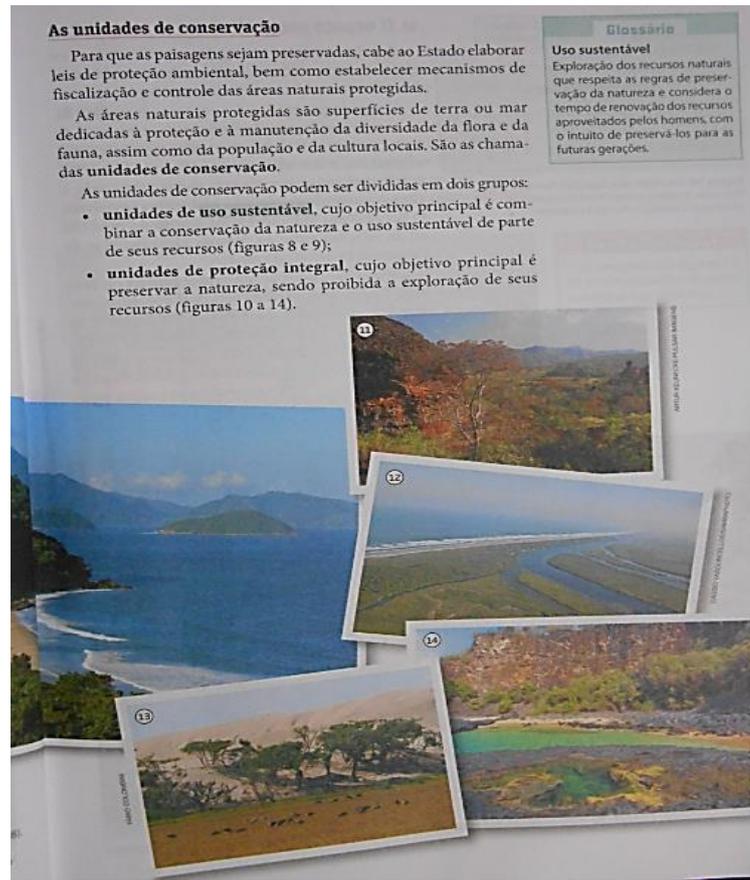
A análise é iniciada pelo livro do 6º ano onde, de antemão, ao analisar o sumário da obra, é identificada na 1ª Unidade “A Geografia e a compreensão do mundo”, no Tema 1: “Paisagem, espaço e lugar”. Na sequência, o Tema 2 apresenta a paisagem em um subtítulo chamado de “o trabalho e a transformação do espaço geográfico”, sendo o subtítulo referente ao conceito de paisagem “As relações entre trabalho e paisagem”.

A próxima unidade que trata o conceito de paisagem de forma evidente é a unidade 5, intitulada de Clima e Vegetação, trabalhando o conceito de paisagem no tema 3, chamado de “As grandes paisagens vegetais da Terra”, tal termo também aparece no tema 4, chamado de A vegetação brasileira, trazendo o subtítulo “Jalapão, um mosaico de paisagens”.

A unidade 6 aborda o objeto de estudo desse trabalho no seu primeiro tema através do título “O espaço rural e suas paisagens”, complementando com o subtítulo “paisagem rural” e “atividades econômicas na paisagem rural”, assim como no tema 3, referente ao “espaço urbano e suas paisagens”. Na continuidade das temáticas que o livro aborda, a última ocorrência do conceito de paisagem aparece ainda na unidade 6, mas, no tema 4, em uma seção no final da unidade, seção esta caracterizada como complemento de estudo e/ou curiosidades, é chamado “representações gráficas”, que faz abordagem à leitura das paisagens.

O início do conteúdo no primeiro tema do livro parte da análise da paisagem, trazendo a palavra *Paisagem* como um dos primeiros títulos da obra, em seguida tratando das paisagens com predomínio de elementos naturais e culturais, dando uma dimensão separativa do conceito. Ao longo do tema 1 ainda, surge o subtítulo As paisagens preservadas, demonstradas através da clássica mata amazônica e unidades de conservação ao longo do mundo, sendo que Unidades de Conservação tornam-se um subtítulo, cercado de fotografias de “paisagens naturais”.

Fotografia 3: Página 17; Sequência de imagens valorizando a dimensão natural da paisagem.



Fonte: Coleção Araribá, 6º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Na unidade 1 *A Geografia e a compreensão do mundo*, no tema 2 O trabalho e a transformação do espaço geográfico, esse trata das transformações do espaço geográfico através de representações de trabalhadores do setor civil em construções, plantações de arroz, construções encravadas em rochas na Jordânia, funcionários em colheita de uva, salinas no litoral brasileiro, boiada e vaqueiro, moradias em palafitas e residências de alto nível demonstram os reflexos do trabalho humano e a história material que deixou no espaço e atividade econômica desempenhada.

Um subtítulo que traz a palavra paisagem chama-se “As relações entre trabalho e paisagem”, onde fotografias de moradias de palafitas às de alvenaria motivam um debate da desigualdade social e/ou influência de moradias próximas a cursos d’água e sua ligação com o poder aquisitivo, além da consequência no meio ambiente, desse modo o tema em questão tem sua sequência sem citar paisagem de forma explícita, apenas através das imagens. No final dessa etapa de conteúdo, há um pequeno texto que traz em anexo, questões interpretativas acerca dos sambaquis, demonstrando através de uma fotografia de uma região

de sambaquis em um sítio arqueológico em Ponta da Garopaba do Sul, em Santa Catarina.

O tema 3 traz como conteúdo geográfico a orientação no espaço. No intuito de demonstrar a importância da orientação há uma fotografia de um navio em meio ao mar. Como não se tem referências terrestres em meio ao oceano, o livro aborda a necessária utilização de bússola e aparelhos de georreferenciamento.

O tema 3 não apresenta, em nenhum trecho, a categoria paisagem de forma descrita, tema esse responsável pela orientação no espaço geográfico, onde há fotografias de instrumentos como bússolas e rosa dos ventos, apenas como representação do objeto para os alunos, há apenas uma imagem da qual se possa estabelecer uma relação de aprendizado, é a de um navio em meio ao oceano, fato este que nos remete a interpretar a paisagem buscando referenciais de localização nos astros e constelações.

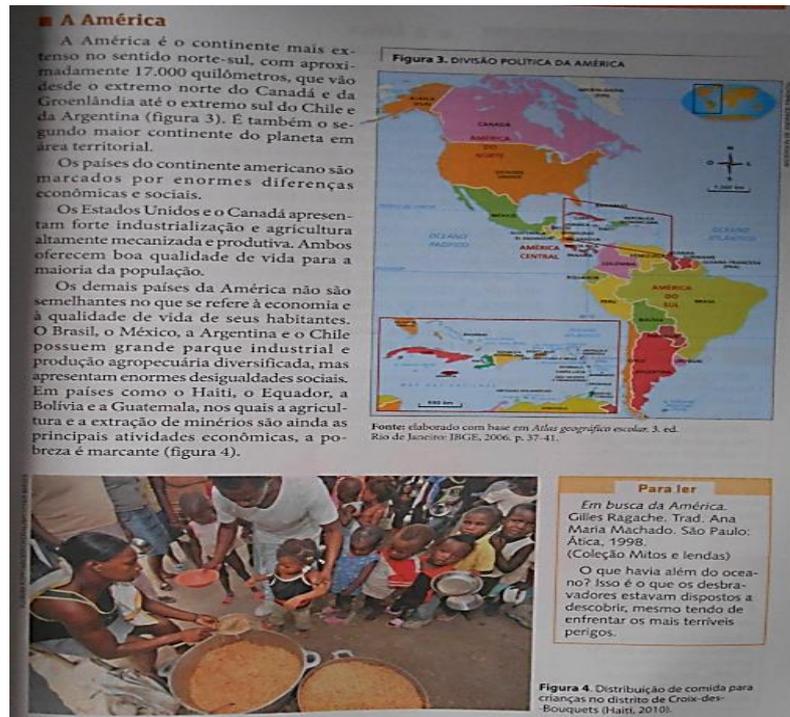
Unidade 2 – Apresentando o planeta Terra

Nessa unidade as representações artísticas e fotográficas são todas de caráter ilustrativo, seja para diferenciar paisagens dos trópicos das paisagens equatoriais, ou a disposição dos planetas no sistema solar, os mapas são para representar fusos horários e as eras na evolução terrestre.

Unidade 3 - Os continentes, as ilhas e os oceanos

A 3ª Unidade de trabalho, chamada de “Os continentes, as ilhas e os oceanos”, já no início do tema 1, onde fala sobre o continente americano, traz uma imagem que se tornou rotineira do povo morador do Haiti, distribuição de alimento para crianças e pessoas atingidas por acontecimentos naturais (furacão), a foto a seguir por si própria já entrega a situação vivida por tal população, exposta à miséria, fome e doenças, característica marcante da situação social também do continente africano. Nesse momento, seria interessante que o professor trouxesse imagens do continente africano, visto que esse também tem sua população faminta, sem emprego e sem como se sustentar, mas com um agravante, os conflitos civis, estes que ocorrem em razão da disputa de territórios entre os diferentes povos africanos. A contraposição das fotos geraria um debate relativo a suscetibilidade do homem à natureza, às condições financeiras e o reflexo da colonização nos dias de hoje, e ainda fomentaria questões relativas à disputa territorial ou áreas de tensão como produto de diferentes culturas.

Fotografia 4: Página 67; Distribuição de alimentos para a população Haitiana.

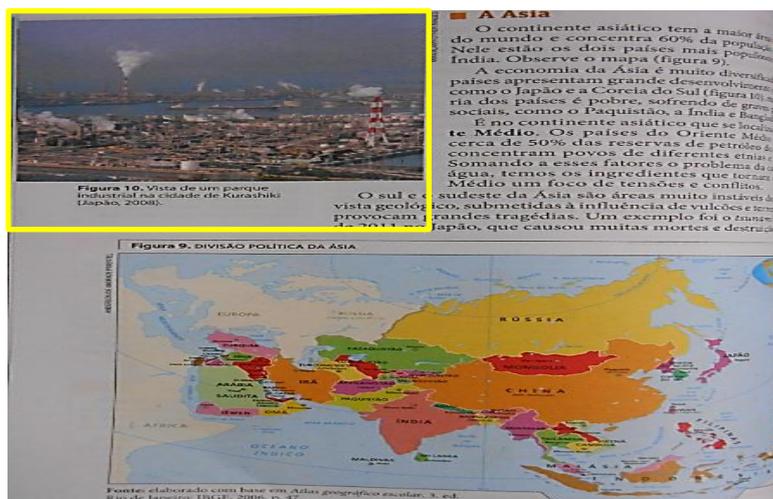


Fonte: Coleção Araribá, 6º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Nesse contexto há descrição de cada um dos continentes ao redor do mundo e as paisagens vem mais do que contribuir, vem explicar! Uma foto de uma localidade do continente asiático demonstra o quanto ele é uma potência industrial e tecnológica (talvez poluidora, por que não?). Abaixo, Japão, um dos países mais promissores em questões tecnológicas e poluidores, além de haver casos de mão de obra escrava ainda nos dias de hoje.

Fotografia 5: Página 70; Em amarelo está a fotografia de um centro industrial no Japão



Fonte: Coleção Araribá, 6º ano.

Nota: Fotografia da autora.

No que remete as ilhas, agora no tema 2, o termo paisagem não aparece e as fotografias mostram a diferença entre ilha vulcânica e atol, também através das representações gráficas.

O tema seguinte, de número 3, chamado de “Os oceanos e mares”, trabalha no sentido de caracterizar e localizar os oceanos, assim como a diferença entre um e outro, além de detalhar atividades econômicas possíveis a partir de sua exploração.

No 4º tema, intitulado “A água nos continentes”, a categoria paisagem não aparece, há apenas representações gráficas que contribuem para uma melhor compreensão do ciclo da água, estrutura de bacia hidrográfica e lençol d’água.

Ainda nesse mesmo tema, há fotografias de geleiras, lagos e crateras terrestres, mas somente como objeto ilustrativo.

Unidade 4 – Relevo e hidrografia

A 4º unidade, chamada de “Relevo e hidrografia”, no seu tema 1 “As principais formas de relevo”, não remete nada à paisagem, apenas traz fotografias que caracterizam regiões de depressão, planícies, montanhas e planaltos. Nesse trecho seria interessante haver uma abordagem em que um evento possibilitado por tais formações influenciassem na vida do homem, como um deslizamento de uma encosta montanhosa.

Há outras fotografias, como a do Vale do Rio São Francisco, que busca representar a estrutura morfológica de um vale, ainda da Chapada Diamantina, Serra da Mantiqueira entre outros. Mais do que só trazer a paisagem nua e crua, outro exemplo que poderia ter sido trabalhado é a utilização das margens do Rio São Francisco e sua transposição, refletindo

sobre as influências nas margens e ou na produção de alimentos.

O tema 2 “Os processos de formação e transformação do relevo” dá sequência ao conteúdo anterior, nesse momento explicando de forma descritiva e gráfica como ocorre a formação das montanhas e depressões, associando à movimentação de placas, além do ciclo das rochas e agentes de transformação do relevo, não trabalhando paisagem de forma direta, mas sim, através de desenhos gráficos dos eventos morfológicos e fotografias de lugares com relevo característico.

No tema 3, “O relevo brasileiro” são evidenciadas através de fotos as principais formas de relevo ao longo do país e descrição de suas respectivas classificações. O 4º tema chama-se “Os rios e bacias hidrográficas do Brasil”, e traz em mapas a distribuição das bacias e seus respectivos nomes ao longo do território brasileiro. As fotografias existentes apresentam áreas de irrigação e uso para geração elétrica, servindo, portanto, como representação visual da utilização da água como geração de riqueza.

Unidade 5 – Clima e vegetação

Na 5º unidade “Clima e vegetação”, as paisagens que estão impressas na página inicial falam muito sobre sua origem e clima a que estão expostas, adiantando muito sobre o que será trabalhado nos temas que compõem tal unidade, veja a seguir:

Fotografia 6: Página 114/115; Paisagens sobre as diferentes coberturas vegetais em virtude de sua exposição climática.



Fonte: Coleção Araribá, 6º ano.

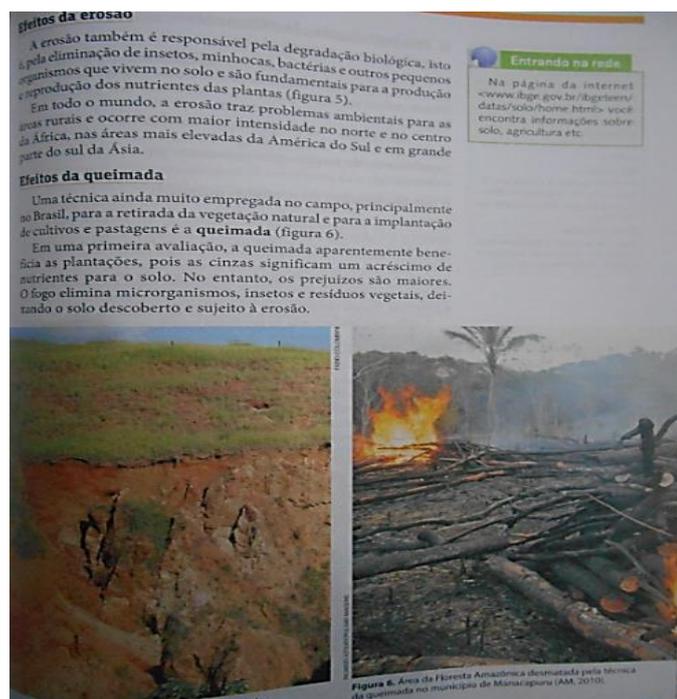
Nota: fotografia da autora.

No tema 1 “Clima”, de modo geral só traz mapas com representações gráficas sobre as massas de ar, além dos elementos do clima. Seguindo com o tema 2 “Os climas da Terra e do Brasil”, também há mapas temáticos localizando as áreas climáticas, e as paisagens existentes são ilustrativas, como fotografia de um céu com nuvens, matas de araucárias, locais em momento de precipitação de neve, enfim, tudo relacionado com a posição no globo e reflexo dos agentes do clima. Estes temas anteriores preparam “o chão” para o próximo tema, “As grandes paisagens vegetais da Terra” no tema 3, tema este que traz as coberturas vegetais como produto das ações climáticas e pedológicas ao longo do planeta, não evidenciando portanto paisagem para fins reflexivos, mas, representativos de uma localidade do planeta Terra. E por último, o tema 4 descreve a vegetação brasileira, basicamente seus domínios morfoclimáticos.

Unidade 6 – O campo e a cidade

Intitulada de “O campo e a cidade”, a unidade 6 tem em seu 1º tema a categoria de análise da paisagem em seu título “O espaço rural e suas paisagens”, caracterizando nesse momento a paisagem rural, modificada e “agredida” pelos reflexos da agricultura extensiva e sem parâmetros de preservação, que vem a causar nos ambientes processos de erosão, enfraquecimento do solo em razão da lixiviação e pela falta de cobertura vegetal. como pode se visto a seguir.

Fotografia 7: Página 145; Paisagem rural em decadência.



Fonte: Coleção Araribá, 6º ano.

Nota: Fotografia da autora.

No tema 3 “O espaço urbano e suas paisagens”, as paisagens fotografadas mostram tanto grandes aglomerações urbanas quanto cidades pequenas e pacatas, desapropriadas daquela arquitetura contemporânea das grandes cidades. Tais paisagens levam a refletir sobre o grau de desenvolvimento econômico e/ou cultural de um local, por exemplo, tanto que um dos títulos ao longo do tema 3 é “os diferentes tipos de paisagens urbanas”. O 4º tema trata sobre “Os principais problemas urbanos”, trazendo fotografias de edificações pichadas, deslizamentos de moradias, trânsito intenso e acúmulo de lixo, integrando males das grandes cidades, resultando em reflexões que vão ao encontro de solução e remediação de tais questões.

Unidade 7 – Extrativismo e Agropecuária

A 7ª Unidade “Extrativismo e agropecuária”, sem tratamento direto do termo paisagem, com exceção de um quadro no início da unidade que questiona o aluno sobre em qual das fotografias houve transformação significativa na paisagem em razão da atividade econômica, veja em amarelo a seguir:

Fotografia 8: Página 162/163; Paisagem da técnica humana voltada para produção.



Fonte: Coleção Araribá, 6º ano.

Nota: Fotografia da autora.

O tema 1 intitulado “Recursos naturais e atividades econômicas” não faz alusão à paisagem de forma contundente na sequência do conteúdo, sua utilização ocorre para

visualização de parte do processo, restando ao professor realizar as conexões com a paisagem não vista. Neste tema é trabalhada a extração mineral para fontes de energia assim como utilização dos mais variados recursos naturais.

O tema 2 vem com a temática “Extrativismo”, discernindo o animal do mineral e vegetal, assim como seus usos e reflexos no meio ambiente. As figuras existentes em tal tema servem para visualização do processo. No 3º tema, “A agricultura” é trabalhada de forma a explicar seu papel na produção alimentícia e/ou de subsistência no mundo, também trazendo imagens que representam os processos agrícolas e seus produtos a nível mundial e de Brasil. O último tema desta unidade denomina-se “Pecuária”, e detalha a relação entre pecuária e agricultura, a imagem que representa esse 4º tema é um lavrador com seu arado e boi.

Unidade 8 – Indústria, comércio e prestação de serviços.

É com a 8º unidade que se encerra a análise desse exemplar, unidade essa chamada “Indústria, comércio e prestação de serviços”. Seu 1º tema “Do artesanato ao Robô”, nada traz sobre paisagem, a não ser imagens sobre objetos e utensílios feitos por artesãos em oposição aqueles de tecnologia de ponta, como robôs e máquinas automatizadas. Dentre estas representações, há um pouco sobre a revolução e evolução industrial. Sobre o tema 2, se tem “Tipos de indústria”, com fotos de fábricas automobilísticas entre outros.

Fotografia 9: Página 196; beneficiamento, construção e transformação de material no setor automobilístico.



Fonte: Coleção Araribá, 6º ano.

Nota: Fotografia da autora.

O 3º tema entra com o papel do “Comércio” nessa trama capitalista, trazendo imagens

desde vendedores ambulantes a feirantes, em seguida do último tema, “A prestação de serviços”, representada por referenciais das telecomunicações.

Seguindo a ordem da coleção dos livros didáticos, o próximo a ser analisado será o do 7º ano, esse que tratará de conteúdos em nível de Brasil.

Quadro 3: Análise do exemplar do 7º ano.

UNIDADES	TEMA 1	TEMA 2	TEMA 3	TEMA 4
1-O território brasileiro	Localização do território brasileiro	Formação do território brasileiro	Regionalização do território brasileiro	Brasil: regiões e políticas regionais
2-A população brasileira	Brasil: aspectos demográficos	A formação da população brasileira	Os movimentos migratórios	A população e o trabalho no Brasil
3- Industrialização brasileira	A industrialização brasileira	A urbanização brasileira	Rede e hierarquia urbanas	Problemas sociais e ambientais nas cidades
4- Região norte	Aspectos físicos da região norte	Ocupação e exploração da região norte	Devastação na Amazônia legal	Desenvolvimento sustentável
5- Região nordeste	Aspectos físicos da região nordeste	Nordeste: ocupação e organização do espaço	As sub-regiões do nordeste	Nordeste: espaço geográfico atual
6- Região sudeste	Aspectos físicos da região sudeste	A ocupação do sudeste	Sudeste: organização atual do espaço	A economia industrial do sudeste
7- Região sul	Aspectos físicos da região sul	A ocupação da região sul	A população da região sul	a economia da região sul
8- Região centro-oeste	Aspectos físicos da região centro-oeste	Impactos ambientais no Cerrado e no Pantanal	Centro-oeste: expansão do povoamento	Centro-oeste: crescimento econômico

Fonte: Elaboração Camila Engel, 2016.

Nenhuma das unidades deste volume faz alusão à categoria paisagem em seu sumário.

Unidade 1 “O território brasileiro”

Seu conteúdo inicial é relativo a questões de localização espacial, representada por desenhos gráficos e de mapas mundi, indicando continentes, hemisférios e questões longitudinais e latitudinais. Quanto à questão paisagem ser tratada de forma explícita, sua única referência está em um subtítulo descrito como “As latitudes e as paisagens”, acompanhada pela fotografia abaixo:

Fotografia 10: Página 15; Mata de características latitudinais altas.



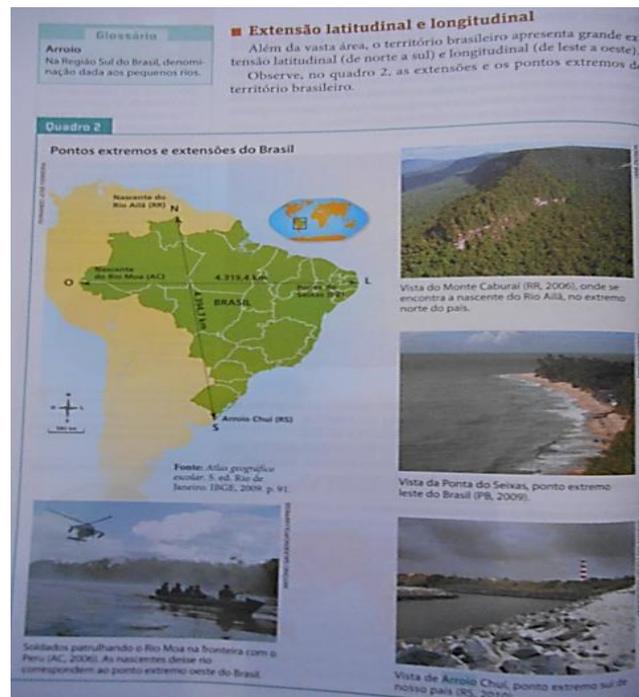
Figura 6. Paisagem de Mata de Araucárias no município de Tijucas do Sul (PR, 2009).

Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Os mapas apresentados tratam dos fusos horários, e as extremidades do país, onde a influência da latitude reflete na diferenciação de áreas, mesmo que dispostas em um mesmo território nacional, as diferenças das costas do extremo sul em contraposição ao extremo norte são notáveis. Segue fotografia sobre esses extremos:

Fotografia 11: Página 14; Paisagem do Iapoque ao Chuí.



Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

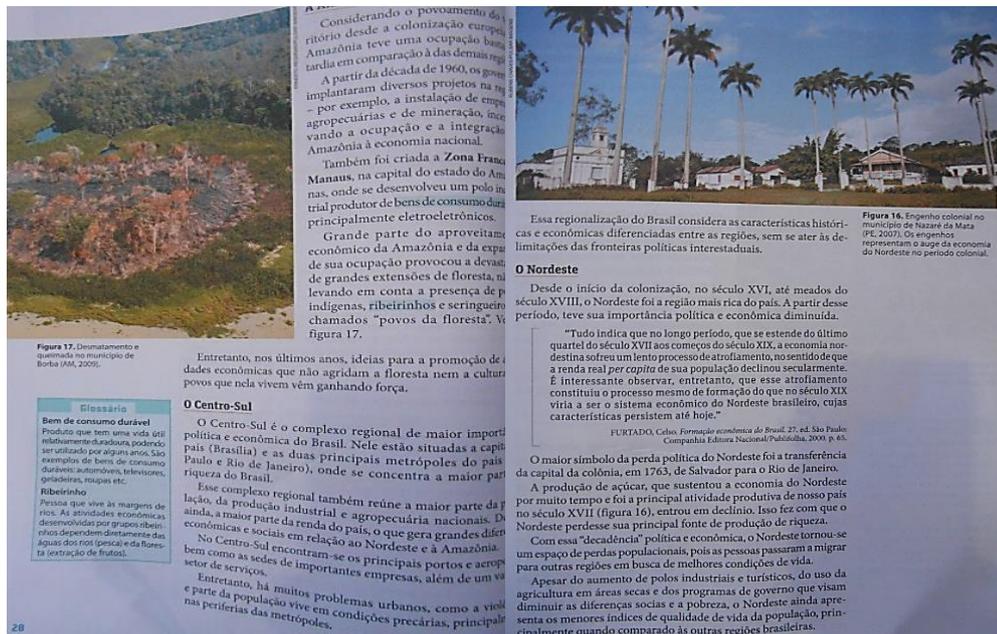
Nota: Fotografia da autora.

O tema 2 além de fazer abordagens textuais dos contextos históricos, se utiliza de mapas temáticos para descrever a formação do território brasileiro, desde a ocupação, Tratado de Tordesilhas, principais povos indígenas do país até as capitânicas hereditárias. Também há uma sequência de mapas que detalha a economia e o Território do Brasil nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. No fim deste tema, as atividades propostas trabalham com mapas sobre o tamanho das terras indígenas e um formato de quebra cabeça sobre um novo arranjo de estados.

O 3º tema aborda questões relativas à regionalização, utilizando de mapas para caracterizar as regiões brasileiras e desenhos gráficos que separam, por exemplo, áreas de moradia de áreas de indústria, com texto que direciona os motivos para se regionalizar.

No 4º tema, as regiões e as políticas regionais são visualizadas por mapas de divisões político-administrativas e regionais do Brasil, e outro mapa faz um apanhado geral sobre as grandes regiões do país e os complexos regionais. Considerando que são três os complexos regionais do Brasil, há um detalhamento sobre eles, onde quando se faz referência ao nordeste uma fotografia de um engenho colonial acompanha o título, enquanto a referência da Amazônia é uma área de mata queimada, e o centro sul não possui imagem alguma que o represente.

Fotografia 12: Página 27/28; Complexos regionais do Brasil através de paisagem, Amazônia e Nordeste.



Fonte: Coleção Araribá, 7º ano

Nota: Fotografia da autora.

As agências de desenvolvimento das distintas regiões ficaram dispostas em um mapa que delimita sua abrangência, lembrando que são as seguintes: Sudeco, Sudam, Dnocs, Codevasf e Sudene. No final dessa unidade os exercícios vêm acompanhados de mapas e imagens. Um dos exercícios solicita que seja feita a relação entre imagens e sua inserção na sua respectiva região, na sequência, um mapa serve de base para um exercício sobre os fusos horários, e outro mapa demarca as antigas delimitações dos complexos regionais.

Unidade 2 “A população brasileira”

O primeiro tema dessa unidade, trata dos aspectos demográficos do Brasil, trazendo mapas sobre a demografia brasileira em 2010, ainda mapa referente aos países mais populosos do mundo em 2010, além de pirâmides etárias e tabelas sobre taxa de fecundidade.

O tema 2 fala da formação da população brasileira, trazendo fotos de manifestações culturais como procissões e danças, arquitetura e gastronomia (este último evento encontrado no final da unidade, em anexo de um texto).

Um Brasil de muitas faces! O mosaico de imagens que vem a seguir, tem em sua fotografia da esquerda a arquitetura germânica em Gramado RS; no meio, gastronomia baiana representada pela cozinheira fazendo acarajé; e a direita, festa da congada (origem africana) em SP.

Fotografia 13: Página 43/44/47; Diversidade cultural herdada dos imigrantes ao longo do Brasil.

Os povos africanos

Assim como os indígenas, os povos africanos pertenciam a diferentes grupos étnicos, vindos de várias regiões da África, e representavam, numericamente, boa parte do total da população no período da colonização. Aproximadamente 4 milhões de africanos foram trazidos para trabalhar como escravos no Brasil, entre os séculos XVI e XIX. Muitos deles fugiram para formar comunidades quilombolas e, até hoje, é possível encontrar milhares de famílias de descendentes dos povos escravizados vivendo em comunidades remanescentes de quilombos. Essas comunidades foram criadas como uma forma de resistência às opressões que sofriam os negros escravizados.

Mesmo com o fim da escravidão no Brasil, as populações negras e pardas ainda sofrem com a desigualdade social. Essa desigualdade pode ser percebida por meio de levantamentos estatísticos realizados, por exemplo, pelo IBGE, considerando a população segundo cor ou raça. A figura 9 mostra a proporção de pessoas com mais de 25 anos que têm ensino superior completo, nos anos de 1999 e 2009. Repare que houve um aumento na proporção de negros e pardos no ensino superior em 10 anos. Entretanto, quando comparado com a população branca, a diferença ainda é grande.

Apesar da desigualdade social sofrida pelos negros e pardos e todo o passado de repressão aos povos africanos, os negros e pardos vêm ganhando cada vez mais espaço na sociedade brasileira. Além disso, suas manifestações culturais (figura 10), expressadas por meio da música, da religiosidade, da dança, da comida etc., têm um importante papel na composição cultural brasileira.

Biossário

Etnico
Relativo a etnia, isto é, grupo que apresenta características comuns quanto à história, língua, língua falada e a outros aspectos culturais.

Figura 9. PESSOAS COM 25 ANOS OU MAIS DE IDADE COM ENSINO SUPERIOR COMPLETO SEGUNDO A COR OU RAÇA NO BRASIL - 1999-2009

Ano	Branca	Negra	Parda
1999	4,7%	2,3%	2,5%
2009	10,1%	4,7%	5,5%

Figura 10. A comida é uma manifestação cultural e religiosa de influência africana. Na foto, congado na Festa de São Benedito em Ilhéus (SE, 2011).

Os imigrantes

Grande parte da população brasileira atual é formada por imigrantes oriundos destes. A chegada desses imigrantes deu sobretudo entre meados do século XIX e meados do século XX, quando europeus (principalmente italianos, espanhóis, alemães, sírios, libaneses, japoneses, etc.) chegaram ao país.

Os italianos, que formaram um dos grupos mais numerosos imigrantes estabelecidos no Brasil, a partir do final do século XIX, dirigiram-se principalmente para o estado de São Paulo. Nas regiões onde os imigrantes se estabeleceram, podem ser percebidas influências deixadas na paisagem (figura 11).

Idosos, cada vez mais presentes

Se você observar com atenção as pirâmides etárias da população brasileira, vai perceber como a população brasileira está cada vez mais envelhecida. Isso ocorre porque a população brasileira vem aumentando ao longo dos anos. Em 2009, a população com mais de 60 anos correspondia a 11,3% da população do país (figura 12).

Com o envelhecimento da população brasileira, haverá uma presença do idoso no nosso cotidiano. Em muitas situações, a população idosa é obrigada a sobreviver com a baixa qualidade dos serviços públicos. Além disso, uma parcela dos idosos, muitas vezes, sofre com a falta de cuidados necessários, até agressões físicas.

O aumento do contingente populacional de idosos exige atenção por parte do governo, principalmente nas áreas de saúde e previdência. Da mesma forma, a sociedade também deve proporcionar boas condições de vida e o respeito a esses indivíduos.

Para ler

Coleção Artes e Letras: Nereide Schilaro Santa Rosa. São Paulo: Moderna, 2004.

Por meio da observação de obras de arte, a coleção explora a questão da diversidade cultural. Destaque para os volumes: *Etnias e cultura, Festas e tradições e Usos e costumes*.

Saiba mais

As baiasas do acarajé

O acarajé é um prato típico baiano que não pode ser dissociado do candomblé. Por isso, a sua receita, embora não seja secreta, não pode ser modificada e deve ser preparada apenas pelos filhos de santo.

Figura 11. Rua de Gramadópolis, cidade fundada por italianos em São Paulo, em 1911.

Figura 12. PROPORÇÃO DE PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS NO BRASIL - 1999-2009

Ano	Proporção (%)
1999	9,7
2000	9,8
2001	9,9
2002	10,0
2003	10,1
2004	10,2
2005	10,3
2006	10,4
2007	10,5
2008	10,6
2009	11,3

Figura 10. Baiasas do acarajé, uma manifestação cultural e religiosa de influência africana. Na foto, congado na Festa de São Benedito em Ilhéus (SE, 2011).

Biossário

Profano
Que não é sagrado, não pertence a religião.

Como a autora descreve as baiasas do acarajé?

Qual é a relação entre o acarajé e o candomblé, religião de origem africana?

Por que as baiasas recusam qualquer alteração na receita do acarajé?

Que argumentos você imagina que tenham sido apresentados pelos técnicos do Iphan para o reconhecimento do acarajé como parte do patrimônio imaterial do Brasil?

Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

Nota: Fotografia da autora.

O 3º tema fala sobre os movimentos migratórios, representado por mapas.

Já no tema 4, os títulos vem acompanhados de imagens de crianças em colheitas, lixão, olaria e carvoaria, lembrando que o título da unidade é “a população e o trabalho no Brasil”. Com exceção das imagens do trabalho infantil, há apenas uma imagem que represente alguma profissão do país, uma fotografia interna do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

No final da unidade, nas atividades complementares, fotografia de fábrica de automóveis e plantação de milho representam algumas das atividades econômicas que o país desempenha, e por outro lado, fomenta o exercício a questionar o desemprego conjuntural e estrutural. O mapa que compõe este esquema de trabalho serve para quantificar a população por unidade da federação e mapear as línguas existentes no país e que estão a perigo de sumirem.

Unidade 3 “Industrialização e urbanização do Brasil”

O início da unidade é acompanhado por fotografias noturnas da região metropolitana de São Paulo, Trens da companhia metropolitana de São Paulo, siderúrgica em Cubatão e Morro da Dona Marta, também em São Paulo.

Fotografia 14: Página 62/63; Paisagens do dinamismo paulistano.

UNIDADE 3 Industrialização e urbanização do Brasil

A indústria e a grande cidade

Cerca de 84% da população brasileira vive no meio urbano, segundo o censo de 2010. Vamos ver, nessa unidade, que este elevado grau de urbanização está diretamente relacionado ao processo de industrialização do Brasil, que atraiu pessoas em busca de melhores oportunidades de vida às cidades, principalmente pela oferta de empregos nos setores industrial e de serviços. Entretanto, muitas cidades do país não estavam preparadas para este grande crescimento populacional, o que comprometeu a qualidade de vida especialmente nas metrópoles.

Estudaremos, também, a distribuição espacial das indústrias no país. Veremos que a histórica concentração industrial na Região Sudeste vem sendo alterada, nos últimos anos, com a dispersão de unidades produtivas pelo território nacional, já que outros estados e regiões têm apresentado crescimento em sua participação industrial.

Começando a Unidade

1. Como você identifica as áreas urbanizadas na imagem de satélite da foto A?
2. A foto D mostra uma ocupação em área de encosta. Por que essa forma de moradia é frequente em muitas cidades brasileiras? A quais riscos seus habitantes estão submetidos?
3. Observe a foto B e comente como o excesso de indústrias em uma determinada cidade pode afetar a qualidade de vida da população.
4. Qual é o objetivo de se construir linhas de trens metropolitanos e de metrô nas grandes cidades?



Imagem de satélite noturna da Região Metropolitana de São Paulo. A partir dos pontos luminosos, é possível observar regiões mais densamente ocupadas e o traçado das principais vias de transporte. Na porção inferior da foto, ainda é possível perceber ocupação da Região Metropolitana da Baixada Santista, cujo principal município é Santos. Foto de 2003.



Siderúrgica em atividade no município de Cubatão (SP, 2009).



Pátio de trens da do Metropolitano



Ocupação em área de risco no Morro Dona Marta, Rio de Janeiro (RJ, 2009).

Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

Nota: Fotografia da autora.

O mapa presente no tema 1 corrobora com o texto que o antecede, relativo a expansão do café e as ferrovias do Brasil, que posteriormente intensifica a industrialização do país, representado por outro mapa, mas este demonstrando a distribuição espacial da indústria no Brasil em 2006.

No 2º tema, o conteúdo é relativo à urbanização brasileira, acompanhado de mapa temático sobre a urbanização do país em 2010, e desenho gráfico sobre os “equipamentos urbanos”.

O 3º tema aborda questões de rede e hierarquia urbanas, representado em um mapa tais hierarquias, outro mapa sobre as regiões metropolitanas do Brasil em 2010, e ainda através de imagens que trazem teatro e laboratório médico de ponta, objetos estes que normalmente só podem ser encontrados grandes centros urbanos. A presença da fotografia aérea abaixo exemplifica a questão da conturbação urbana.

Fotografia 15: Página 74; Esquema explicativo do fenômeno da conurbação urbana.

Para ler
Desenhando São Paulo: mapas e literatura – 1877-1954. Teresa Emílio e Maria Lúcia Perrone Passos. São Paulo: Imprensa Oficial/Senac, 2009.
Com informações interessantes sobre a cidade de São Paulo e sua população, essa obra apresenta diversos mapas históricos que nos ajudam a visualizar o crescimento da maior cidade do país.

Quadro 1
Os municípios mais populosos
Com o aumento da concentração de diversas atividades nos centros urbanos e a consequente atração populacional para as grandes cidades, cresceu o número de cidades que possuem mais de 1 milhão de habitantes. Até 1960 havia apenas dois desses municípios no Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1970, esse número passou para cinco; em 1980 na dez; e no ano de 2010 chegou a quinze.

População em 2010	
São Paulo	11.200.000
Rio de Janeiro	6.800.000
Belo Horizonte	2.900.000
Brasília	2.700.000
Porto Alegre	1.500.000
Curitiba	1.400.000
Recife	1.300.000
Manaus	1.200.000
Salvador	1.100.000
Fortaleza	1.000.000
Boa Vista	1.000.000
João Pessoa	1.000.000
Teresopolis	1.000.000

Conurbação
A medida que aumenta o número de habitantes, a área urbana dos municípios cresce, isto é, áreas no entorno da cidade são transformadas em locais urbanos. Esse crescimento é denominado **expansão da mancha urbana**. Quando há uma expansão expressiva da mancha urbana de dois ou mais municípios, pode ocorrer uma **conurbação**, ou seja, as áreas urbanas desses municípios se unem fisicamente. Observe a figura 9.

As regiões metropolitanas
Em virtude da conurbação, em algumas áreas são definidas **regiões metropolitanas**, formadas por um município central e outros que estão sob sua influência, principalmente econômica. Uma das principais demandas dos habitantes de municípios conurbados é o transporte urbano, pois há um constante deslocamento de pessoas entre os municípios que compõem essas áreas. Assim, a constituição de transporte, sejam soluções entre os municípios que as compõem, em conjunto com o poder público estadual.

No Brasil, em 1974, um ano após ter sido criada a legislação das regiões metropolitanas, havia nove dessas áreas (Belém, Belo Horizonte, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro). Em 2010, as regiões metropolitanas já eram 38 (figura 10), que tem ocorrido num ritmo mais acelerado que o dos tradicionais centros urbanos. Esse fato está relacionado aos fluxos migratórios que vêm ocorrendo entre os municípios de um mesmo estado ou entre estados de uma mesma região.

Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.
Nota: Fotografia da autora.

O 4º tema deixa em foco os problemas sociais e ambientais nas cidades. Uma fotografia que exemplifica a distribuição de renda desigual do país, é sobre a vista da Baía de Vitória, onde esta é repleta de moradias em local proibido e sujeito a desmoronamentos. Essas moradias, que, inclusive, contribuem para a poluição, visto que a baía fica a mercê dos dejetos das residências, como a imagem abaixo demonstra:

Fotografia 16: Página 76; Arredores da Baía de Vitória, Espírito Santo.

Quadro 2
Muitas pessoas erguem suas casas em áreas de risco, como as vertentes de morros, ou às margens de córregos e rios. A ocupação dessas áreas, pela população que não tem condições de adquirir um imóvel em uma área segura ou de pagar um aluguel, reflete a péssima distribuição de renda no Brasil.

Vista da Baía de Vitória e, ao fundo, ocupação em área de risco no município de Vila Velha (ES, 2008).

Tema 4
Problemas sociais e ambientais nas cidades

No Brasil, os problemas sociais e ambientais urbanos, predominantes em grandes cidades, estão cada vez mais presentes em cidades menores.

Problemas sociais urbanos
Da população considerada pobre, a maioria vive em cidades, principalmente nas regiões metropolitanas. Também nessas regiões vive 80% da população moradora de favelas. Entretanto, pobreza urbana e moradias precárias têm sido cada vez mais comuns em cidades médias e pequenas.

Alguns dos problemas recorrentes em centros urbanos são:

- insuficiência ou baixa qualidade de hospitais, escolas, creches, centros de lazer e cultura;
- precariedade nos serviços públicos de saneamento básico (fornecimento de água tratada e encanada, coleta e tratamento de esgoto), habitação, coleta de lixo, iluminação e pavimentação, principalmente na periferia (quadro 2);
- sistema de transporte coletivo deficiente e precário (figura 11), além dos frequentes congestionamentos nas principais vias de circulação;
- elevados índices de violência (furtos, roubos, sequestros, assaltos), violência relacionada ao tráfico de drogas.

O espaço público
O medo da violência é um dos motivos apontados pelos habitantes das cidades para a alteração de sua relação com o espaço público urbano. Isso ocorre porque, temendo a violência, os centros, em seus momentos de lazer ou de compras, como os *shopping centers*, espaços públicos urbanos, como ruas e praças, deixam de ter função de convívio social – o que se vê, por exemplo, em festas populares – e passam a ter apenas a função de circulação.

Quadro 2
Muitas pessoas erguem suas casas em áreas de risco, como as vertentes de morros, ou às margens de córregos e rios. A ocupação dessas áreas, pela população que não tem condições de adquirir um imóvel em uma área segura ou de pagar um aluguel, reflete a péssima distribuição de renda no Brasil.

Vista da Baía de Vitória e, ao fundo, ocupação em área de risco no município de Vila Velha (ES, 2008).

Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.
Nota: Fotografia da autora.

Ao final da unidade, nas atividades propostas, um dos exercícios apresenta fotografias de represa com acúmulo de lixo em suas margens e ocupação desordenada da mesma. O questionamento do livro é sobre qual fenômeno social desencadeia tais problemas (no caso a

resposta seria urbanização não planejada aliada ao descaso dos órgãos públicos e desigualdade social). Ainda nesse momento de atividades, um texto reflexivo acompanhado de imagens de lixões e aterros, fala da gestão do lixo.

Unidade 4 “Região Norte”.

Com exceção de 3 fotografias, mosaico de fotos na apresentação da unidade e sobre mata de igapó e vitória-régia em Manaus, no temas 1 e 2 não há imagens nem nada que remeta à paisagem, basicamente mapas exemplificam o território da Amazônia legal, da região norte, a parte relativa á floresta amazônica e a divisão da região norte conforme o IBGE. E ainda outros que fazem referência a bacia-hidrográfica do rio Amazonas, do relevo, temperatura e precipitação, além de um mapa que exhibe a relação de recursos minerais existentes na região norte.

O tema 3 não trabalha de forma diferente dos dois anteriores, é apresentada uma imagem sobre uma área que sofreu recente queimada, o restante é trabalhado via mapas e uma imagem de satélite que abrange a área da floresta, onde um texto auxiliar explica porque ela não é o pulmão do mundo e qual sua importância na regulação do clima e manutenção de espécies da flora e fauna. Na sequência, um mapa sobre o arco do desmatamento colabora com o título “devastação da floresta” e outro mapa detalha a fauna ameaçada de extinção na região norte.

No 4º tema, o desenvolvimento sustentável na região norte é a questão central do tema, e as paisagens existentes são de produção de açaí, extração de látex da seringueira, além de um mapa das terras indígenas na Amazônia.

No final da unidade, imagens da Praia do Forte e Pico das Agulhas Negras são contrapostas e o aluno deve dizer qual delas está em altitude maior ou menor, também há um mapa físico do Brasil em duas versões, vertical e oblíquo. E para encerrar a unidade, um texto com a chamada “Amazônia para quem”, traz foto de protestantes bradando contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte.

Unidade 5 “Região nordeste”

Esta unidade aborda os aspectos gerais da região nordeste do país. Seu primeiro tema descreve os aspectos físicos da região norte, trazendo mapas climáticos, de precipitação, cobertura vegetal e hidrografia, havendo somente duas imagens retratando cactáceas da região e características de regiões semiáridas.

O 2º tema trata da ocupação e organização do espaço nordestino, trazendo uma foto de

casarios coloniais no centro de Salvador, além de um desenho gráfico de um moinho de açúcar. Ambas as imagens dizem muito sobre como se estabeleciam as relações comerciais e trabalhistas na época, onde o povo era escravo e os fazendeiros abusadores. Ao fim deste tema, os exercícios propostos trazem uma pintura de Portinari intitulada de *Os retirantes*, onde o livro sugere que muitos nordestinos que se mudaram pra região central do país eram tais, e o aluno deve responder por que esses são retirantes.

Considerando a grande região nordeste, divide-se em sub-regiões, é disso que se trata esse tema. Os mapas presentes mostram as divisões dessas sub-regiões e ainda demonstra como o espaço do nordeste é organizado. As fotografias apresentadas falam um pouco sobre as atividade produtivas e comerciais das regiões, como plantação de cana-de-açúcar na chamada área da zona da mata, o comércio de redes e cultivo do algodão colorido na faixa de transição de regiões chamada de agreste, quebra do babaçu na baixada maranhense. O final do tema é encerrado com um texto informativo e questões para responder acerca do Delta do Paraíba.

Neste 4º tema, é referente ao espaço geográfico atual do nordeste. Um mapa serve como “possibilitador” de um panorama da agropecuária, comércio e serviço do nordeste, onde ao analisar o mapa é possível perceber que a região da Bahia é mais promissora de todas, com grande concentração de serviços e indústria, e os portadores dos menores números são Piauí e Sergipe, aí está uma possibilidade de promover uma atividade onde os alunos deveriam trazer as questões que fazem com que esses estados fiquem abaixo dos demais do nordeste, contudo, vale considerar a questão do turismo em relação aos demais, considerando ainda que toda a costa norte e nordeste seja um dos principais destinos de turistas.

No decorrer desse tema, as mazelas sociais se mesclam com a bela vista do povo festejando e seus resorts. No mosaico abaixo temos à esquerda favela em São Luís; no meio, pólo têxtil em Camaçari e preparação de mangas para exportação; a direita bonecos de carnaval em Olinda e turistas em um resort em Aracaju. Nordeste pouco conhecido pelos seus centros produtivos tem seu momento de quebra de tabus sobre apenas festejarem, é um lugar de extração de matéria-prima á manufatura além do lazer. Em amarelo “favela de palafitas” em São Luís MA.

Fotografia 17: Página 132/131 e 130; Paisagens nordestinas.

Indicadores sociais do nordeste

Observando os dados da tabela 2, é possível notar uma melhora nos indicadores sociais brasileiros entre 1995 e 2009. No Nordeste, também houve melhora significativa. Ela pode ser atribuída ao crescimento econômico do país ao longo dos últimos anos e dos programas de governo que visam diminuir a desigualdade social, fortemente presentes no Nordeste.

Mesmo melhorando nos aspectos sociais e econômicos, o Nordeste continua a apresentar profundas desigualdades e os baixos indicadores sociais do país. Você pode observar na figura 21 que em 2009 mais da metade do número de analfabetos na faixa acima de 15 anos se encontrava no Nordeste.

Entre os motivos que levam os aspectos sociais a esse desempenho, destacamos:

- concentração de renda e de terras nas mãos de poucos;
- aplicação inadequada dos investimentos públicos em benefício da população nordestina, principalmente a do Sertão.

Devemos lembrar que as demais regiões do país também apresentam desigualdades sociais, mas elas são mais marcantes no Nordeste (figura 22).

Tabela 2. Brasil e Nordeste: alguns indicadores sociais

Indicador	Brasil e Nordeste: alguns indicadores sociais	
Ano	Taxa de mortalidade (‰)	Esperança de vida (anos)
Nordeste	8,38	65
Brasil	7,19	62

Fonte: *Projeção nacional por assunto de demografia 1996*. Rio de Janeiro: IBGE, 1997. *Sistema de indicadores sociais 2010* em uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

Dinamismo econômico

Podemos distinguir, na Região Nordeste, áreas de maior dinamismo econômico, responsáveis por uma enorme contribuição para o crescimento da economia nordestina verificada nas últimas décadas e citada anteriormente. São elas:

- polo petroquímico de Camaçari (BA);
- polo têxtil de confecções de Camaçari (BA);
- complexo mineral-metalúrgico de Fortaleza (CE), que abrange áreas do Maranhão;
- polo agroindustrial de Petrolina-Juazeiro (PE, BA);
- oeste da Bahia e sul do Maranhão e do Piauí, onde se desenvolve moderna agricultura de grãos;
- Vale do Rio Açu (RN), onde se desenvolve moderna fruticultura irrigada;
- diversos polos turísticos implantados principalmente nas capitais.

Destaque da economia regional

Recôncavo Baiano

O Recôncavo Baiano compreende vários municípios localizados em torno da cidade de Salvador. No município de Camaçari, a cerca de 50 km da capital, situa-se o Polo Industrial e Petroquímico de Camaçari (figura 19), que abriga importantes indústrias petroquímicas e de outros setores, como o metalúrgico e o automobilístico.

Os serviços

Algumas regiões metropolitanas do Nordeste (Grande São Paulo, Fortaleza, Natal, Recife, Maceió, Salvador) concentram atividades de serviços e de comércio. Mas aumenta cada vez mais a importância de municípios localizados fora das regiões metropolitanas. Feira de Santana, por exemplo, é o segundo maior centro comercial da Bahia.

Na categoria serviços, uma das principais atividades desenvolvidas na Região Nordeste é o turismo, com uma participação de cerca de 6% no PIB total da região.

O principal atrativo do turismo no Nordeste são as praias. Elas contam com a proximidade das metrópoles do Centro-Sul do Brasil, bem como de países europeus e da América do Norte. De Recife, por exemplo, há voos vindos de Miami, nos Estados Unidos, e de Lisboa, em Portugal.

Além das praias, outras atrações movimentam as atividades turísticas no Nordeste, tais como a riqueza histórico-cultural (figura 17) e o turismo religioso.

O alto potencial turístico atrai investimentos de grande porte de hotéis e resorts, nacionais e internacionais (figura 18).



Figura 17. Tradicional desfile de bonecos gigantes do carnaval de Olinda, em Pernambuco (PE, 2010).

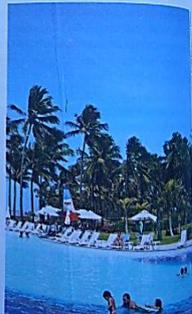


Figura 18. Turistas em resort em Aracaju (SE, 2010).

Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

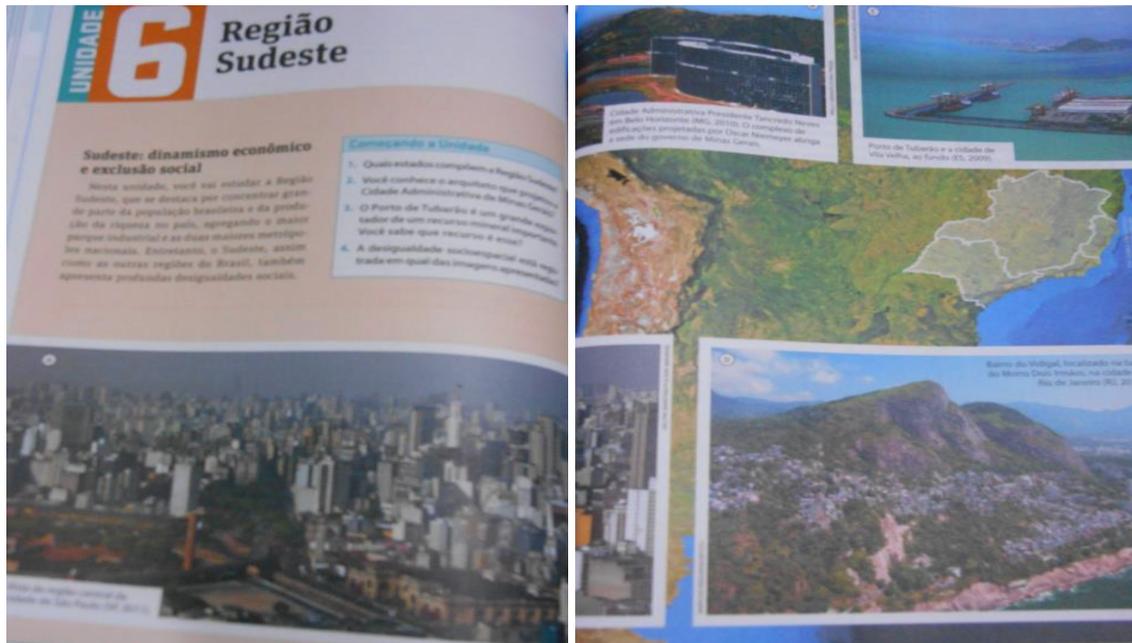
Nota: Fotografia da autora.

As atividades propostas no fim da unidade envolvem mapas e requer apenas uma boa reflexão e análise para responder as questões que o seguem, são questões relativas à atividade econômica desempenhada, para tanto há dois mapas, um antigo e um atual, para se fazer uma comparação das atividades nos dois momentos.

Unidade 6 “Região sudeste”

Já traz em seu subtítulo “sudeste: dinamismo econômico e exclusão social”, acompanhado de um mosaico de imagens compostas pela vista aérea da cidade de São Paulo, marginalização do bairro do Vidigal na encosta do morro Dois Irmãos RJ. Desigualdade social entre morro e centro do Rio de Janeiro e representação em imagem de satélite da porção sudeste.

Fotografia 18: Página 140/141; Centro e periferia do Rio de Janeiro.

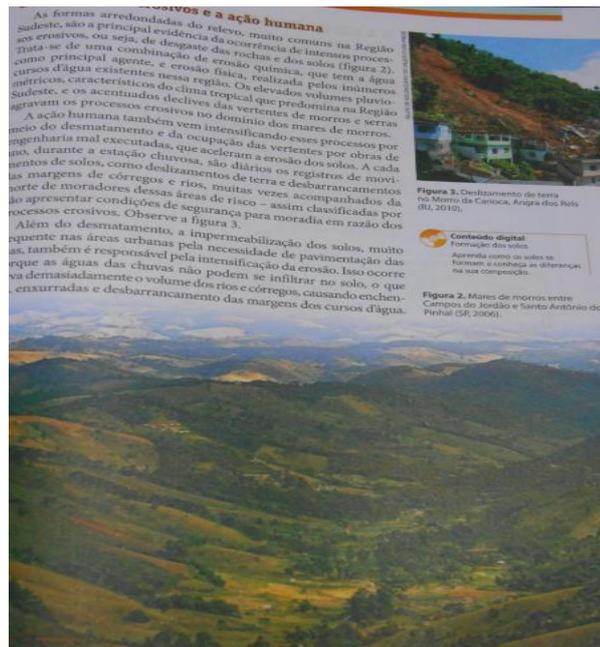


Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Para tratar dos aspectos físicos da região sudeste, os organizadores se valem de mapas da vegetação original, de deslizamentos em encostas habitadas e vista panorâmica dos mares de morros de Campos do Jordão.

Fotografia 19: Página 143; Paisagem morfológica de mares de morros, entre Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal.



Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

Nota: Fotografia da autora.

A hidrografia é apresentada via mapas temáticos, assim como sua questão latitudinal e climática.

O segundo tema vem a tratar da ocupação da região sudeste. Utilizando fotografias de uma fazenda em São Carlos SP e a igreja de São Francisco de Paulo em Ouro Preto. No final do tema, as atividades fazem questionamentos sobre relevo e vegetação, acompanhados de fotografias de áreas onde ocorreram deslizamentos e mapa temático sobre a devastação da mata atlântica. Além de trazer uma imagem do Parque Estadual da Serra do mar, acompanhada de um texto intitulado “as muitas faces da mata Atlântica”.

No 3º tema, o conteúdo apresentado trata da atual organização do espaço da região sudeste, para tanto, mapas da formação da megalópole e do complexo metropolitano esboçam o desenvolvimento do espaço em questão. A imagem que aparece nesse tema é da marginal pinheiro, a qual acompanha parte do poluído Rio Tietê, questão esta que pode ser levantada com os alunos, buscando problematizar a poluição como produto da rodovia e a urbanização não planejada. Veja abaixo em amarelo a marginal pinheiros costeada pelo rio mais poluído do Brasil, Tietê, onde décadas atrás nadadores praticavam natação e a população se banhava em suas águas.

Fotografia 20: Página 155; Marginal Pinheiros, em São Paulo.



Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

Nota: Fotografia da autora.

No 4º tema é a economia industrial que está descrita, complementada com mapa da atividade industrial no país. As fotografias existentes são do pregão no estado de São Paulo e

de um laboratório da Unicamp. A presença dessas imagens caracteriza a relevância da pesquisa para desenvolvimento satisfatório da indústria, aliado é claro aos investimentos e aplicações nessas indústrias, que acabam ocorrendo via bolsa de valores. O fechamento dessa unidade trabalha questão de relevo da região sudeste por intermédio de mapa temático, outro mapa traça a logística do etanol na região sudeste, e para tanto há questões a partir dessa análise. Ainda um texto sobre a diversidade de sabores na culinária dessa região é acompanhado de um desenho gráfico de um português, uma indígena e uma baiana, em frente a uma mesa com os mais variados alimentos, demonstrando o quanto a gastronomia da região é diversificada e influenciada por diferentes culturas e origens.

Unidade 7 “Região sul”

Mesmo não fazendo alusão à paisagem em seu sumário, aqui na 7ª unidade de trabalho, na página de abertura da unidade, a palavra paisagem aparece com um subtítulo “paisagens da região sul”. Abaixo uma porção de paisagens, são acompanhadas de um questionário, onde o aluno deve responder quais locais do sul que já foi ou não, e a partir das imagens apontar quais são as características da porção sul do Brasil e o qual gostaria de visitar.

Fotografia 21: Página 166/167: Principais paisagens do sul do Brasil.



Fonte: Coleção Araribá, 7º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Ao longo do tema 1, os aspectos físicos da região sul é que são abordados, se utilizando de imagens de floresta de araucária e das cataratas do Iguazu como elementos

naturais característicos dessa faixa do país. A vegetação e a hidrografia são abordadas a partir de mapas temáticos, assim como aqueles que delimitam a questão histórica.

Já no 2º tema, que trata da ocupação e organização do espaço sulista, tem em um dos mapas o traçado do Tratado de Madri, outro pontua as localidades onde as Missões Jesuíticas atuaram, outro assinala a localização dos principais núcleos de imigrantes da região sul. As imagens impressas falam um pouco da cultura instalada em cada lugar, uma foto do Museu do Trem em São Leopoldo representa a constituição alemã do povo local, o memorial Ucrânio em Curitiba remete a tais imigrantes que até hoje celebram eventos religiosos e populares de sua cultura no local. Perceba como a partir da observação de uma imagem_/paisagem, muito pode se descobrir sobre seu povo e história.

O 3º tema aborda aspectos da população da região sul, trazendo gráficos pizza sobre sua população em 2010, o gráfico trata dos estados de RS, SC e PR, onde a prevalência média da população urbana é em torno de 85% em cada estado. Na sequência uma fotografia aérea de uma favela em Porto Alegre pode ser tomada como reflexo da urbanização sem planejamento.

No 4º tema a economia dos estados do sul é quem aparece, também utilizando de gráfico pizza, que traz dados de âmbito nacional, onde demonstra que os estados do sul têm maior concentração de criação de galináceos e suínos, a maior do Brasil. Outro mapa detalha outros produtos da agropecuária e extrativismo da região sul, acompanhado de uma fotografia da colheitas de maçãs em Vacaria.

Quanto à questão industrial, esta é representada por um mapa de empresas industriais na região sul e PIB total dos setores na região, e representando a atividade terciária, uma imagem da Oktoberfest em Blumenau e dos Cânions em Cambará do Sul.

Para encerrar essa unidade, na sessão de atividades, mapas sobre a questão turística na região sul, outro sobre a distribuição da população e fotografia de um hotel termas, serve de instrumento de análise para resposta de questões relativas ao conteúdo apresentado ao longo da unidade. Na parte de representações gráficas, elementos topográficos do relevo do sul é que são apresentados, e finalizando, fotografia de Hotel no Vale dos Vinhedos e Festa da Uva, complementam um pequeno texto sobre “o potencial da Serra Gaúcha”.

Unidade 8 “Região Centro- Oeste”

Tem sua representatividade via imagem de satélite da sua localização, colheita de cereais, peão em meio à boiada, montadora de veículos e vista aérea do anoitecer em Campo Grande.

O primeiro tema trata dos aspectos físicos da região centro-oeste, lançando mão de mapas políticos, de temperatura média, precipitação total, físico, das bacias e regiões hidrográficas, onde através da fotografia do Maciço na Reserva Biológica Serra Dourada, aborda a questão dos divisores de água de uma bacia hidrográfica, e com a imagem do estaleiro do Rio Paraguai, demonstra seu potencial em transporte fluvial. Um mapa sobre a vegetação característica da região vem complementar um desenho gráfico das formações do cerrado, além de uma fotografia deste bioma. Imagens aéreas do pantanal, da onça pintada e da diferença das margens entre época de cheia e seca da porção pantaneira, assinalando sua biodiversidade e capacidade de adaptação de moradores e animais às duas distintas estações.

No segundo estão dispostos os principais problemas ambientais ocorrentes do Cerrado e Pantanal, onde antes de tudo, um mapa aponta os principais remanescentes de Cerrado no Brasil. As fotografias que vêm em seguida falam muito dos problemas ambientais enfrentados naquela região, seja através de um garimpo e os frutos do agronegócio como a pulverização em grandes áreas em grandes quantias. Ao final desse tema, as atividades relacionadas às atividades econômicas desempenhadas na região, vêm acompanhadas de imagens de vaqueiros e plantação de algodão. Na sequência, ainda, um texto sobre o município de Sorriso em Mato grosso é acompanhado por um mapa político.

Sua terceira temática de estudos trata das questões relativas ao povoamento e expansão do território centro-oeste, utilizando de mapas da pecuária e mineração do Brasil no século XVIII, e outro mapa sobre os núcleos de colonização no Mato Grosso, onde se percebe a razão pela qual havia muito interesse na região centro-oeste, seu potencial mineral e pecuário. Fotografias do Forte Coimbra, do acervo Orlando Vilas Boas e do Marechal Rondon e Theodore Roosevelt demonstram o interesse estrangeiro por essa região. No final do tema, vista do Congresso Nacional representa a estratégia de integração de estados, começando por mover a cidade satélite para o centro do país.

Para o quarto tema, restou à economia do centro-oeste, representada por gráfico de barras da quantidade de cabeças de gado no Brasil em 2006 e outro da mesma data, mas de soja. Uma fotografia representa uma das culturas da região centro-oeste, o algodão, em Sonora, Mato Grosso do Sul, Silos de armazenagem, Porto Seco em Anápolis, o turismo em Rio Formoso em Bonito e o Palácio do Itamaraty em Brasília. Encerrando essa última unidade do livro, a sessão de atividades traz imagem da Chapada dos Guimarães como objeto de trabalho das questões. Na sequência, na sessão de representações gráficas, a utilização de bloco diagrama mostra as altitudes do Pantanal e sua visão oblíqua. E por fim, um breve texto sobre o Cerrado e a questão econômica e ambiental é acompanhado por desenhos de tratores,

queimadas, gado, soja, floresta, rio e tamanduá, como representação da abrangência da exploração econômica na paisagem e bioma regional.

Quadro 4: Análise do exemplar do 8º ano

UNIDADES	TEMA 1	TEMA 2	TEMA 3	TEMA 4
1-Geografia e regionalização do espaço	O mundo dividido: países capitalistas e socialistas	Regionalização pelo nível de desenvolvimento	Uma nova regionalização	Regionalização de acordo com o IDH
2-A economia global	A economia mundial atual	As transnacionais	Os financiadores da economia mundial	Os blocos econômicos
3-O continente americano	Localização e regionalização da América	A formação histórica do continente americano	Relevo e hidrografia da América	Clima e vegetação da América
4- A população e a economia da América	A população da América	Atividades do setor primário na América	O desenvolvimento do setor secundário	O crescimento do setor terciário
5- América do Norte	Estados unidos: território e população	Estados unidos: potência econômica e militar	Canadá: o maior país da América	México: entre os países ricos e os países pobres
6- América Central: América Andina e Guianas	América Central: continental e insular	Guiana, Suriname e Guiana Francesa	América Andina: Chile, Bolívia e Peru	América Andina: Venezuela, Equador e Colômbia
7- América Platina	América Platina: aspectos gerais	O Paraguai	O Uruguai	A Argentina
8- O Brasil	Política externa brasileira	Brasil: potência regional	O Brasil e as organizações internacionais	O Brasil no mundo globalizado

Elaboração: Camila Engel, 2016.

Partindo da verificação do sumário, em nenhuma das unidades desse exemplar da coleção cita paisagem em seus títulos e subtítulos.

Unidade 1 “Geografia e regionalização do espaço”.

Analisando a primeira unidade de estudo, não há nada que remeta à paisagem, mas, as imagens existentes servem de apoio pra se trabalhar questões sociais e de poder. Esse 1º tema da unidade 1 é chamado de “o mundo dividido: países capitalistas e socialistas”, onde os subtítulos seguintes tratam das questões características dos modos capitalista e socialista, além de tratar do mundo bipolar, também tratando sobre a Guerra Fria e sua interferência.

Como citei no início do parágrafo, a paisagem não aparece de forma textual, mas as fotografias e pinturas impressas colaboram muito no embasamento das questões sociais que estes modos de produção refletem. Na primeira página do tema em questão, há várias imagens aéreas de praças de cidades como São Paulo, Buenos Aires, imagens as quais podem vir a contribuir para fazer um trabalho no sentido de comparação de várias imagens aéreas, que levarão o aluno a identificar através de um padrão arquitetônico e visual quem seriam os

prováveis colonizadores daquela cidade, no livro essa questão aparece como uma forma e como reflexo da regionalização do espaço, ou seja, a paisagem também é responsável por possibilitar caracterização de regiões e agrupamento dessas. Considerando que basicamente os grandes colonizadores foram europeus ou norte americanos, por todo o mundo é possível ainda encontrar traços de sua supremacia, seja nas formas arquitetônicas das praças, palácios, moradia, entre outros. Veja a baixo:

Fotografia 22: Página 10/11; Imagens aéreas de praças de grandes cidades do mundo.



Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Ainda na unidade 1, uma pintura de uma propriedade feudal possibilita entender a organização social do século XV, que até os dias de hoje se mantém a mesma, digo isso no sentido de hierarquia social: burguesia e proletariado.

Ao longo do tema, as imagens trazem população estadunidense e russa protestando contra o desemprego, traz uma fotografia de uma bolsa de valores nova-iorquina, derrubada do muro de Berlim (momento decisivo para a entrada do capitalismo no estado alemão) e mapas de rotas comerciais e da divisão político administrativa do capitalismo x socialismo.

Quanto ao tema 2, este trata da “regionalização pelo nível de desenvolvimento”, trazendo imagem de um lixão em Frankfurt, uma favela em Lima, sala de aula em Mumbai em contraposição de uma em Nova Jersey. Por mais que novamente não haja referência

textual à paisagem, esta pode ser trabalhada de uma forma muito dinâmica para a efetivação da aprendizagem acerca dos modos produtivos e seu reflexo na vida da população mundial.

A fotografia do lixão representa o consumo desenfreado que o capitalismo possibilita, através da criação e produção de bens materiais de baixa longevidade, com o intuito de dar movimento ao mercado, por outro lado também afeta o meio ambiente, modificando a paisagem e demonstrando a que nível a poluição pode chegar, resultando em medidas que visem a reciclagem e/ou reutilização de produtos, além de evidenciar a necessidade de aterros sanitários e parâmetros para sua regulamentação.

No que se refere às salas de aula que o livro traz, essas são o retrato da condição social e financeira de cada país em questão. Para um, decadência, miséria, falta de investimento e descaso não somente com os alunos, mas com a população em geral, para outro, investimento, visão de educação como promessa de mudança individual e social. Em suma, representação da desigualdade social.

No fim desse mesmo tema, nas atividades complementares, mais fotografias sobre favela em Madri e texto sobre ela além de imagens de uma criança pedindo esmola em contraposição daquela que se alimenta. A desigualdade no continente europeu, aquele considerado muito próspero (será?) e, diga-se de passagem, uma das principais opções de brasileiros que saem do país à procura de melhores oportunidades. A mídia não mostra, mas lá também existem favelas e pobreza, alimento pra uns e abandono pra outros.

Fotografia 23: Página 27/26; Favela em Madrid.

A maior favela da Europa

"Crianças brincam em uma favela sem saneamento básico. No chão, lama, fezes humanas, urina [...] A situação de precariedade – pior que a de muitas favelas no Brasil – retrata um domingo na Cañada Real Galiana, a 15 km de Madri, na Espanha. Essa é a maior favela do continente europeu, onde vivem 44 mil pessoas, entre ciganos, espanhóis, romenos e marroquinos. [...] Antigo caminho de gado, toda a extensão da Cañada Real é considerada área pública. Há 40 anos, casas surgiram no terreno. Viveu moradia de espanhóis que iam a Madri trabalhar na criação de gado. Depois, foi ocupada por ciganos espanhóis. Marroquinos muçulmanos também ocuparam o local e, mais tarde, ciganos romenos ergueram um assentamento lá.

Um lixão, construído na década de 1980, e uma parquia, há oito anos, completaram o cenário da favela. O espaço é estreito, mas bem demarcado: em uma ponta vivem os romenos. Na outra, os ciganos espanhóis. No meio deles, marroquinos. O trecho dos romenos, o Gallinero, é o mais precário. Ali, os barracos, erguidos sobre lama, são feitos de pedaços de madeira e lona. [...] A Anistia Internacional pede ao governo espanhol condições mínimas de saneamento básico, mas Madri estuda desalojar a favela, alegando ser uma via pública."

BELCHER, Laura. Maior favela da Europa abriga 44 mil pessoas em Madri. Folha de S. Paulo, 7 jan. 2012. Madri, p. A10.

Glossário
Anistia Internacional: Organização não governamental que defende os direitos humanos.

Exercícios

- Copie em seu caderno os trechos do texto que indicam a situação de precariedade da favela Cañada Real Galiana.
- Como surgiu a Cañada Real Galiana?
- Quem vive atualmente no local?
- A Espanha é considerada um país desenvolvido ou subdesenvolvido? Justifique sua resposta.

Organize e compartilhe

- Quais são as fases de desenvolvimento do sistema capitalista? Explique resumidamente cada uma delas.
- Copie e complete a tabela em seu caderno.

	Capitalismo	Socialismo
Características		
Ponto de influência no mundo Espantal		
Bloco da Europa correspondente ao polo de influência		

- Explique.
 - O que são países considerados desenvolvidos.
 - O que são países considerados subdesenvolvidos.
 - O que são países considerados emergentes ou em desenvolvimento.

Aplique seus conhecimentos

- Leia a notícia a seguir e responda.

China coloca Lua nas prioridades de seu programa espacial

"O governo da China confirmou (em 2011) [...] que em menos de cinco anos levará pela primeira vez um homem à Lua."

Observe as fotos a seguir.

to em lanchonete fast-food (Reino Unido, 2011). Criança pedindo esmola (Júlia, 2008)

Observe as condições de vida das crianças retratadas nas imagens e elabore uma reflexão sobre o tema com base no que você estudou até o momento.

Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

De modo geral, as imagens das quais citei acima vieram corroborar com os subtítulos relativos às desigualdades sociais ligadas à qualidade de vida e concentração de renda, tendo como resultado países desenvolvidos e subdesenvolvidos, industrializados ou não, que culminam na divisão do trabalho e dependência tecnológica, ligada à dominação colonial, econômica e tecnológica.

O tema 3, “uma nova regionalização”, traz um mapa sobre a “suposta” regionalização do mundo em norte e sul, divisão esta que levaria em conta que os países do norte seriam os desenvolvidos e os do sul subdesenvolvidos, contudo os indicadores sobre cada país não são homogêneos, gerando portanto, essa imprecisão. Há também uma contextualização textual sobre o mundo bipolar.

O 4º tema trata da regionalização a partir da análise dos índices de desenvolvimento humano (IDH), trazendo tabelas e mapas temáticos, estes últimos vêm com indicadores de cor sobre IDHs baixo, médio, elevado, muito elevado e sem dados. Nesse momento não há imagens, mas, como o tema anterior fora suporte para entendimento desses, já é o suficiente. Unidade 2 “A economia global”.

O início da unidade já traz fotografias de pessoas utilizando aparelhos celulares, *notebooks*, tablets, demonstrando que atualmente a economia global gira em torno da comunicação e novas tecnologias. A alusão à paisagem não é feita, e não há imagens para serem contextualizadas com o conteúdo. O que se trabalha neste tema é tudo que está ligado à indústria, comércio e suas trocas, como as relações de trabalho, o desemprego estrutural e conjuntural que também atinge os jovens. Traz de forma breve a implicação dos centros de economia global e a sociedade como transformadores do espaço, onde neste contexto também exprime de forma escrita os reflexos das transformações na produção, expansão e comércio internacional. A citação extraída sobre essa afirmação foi a seguinte:

Os avanços tecnológicos nas telecomunicações e nos transportes favorecem o intercâmbio político, econômico e cultural entre os países. Podemos dizer que atualmente o mundo forma um sistema integrado no qual país, cidades, empresas e universidades, por exemplo, encontram-se interligados. Nesse sistema há um constante fluxo de informações, capitais, mercadorias e também pessoas. Assim, são muitas as transformações no espaço geográfico, decorrentes da globalização da economia. (Org. Ed. Moderna, 2010, p. 41)

No fim do tema, um texto intitulado “Crise econômica, crise ambiental”, contextualiza essa evolução tecnológica e comercial em paralelo aos seus efeitos no meio ambiente, modo capitalista de produção representado pela indústria e transporte, tendo como alvo a extração e manipulação dos elementos naturais para obtenção de lucro.

O 3º e 4º tema fala sobre os financiadores da economia mundial e os blocos econômicos, não fazendo alusão à paisagem em nenhum momento do texto, e nem através de fotografias. Os conteúdos do tema 3 tratam de características do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, enquanto o tema 4 fala das características e quais os blocos econômicos existentes no mundo, assim como localização e composição. Ao longo do tema, os mapas que aparecem vem contribuir com a localização no mapa mundi.

Para encerrar a unidade, textos reflexivos sobre o acesso ou não à globalização, tendo títulos como “a globalização como fábula”, “a globalização como perversidade” e “outra globalização”. Junto ao texto, há duas fotografias que contribuem para a reflexão sobre como a globalização não atinge todos. Imagem da direita mostra estudantes estadunidenses manipulando tablet, à esquerda criança em Mali brincando com carrinho feito a mão (informações conforme legenda). Isso nos faz refletir sobre o fato da globalização estar mesmo em nível mundial, visto que muitos ainda não tem condições de acesso à informação e tecnologia.

Fotografia 24: Página 58/59; Globalização vista como total, enquanto é parcial.



Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Unidade 3 “O continente Americano”.

Após alguns temas sem aparecer, a categoria paisagem ressurge na 3ª unidade que se refere ao continente americano. Sua aparição ocorre em uma questão que diz seguinte: “qual das paisagens americanas apresentadas pelas imagens mais lhe agrada? Por que?”. Segue a

baixo:

Fotografia 25: Página 60/61; Mosaico das belezas naturais do continente americano.



Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Considero essa questão um elemento que não dá movimento às aulas de Geografia, visto que as paisagens das imagens não retratam situações do continente americano que possam ser problematizadas ou refletidas de alguma forma, apenas servem como indicação de lugares turísticos (esse é o apelo que senti), possibilitando minimamente aprendizado referente ao relevo e seus agentes, contudo se por exemplo, na fotografia do vulcão houvesse ao pé da montanha uma comunidade de indivíduos, poderia se trabalhar a influência dos fatores exógenos no regimento da vida destas pessoas. Por outro lado, a imagem da praia pode servir de estudo ambiental a partir do momento em que o acesso de turistas aumenta drasticamente a ponto de trazer poluição da água e areia e até interferência na população de espécies marinhas do local. Isso se aplicaria para as principais cidades costeiras do continente americano. O professor poderia questionar os alunos sobre os principais problemas dessas áreas, trazendo para aula e gerando um diálogo a partir das informações que os alunos trouxeram, resultando em maior conhecimento sobre os diferentes locais deste mesmo continente.

Os temas 1 e 2 falam basicamente sobre a localização, regionalização e formação

histórica da América, se utilizando de mapas com fins de localização. Também os mapas marcam os diferentes colonizadores e os povos ancestrais. Quanto à colonização, há foto de uma pintura de uma colônia de exploração na América Latina. O fim do tema traz um texto alusivo à “oficialização da posse das terras em Massachusetts”, representado graficamente por um indígena norte-americano assinando um documento na presença de um “branco”.

O 3º tema disserta acerca do relevo e hidrografia da América, descrevendo as características morfológicas da costa leste e oeste, assim como das planícies e depressões do centro continental, a hidrografia e seu conjunto de bacias também é explicada na sequência. Nesse tema a paisagem aparece através de uma fotografia do rio Paraná, o qual serve de limite entre Brasil e Paraguai. Os elementos constituintes do relevo em muitos casos servem como limítrofes de cidades e comunidades, do mesmo modo isso ocorre em locais com presença de rios.

No tema 4 os conteúdos de clima e a vegetação é que serão tratados. O tema é iniciado pela definição e caracterização da latitude, relevo, massas de ar e água, para posteriormente considerar a incidência das espécies vegetais em virtude dos fatores climáticos. As fotografias que o tema em questão apresenta representa cada uma das formações vegetais existentes ao longo da América, sendo a tundra, floresta boreal, temperada e subtropical, savana, pradaria, deserto, estepe, florestas tropicais e equatoriais. Um mapa temático relativo à distribuição, localização e tipo climático do continente americano e outro sobre a vegetação original da América só vem colaborar com os apontamentos feitos até o momento.

O final da unidade traz exercícios de interpretação de imagens de satélite e mapa do tempo, além de um texto acompanhado de uma imagem do vulcão Uturuncu, na Bolívia.
Unidade 4 “a população e a economia na América”.

O início da unidade traz pinturas feitas por ícones da arte americana, como Tarsila do Amaral e Frida Kahlo. Pinturas estas que representam a composição do povo americano e atividade desempenhada. À direita, ícone do cinema e moda norte americanos (o glamoroso) e indígenas amontoados (os escravizados), á esquerda composição étnica da sociedade americana e vida de esperas da classe trabalhadora á direita (proletariado).

Fotografia 26: Página 86/87; Constituição do povo Americano através da arte.



Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Tema 1 trabalha com um panorama da população da americana, detalhando sua densidade, crescimento demográfico, crescimento populacional e pobreza. Nesse último item trazendo uma fotografia da qual já comentei nesse trabalho (foto 1). As tabelas de Índice de desenvolvimento humano e pirâmides etárias só vêm corroborar com as imagens da desigualdade social e precariedade dos serviços públicos, principal característica dos países subdesenvolvidos. Nas fotografias abaixo, á esquerda em amarelo a precariedade dos serviços de saúde na América Latina em geral. Enquanto em amarelo à direita, a ordem capitalista obriga a população a dar tudo de si!

Fotografia 27: Página 90/10: Precarização da saúde à esquerda, extração mineral e comércio à direita.

Classificatória
Taxa de mortalidade infantil indica o número de crianças que morrem antes de completar um ano de idade a cada mil nascimentos. Quanto menores os cuidados médicos e alimentares, maior a taxa.

Indicadores sociais
Apesar dos avanços verificados nas últimas décadas, os problemas sociais mais graves da América Latina estão relacionados à saúde pública. Em grande parte dos países latino-americanos, o atendimento público-hospitalar é inadequado e insuficiente para a maioria da população (figura 3). Além disso, um elevado contingente de pessoas vive na pobreza, o que resulta insuficiente para obter alimentação adequada ou ter acesso a medicamentos. Dois indicadores sociais ajudam a compreender as diferenças nas condições de saúde na América Anglo-Saxônica e na América Latina: a taxa de mortalidade infantil e a expectativa de vida. Observe a tabela 2.

Tabela 2. Taxa de mortalidade infantil e expectativa de vida de países americanos selecionados - 2009

País	Mortalidade infantil (por mil)	Expectativa de vida (anos)
América Anglo-Saxônica		
Canadá	5	81
Estados Unidos	7	78
México	15	76
Braçil	18	71
América Latina		
Peru	16	74
Bolívia	43	68
Nicarágua	24	70
Haiti	59	67

Fonte: Banco Mundial. Data Disponível em: <http://data.worldbank.org>. Acesso em: 14 de 11/2010.

Os países subdesenvolvidos do continente americano apresentam taxas de natalidade mais altas e expectativa de vida mais baixa que dos países mais ricos. Assim, na América Latina, é grande a participação de crianças e jovens na estrutura etária da população, típica na América Anglo-Saxônica e maior a participação de adultos e idosos.

Para assistir
Cláudio de Mello, diretor de Mídia, Argentina/Brasil/Chile/Colômbia/Peru/Cômbia/Trinidad, Ruanda/Vitória Fátima, 2004. Baseado no relatório de viagem de Ernesto Cuervo pela América do Sul. Faz um retrato sobre as condições socioeconômicas do continente em meados do século XX.

Desafio
4) (Fuvest, 2005) A análise do gráfico permite afirmar que a América Latina apresenta

- indicadores sociais mais próximos aos dos países ricos que aos da média mundial;
- posição intermediária entre os países ricos e a média mundial, sendo o melhor indicador de longevidade;
- renda igual à média mundial e indicadores de longevidade e educacionais melhores que os da média mundial;
- renda semelhante à dos países ricos e os melhores indicadores de qualidade de vida do planeta;
- índices de longevidade e educacionais semelhantes aos dos países ricos.

Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

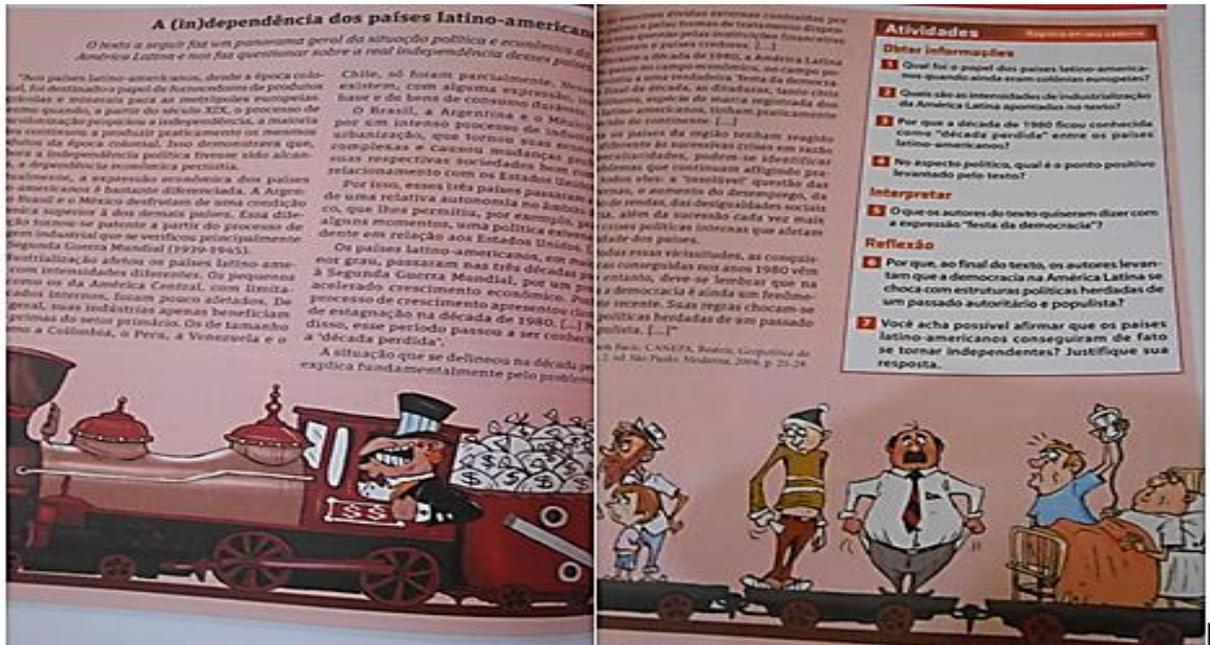
Nota: Fotografia da autora.

O 2º tema desta unidade de trabalho tem seus conteúdos voltados para as atividades do setor primário no continente americano. As imagens registram plantações de milho, extração de minério, e o mapa assinala as regiões da América e suas respectivas atividades agropecuárias.

O tema 3 discorre sobre a atividade secundária do continente, trazendo estes serviços posteriores à extração da matéria prima representados por uma fábrica de aviões em Washington e a vista aérea do Vale do Silício, Califórnia.

O 4º tema dialoga com os anteriores, já que trata do setor terciário. As imagens remetem ao comércio ambulante na Argentina, e o mapa aborda a porcentagem desses níveis por setor em cada um dos principais países das Américas. O fim da unidade traz fotografias de trabalhadores ambulantes e de extração de minério, além uma charge. Outra animação mostra uma figura aparentemente de um homem norte-americano tirando dos povos da América Latina o pouco de riqueza que tinha, para deixá-los em sua futura independência vazios!

Fotografia 28: Página 106/107; O que restou após a saída dos colonizadores?



Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Unidade 5 “América do Norte”

Mais uma unidade iniciada com apelo naturalista e do “belo”, utilizando de imagens das cataratas do Niágara, da vista aérea da cidade do México à noite e um memorial a Lincoln.

Da mesma forma que procedeu com história da América no primeiro tema, agora o tema 1 detalha a história da América do Norte, quanto à sua população e território, desde seu povoamento e expansão até a divisão política e sua fase Imperial. Até esse ponto as retratações são referentes a pinturas da Guerra de Secessão e de escravos nos galpões, além de um mapa das treze colônias inglesas.

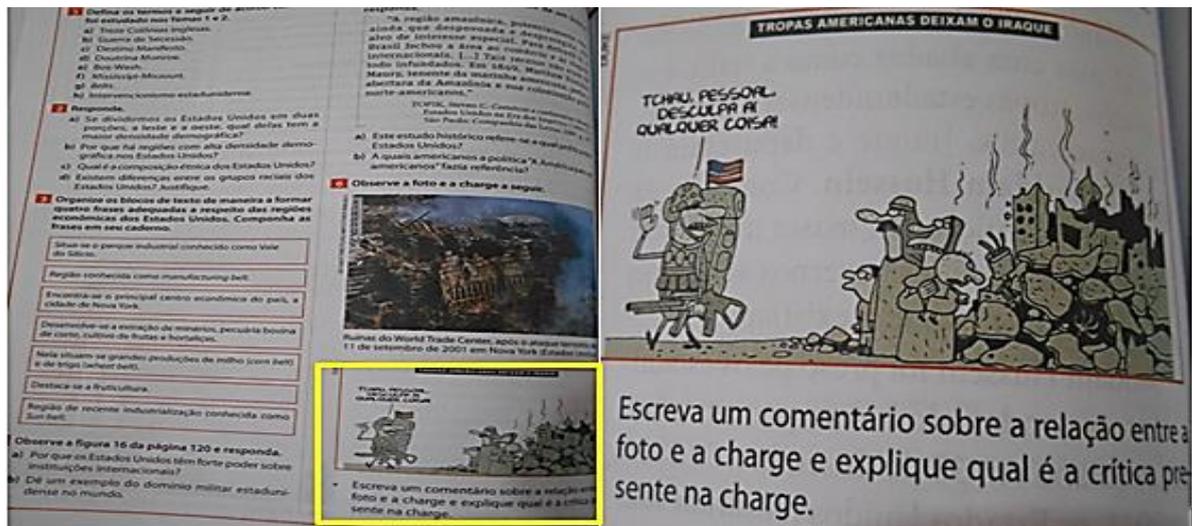
Terminada essa contextualização histórica, é iniciado o detalhamento dos aspectos do relevo, acompanhado por mapa temático das montanhas rochosas e foto dos Montes Apalaches. A hidrografia é representada pelo Rio Mississípi, enquanto o fator climático é representado pela região semiárida do Grand Canyon, cortada pelo Rio Colorado. Para falar da população estadunidense há um mapa da densidade demográfica dos Estados Unidos, e um gráfico pizza para descrever a composição étnica.

O segundo tema dessa unidade explica sobre como os Estados Unidos se tornaram uma potência mundial economicamente e militarmente. Os mapas presentes no início do tema trazem informações sobre as regiões produtoras (*Belts* dos Estados Unidos), acompanhado de uma fotografia de produção de nectarinas.

Quanto ao fator militar, um mapa mundi traz evidenciadas as regiões que estão submetidas á forças do exército norte americano. Também traz imagem do ataque às Torres Gêmeas, como acompanhamento de um subtítulo “O terrorismo contra os Estados Unidos”.

O fim do tema vem com imagens sobre os escombros do World Trade Center e charge crítica ao intervencionismo norte americano em outros países, que direciona uma crítica para os ataques dos Estados Unidos ao Iraque, supostamente em nome do terrorismo, ou será que não seria em razão de suas jazidas de petróleo? Veja a baixo:

Fotografia 29: Página 122; Charge sobre em que estado ficou o Iraque após os ataques.



Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.
Nota: Fotografia da autora.

No próximo tema, o conteúdo descrito é relativo ao “Canadá: o maior país da América”. Uma fotografia da capital do Canadá é acompanhada por um mapa das províncias e línguas existentes no Canadá. Para sistematizar as questões relativas à economia imagens de cargas de madeira descendo rio a baixo, colheita de trigo e mapas do uso da Terra são utilizados, além de outro mapa relativo à existência de recursos naturais e a indústria canadense, contribuindo para maior detalhamento da questão agropecuária e industrial.

O 4º tema aborda questões referentes ao México, trazendo imagem de um local turístico das pirâmides mexicanas, outro de uma plataforma de petróleo de uma plantação. Fotografias estas utilizadas para representar a economia, no seu aspecto da agricultura, pecuária, indústria e extrativismo desse país. No fim dessa unidade, uma sequência de imagens de coberturas vegetais diversas, servem de exercício para que o aluno indique o nome delas e a abrangência, além de mapas sobre o uso da Terra na América Latina e sua população. E para falar um pouco de cultura, um texto com imagens sobre a comemoração mexicana em alusão ao dia dos mortos.

Unidade 6 “América Central, América Andina e Guianas”.

A unidade inicia com um jogo de imagens do Capitólio Nacional em Havana, ruínas da civilização Maia, praia de Palm Beach e estação de esqui no Vale Nevado (Chile).

O ponto de partida do primeiro tema é a América Central, composta pela América Continental e Insular. Os mapas presentes contribuem para a localização das Américas e distribuição da população, assim como sua composição étnica e socioeconômica. Outro mapa é responsável pela especificação da agricultura na América Central. As imagens de pontos turísticos vem colaborar com um título relativo à questão turística das ilhas nas Bahamas, Caribe, além de trazer imagem aérea do canal do Panamá, representando a força de uma hidrovia como meio de transporte, que por sinal é muito utilizado pelos mecanismo extrativistas e da indústria. Por outro lado, os problemas sociais e políticos formam um cenário conturbado, onde, por exemplo, reconstruir o Haiti está sendo um desafio, pois ele passou por terremoto avassalador e neste ano foi atingido por um forte furacão. O livro traz uma fotografia da capital Porto Príncipe devastada pelo terremoto em 2010.

O tema 2 aborda questões relacionadas à localização, população e economia da Guiana, Suriname e Guiana Francesa. O mapa existente mostra a divisão política das Guianas, enquanto as outras 2 fotografias são de vistas aéreas de Caiena e Paramaribo. No final do tema, as atividades relacionadas mostram lugares de extração de sal na Bolívia e turistas no Parque Nacional do Chirripo.

O 3º tema, é sobre América Andina, e assim como os demais temas já tratados nessa unidade, este também não traz a palavra paisagem em nenhum momento, as figuras, fotografias e mapas vem mostrar como os lugares são, servindo de ponto de partida para dinamizar as explicações e dar movimento às aulas.

Os mapas demonstram as divisões políticas e as imagens trazem a conhecimento o relevo do Vale da Lua no deserto de Atacama, as margens do Lago Grey (Chile). As atividades descritas sobre território e população, além de suas atividades econômicas se aplicam detalhadamente tanto para o Chile, como para Bolívia e Peru. Inclusive uma imagem de mineradores de estanho na Bolívia demonstra uma das atividades econômicas desenvolvidas em tais países. Ainda sobre a população, a fotografia de uma indígena dentre as inúmeras etnias existentes, representa a prevalência desse povo como sendo quase a metade da população peruana. Na imagem abaixo, A mãe que carrega seu filho nas costas, demonstração da cultura indígena da região, os anos passaram, mas a população originária ainda se mantém forte. Formação de uma identidade nacional.

Fotografia 30: Página 156; Paisagens características do Peru.

O Peru
O território peruano tem 1.285.220 km², abrangendo uma população de pouco mais de 29 milhões de habitantes, cuja principal característica é a elevada participação de indígenas (45%) em sua composição étnica (figura 20).

Herança inca
O Peru é o maior herdeiro da cultura inca. Em seu território situa-se a cidade de Cuzco (figura 21), cujo nome, na língua quíchua, significa "ombigo do mundo". Cuzco foi um dos principais centros da religiosidade e da cultura dessa antiga civilização pré-colombiana, organizada em um Estado que dominou a região andina entre o ano 1200 e a conquista espanhola em 1533. Os territórios subordinados ao Inca (o imperador) abrangiam o norte da Argentina e do Chile, todo o território do Peru e da Bolívia, o Equador e o sul da Colômbia. Leia o quadro 8.

Quadro 8
Vicunhas a salvo
Foram os incas que domesticaram a vicunha, animal do qual obtinham a lã e o couro finíssimos empregados nas vestes do imperador. Em consequência do abate intenso para uso da pele e consumo da carne, na década de 1970 as vicunhas chegaram perto da extinção. O governo peruano decidiu então proteger a espécie, proibindo sua caça e delimitando áreas especiais para a reprodução. Hoje a vicunha saiu do ranking de espécies ameaçadas de extinção.

Conflitos sociais
As desigualdades sociais são acentuadas no Peru, país que apresenta uma parcela significativa de sua população vivendo abaixo da linha de pobreza. Em reação às péssimas condições de vida da população, surgiram grupos guerrilheiros, como o Sendero Luminoso e o Movimento Revolucionário Tupac Amaru, responsáveis por diversos atentados ocorridos no país, principalmente ao longo da década de 1980. Durante a década de 1990, o governo de Alberto Fujimori combateu os movimentos guerrilheiros e prendeu os principais líderes desses grupos, melhorando a segurança interna. Por outro lado, provocou uma crise política por envolvimento em corrupção e desvio de dinheiro público para "paraísos fiscais". Temendo a prisão, Fujimori fugiu para o Japão em 2000. Desde então, o Peru teve melhoras nos seus indicadores econômicos e sociais, porém, as más condições de vida da maioria da população não foram alteradas substancialmente.

Figura 20. Os indígenas constituem quase a metade da população peruana. Mãe carrega criança nas costas, no mercado Chinchero em Cuzco (Peru, 2010).

Figura 21. Vista da Praça das Armas, em Cuzco (Peru, 2010).

Figura 25. Vista da cidade de Caracas, capital da Venezuela, em 2010.

Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

O 4º tema trata da América Andina e seus países integrantes, a Venezuela, Equador e Colômbia. E já uma vista aérea de Caracas chama atenção em relação á outras, uma favela gigante em paralelo aos edifícios.

Fotografia 31: Página 158; Vista aérea da região central de Caracas.

Tema 4 América Andina: Venezuela, Equador e Colômbia

Venezuela, Equador e Colômbia constituíram por pouco tempo a Grã-Colômbia: o sonho de Simón Bolívar de uma América espanhola unida.

A Venezuela
Território e população
Com uma área de 912.050 km², a Venezuela é o país andino que abriga a menor extensão da Cordilheira dos Andes: tem apenas, no noroeste, uma pequena ramificação, a Cordilheira Mérida. O relevo formado predominantemente pelo Planalto das Guianas a leste e sudeste, e pela Planície do Orenoco, o principal rio venezuelano, a centro. O litoral é extenso, com várias penínsulas, golfos e ilhas banhados pelo Mar das Antilhas. Também na região litorânea e, principalmente, próximo ao Lago Maracaibo e ao delta do Rio Orenoco, concentram-se as atividades petrolíferas de extração, refino e exportação, fundamentais para economia do país. A Venezuela tem pouco mais de 27,5 milhões de habitantes, 90 dos quais vivem em centros urbanos. Entre as principais cidades destacam-se Caracas (figura 25), Maracaibo e Valência. A maior parte da população está na parte norte do país. Com uma razoável distribuição de renda, quando comparada à outros países sul-americanos, e uma renda *per capita* em torno de 11 mil dólares, a Venezuela oferece condições de vida relativamente boas a parte de sua população. Contudo, a desigualdade social é uma realidade no país, como em outros países da América Latina, nos quais parte da população não se beneficia plenamente das riquezas produzidas.

Figura 25. Vista da cidade de Caracas, capital da Venezuela, em 2010.

Fonte: Coleção Araribá, 8º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Esse tema caracteriza a população, atividades econômicas, política e questões

naturais, como as áreas de florestas, cordilheira e galápagos no Equador. As imagens existentes são de vistas aéreas das cidades capitais de tais países. Os mapas presentes funcionam como objeto de localização espacial aliada aos modos produtivos (agropecuária, mineração, indústria, entre outros), além de questões econômicas, como fluxo de petróleo, produto interno bruto, precipitação e densidade demográfica. No final deste tema, as questões propostas trazem fotografias de trabalhadores na mineração, cultura de uva e café, sendo que a tarefa para o aluno é de relacionar o país com a atividade representada. Mas antes de encerrar tal unidade um texto fala sobre o narcotráfico e as guerrilhas na Colômbia, acompanhado de desenho gráfico de homens armados.

Unidade 7 “América Platina”

Em sua primeira página as fotografias aéreas trazem um pouco sobre a utilização das bacias hidrográficas nos três países que a compõem a América Platina, as imagens trazem Hidrelétrica de Itaipu, Puerto Madero (Argentina) e porto de Montevideu. Em seguida, mapas temáticos mostram a rede hidrográfica da América do Sul, a divisão política da América Platina e seu mapa físico, tratando de seu contexto histórico, também descrevendo a população e economia, além dos aspectos do relevo, clima e vegetação.

Dos temas que compõem essa unidade, o 2º, 3º e 4º, respectivamente detalham questões do Paraguai, Uruguai e Argentina, onde todos terão abordagem da história, território, golpe militar, aspectos da economia comércio e indústria. As imagens que o livro traz, remetem às visões aéreas das principais cidades destes países, assim como pontos turísticos (como uma Praia em Punta del Leste) e um funcionário dentro de um frigorífico, nesse momento vale lembrar que o Uruguai é um grande produtor de bovinos para corte, enquanto a Argentina tem forte apelo em cultivo de uvas especiais para produção de vinhos finos, representado por uma imagem de um produtor na colheita de uvas, além de produzir gado de corte também.

A presença dos mapas serve para representar as atividades econômicas em ambos os países, além de evidenciar a topografia. No final da unidade, imagens da então presidente Argentina (em 2012) e do príncipe Willian demonstram a hostilidade quanto à disputa pelo território das ilhas Malvinas. Ademais, um texto de encerramento fala de Mafalda, uma personagem infantil contestadora e curiosa quanto às questões da sociedade.

Unidade 8 “O Brasil”.

Ao contrário dos outros temas em que paisagens turísticas abriam o debate sobre cada região, o tema 1 inicia com mapa temático das Américas (com exceção da América do Norte),

mapa este que traz informações sobre o PIB da América Latina por país, acompanhado de outro mapa mundi com marcações sobre a presença de embaixada brasileira no mundo.

O tema 1 tem como título a “política externa brasileira”, e traz imagem de um porta aviões estadunidense como acompanhamento do título “O que é geopolítica”. Que na sequencia detalha a geopolítica brasileira e tem em anexo a imagem do Palácio do Itamarati.

No tema 2 há um trabalho voltado para o Brasil enquanto potencia regional, com mapa sobre a expansão territorial do país desde o império, com fotografia de navios no Porto de Paranaguá para complementar o texto que trata da integração viária e energética.

O 3º tema fala sobre as relações do Brasil e organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), Mercado Comum do Sul (Mercosul), a criticada Área de Livre Comércio das Américas (Alca), participação no BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o interesse no G-3 (Brasil, Índia e África do Sul). As fotografias demonstram a ajuda humanitária que o Brasil dispensa para os países determinadas necessidades, a exemplo da presença dos soldados brasileiros na força de paz no Haiti.

E para encerrar o trabalho sobre esse exemplar, o 4º tema faz um panorama da influencia do Brasil no cenário atual do mundo globalizado, no que tange às importações e exportações, estabilização econômica e pobreza. Uma imagem sobre uma manifestação em oposição à privatização da Companhia Vale do Rio Doce acompanha o texto, e no final da unidade, nos exercícios complementares, um tanque de guerra na comunidade da rocinha traz a tona questões de desigualdade e violência. Por fim, curiosidades sobre os símbolos nacionais (bandeira, brasão, selo) e texto sobre a nova política externa brasileira, acompanhada de uma imagem aérea da sede da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Quadro 5: Análise do exemplar do 9º ano.

UNIDADES	TEMA 1	TEMA 2	TEMA 3	TEMA 4
1- Países e conflitos mundiais	Estado, nação, território e país	As grandes guerras e a Guerra Fria	Conflitos: as razões e os principais focos	Terrorismo
2- Globalização e organizações mundiais	A globalização e seus efeitos	Globalização e meio ambiente	Globalização e organizações econômicas	Globalização e direitos humanos
3- O continente europeu	Quadro natural e problemas ambientais	A população europeia	A economia europeia	A união europeia
4- Leste europeu e CEI	A Europa Oriental e o socialismo	A crise do socialismo e o fim da bipolarização	A CEI (Comunidade de Estados Independentes)	Europa Oriental: economia e sociedade
5- O continente asiático	Ásia: um continente de	A população da Ásia	A economia do continente asiático	Ásia: berço das maiores religiões

	contrastes			
6- Ásia: destaques regionais	Rússia: um país em transição	O Japão e os Tigres Asiáticos	A China	A Índia
7- O continente africano	Quadro natural e regionalização da África	A economia africana	As fronteiras da África	Fome, doenças e conflitos na África
8- Oceania e regiões polares	Oceania: apresentação	Austrália e Nova Zelândia	As regiões ártica e antártica: os extremos da Terra	Os desafios da ciência nas regiões polares

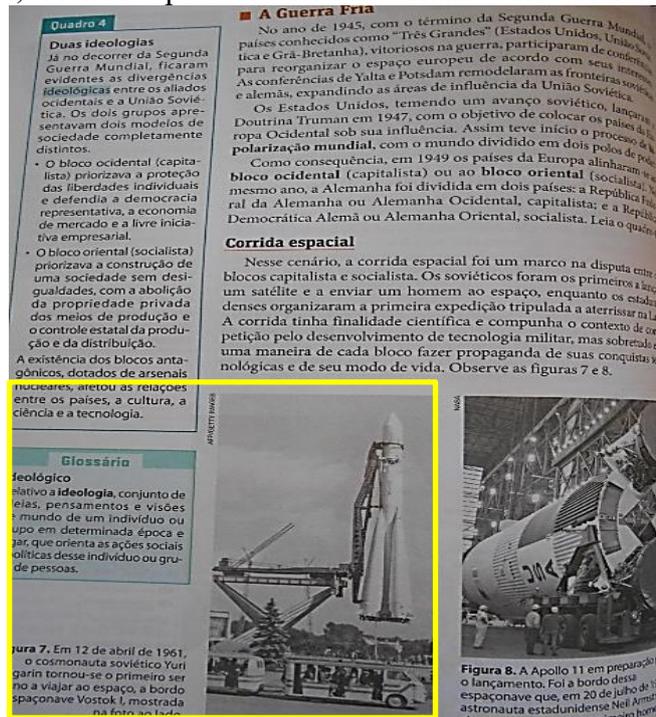
Elaboração: Camila Engel, 2016

De antemão, faz-se uma análise do sumário, no qual não se verifica na primeira nem na segunda unidade nenhuma alusão ao conceito de paisagem, este vindo a aparecer na unidade 3, através do subtítulo do tema 1, “O clima e as paisagens”. Quanto ao restante das unidades que compõem este livro do 9º ano, nenhuma traz através de título ou subtítulo a paisagem em seu sumário.

Unidade 1 “Países e conflitos mundiais” O primeiro tema da unidade 1 utiliza de um mapa mundi para assinalar as áreas com maior ocorrência de conflito civil. Dentre os conceitos de estado, nação, território e país, um mapa sobre a abrangência de povo curdo é utilizado para caracterizar uma nação.

O tema 2 traz como tema as grandes guerras e a Guerra Fria, trazendo mapas do imperialismo europeu no final do século XIX, outro sobre a tríplice entente e tríplice aliança no início do século XX, mapas estes que mostram a situação político administrativa anterior à primeira Guerra Mundial. Para representar a situação do período entre primeira e Segunda Guerra mundial, há um mapa da Europa após a primeira guerra e outro posterior à Segunda Guerra. No término da segunda guerra a corrida espacial tem sua largada, representada por fotografias em preto e branco da espaçonave Apollo 11 e da espaçonave Vostok I. Corrida espacial como marco da disputa entre blocos capitalistas e socialistas, no sentido de exaltar poderio científico e militar de ambos.

Fotografia 32: Página 18; Corrida espacial Norte-Americana versus Rússia.



Fonte: Coleção Araribá, 9º ano.

Nota: Fotografia da autora.

O tema é encerrado com texto acompanhado de desenho gráfico da direção das fugas em tempos de Guerra Fria, além de uma charge sobre crianças disputando sobre quem tinha carrinho, aviãozinho, etc.

O tema 3 utiliza de um grande mapa mundi para mostrar os conflitos mundo a fora, assim como sua razão e os principais focos de tensão.

No 4º tema, a abordagem está voltada para o terrorismo, o que é, caráter separatista, enfim, tendo como imagens auxiliares um helicóptero das Forças Armadas dos Estados Unidos sobrevoando o Iraque (informações conforma legenda da foto) e outra com um membro de um grupo terrorista na Irlanda do Norte (dados conforme legenda da obra). Mapas políticos das ilhas britânicas e país Basco compunham explicações do texto relativas aos movimentos separatistas e ações terroristas ocorridas em tais regiões durante sua história.

Ao longo tema, fotografias sobre o atentado ao World Trade Center, a trem em Madrid, representam os atentados mais falados nos últimos tempos, e outras fotografias como de Chico Buarque, Almino Álvares Afonso e Amadeu Felipe da Cruz mostram ações do terrorismo no Brasil (via ditadura inclusive). A unidade se encerra através de exercícios de interpretação textual, onde as imagens são de nuvem da explosão atômica em Nagasaki, navio brasileiro rumo a Iugoslávia em 1964, imagem da cadela Laika (primeiro ser vivo a ir para lua), astronauta estadunidense na lua em 1969 e imagem de satélite do furacão Katrina em 2005. Também há mapas da união europeia e da Europa na Segunda Guerra mundial, e ainda,

fotografia da banda do Led Zeppelin como representatividade de música e juventude em meio aos conflitos mundiais.

Unidade 2 “Globalização e organizações mundiais”

Nessa unidade, o que representa o fenômeno globalização na apresentação da unidade é estúdio de televisão, sessão da assembleia geral da ONU, bolsa de valores em Nova York.

Iniciando o 1º tema, um navio cargueiro abarrotado de containers acompanha texto sobre as fases da globalização, remetendo ao legado das grandes navegações até hoje. Na sequência o título globalização em crise traz imagens de fila de desempregados em Nova York, crianças em lixão da Indonésia, em paralelo ao título “indústria digital” uma imagem de supermercado no Reino Unido. Quanto ao título “o mundo digital”, uma fotografia mostra a comemoração dos tunisianos com a queda do ex-presidente em 2010, fato esse possibilitado pela organização da população via redes sociais.

O 2º tema faz tratamento à globalização e ao meio ambiente. Trabalhando com mapas dos recursos de água no mundo, em 2009, sendo considerado no texto como um dos principais problemas ambientais do século XXI. Quanto ao aquecimento global, este é representado via desenho gráfico sobre as causas de aquecimento da Terra, seguido do título sobre as consequências desse aquecimento uma fotografia dos estragos causados pelo furacão Katrina em Nova Orleans, em 2005. Para evitar desastres naturais e manter as possibilidades de vida futura na Terra, subtítulos sobre conferências mundiais como Rio -92, Rio +10 e protocolo de Kyoto trazem tratados e normas a serem seguidas pelos países engajados em tais programas, a representação desses eventos está em uma fotografia sobre manifestantes japoneses em 2007.

Os temas em questão são encerrados com um texto sobre a escassez do “ouro azul” e uma charge sobre o movimento da globalização, este que a passou ocorrer com o conhecimento de novos lugares e as relações estabelecidas a partir disso, principalmente comerciais, que foram proporcionadas pelas navegações ocorridas a partir do século XVI.

Fotografia 33: Página 46; Globalização desde os tempos do “descobrimento”.

The image is a composite of two parts. On the left is a page from a textbook. It features a small cartoon of a ship at sea, a bar chart comparing water consumption in 2000 and 2050, and several paragraphs of text in Portuguese. The text discusses globalization, its effects, and the impact of population growth. The bar chart shows that in 2000, 0.5 billion people lived in cities with a critical water shortage, while in 2050, 4 billion people are projected to live in such conditions. On the right is a cartoon by Dorivaldo. It depicts several indigenous people on a beach looking at a large, multi-masted sailing ship with a cross on its sail. A speech bubble from one of the indigenous people says, "PRONTO, ESTÁ COMEÇANDO A GLOBALIZAÇÃO." (Soon, globalization is starting).

Fonte: Coleção Araribá, 9º ano.

Nota: Fotografia da autora.

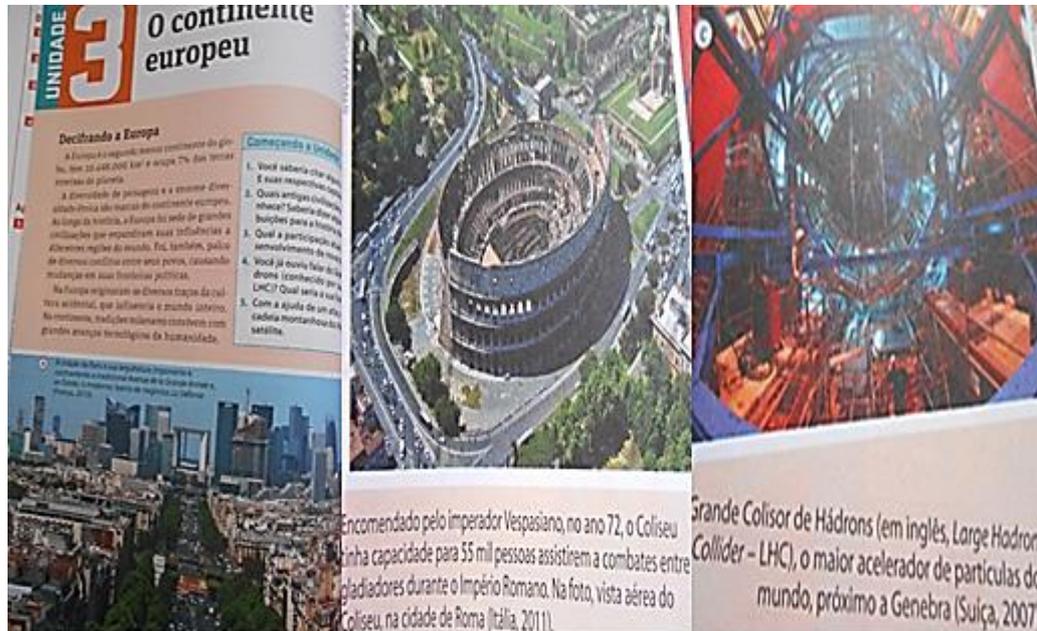
O 3º tema refere-se à globalização e às organizações econômicas, se utilizando de um mapa sobre as principais organizações econômicas regionais (blocos econômicos) até 2011.

No 4º tema, a globalização e os direitos humanos é que são tratados, onde uma fotografia de Nelson Mandela representa o apartheid, e a sede da ONU, em Nova York como responsável pela paz, segurança e cooperação. O texto disserta uma lista de agências ligada à ONU, e com essa lista, umas fotografias de funcionários de uma empresa de abastecimento na Índia participam de um evento alusivo ao Dia Mundial Da Água, promovido pela UNESCO, um dos colaboradores da ONU. O encerramento da unidade ocorre por um mosaico de imagens sobre violação de direitos humanos, sobreposto ao mapa mundi, correlacionando as cenas aos locais de ocorrência, assim como um texto interpretativo que vem acompanhado de desenho gráfico sobre o símbolo da justiça (mulher vendada) em meio às pessoas, dando e entender que a justiça deve ser imparcial e sem distinção.

Unidade 3 “O continente europeu”.

Nas fotografias abaixo, centro da França á esquerda; Coliseu no meio e acelerador de partículas na Suíça. Europa como forte de negócios, turismo e aurora da ciência.

Fotografia 34: Página 62; Europa e seus principais feitos arquitetônicos e científicos.



Fonte: Coleção Araribá, 9º ano.

Nota: Fotografia da autora.

No tema 1, o conteúdo abordado é relativo ao quadro natural e aos problemas ambientais do continente europeu, onde o texto é acompanhado por mapas de relevo, clima e vegetação. A hidrografia aparece representada pelo Porto de Roterdã, Rio Danúbio, Rio Volga e hidrelétrica de Aizkrauke na Letônia. Um dos problemas ambientais que atingem a Europa são as eventuais chuvas ácidas, (reflexo da poluição atmosférica) da qual seu poder corrosivo é visível nas esculturas em bronze, como a fonte de Netuno em Berlin.

Nesse 2º tema a abordagem é relativa às características da população europeia. Os mapas representam o fluxo de emigração em razão da 2ª Guerra Mundial no século XIX, e o fluxo do pós-guerra. Atualmente a questão migratória tem sido considerada um problema para o continente europeu, em razão dos conflitos armados do norte da África, para demonstrar isso, imagens de refugiados são apresentadas. A questão da xenofobia e racismo é apresentada através de fotografia de túmulos de um cemitério da França, onde grupos radicais repudiam a presença de estrangeiros através de pichações com símbolos neonazistas em túmulos de muçulmanos.

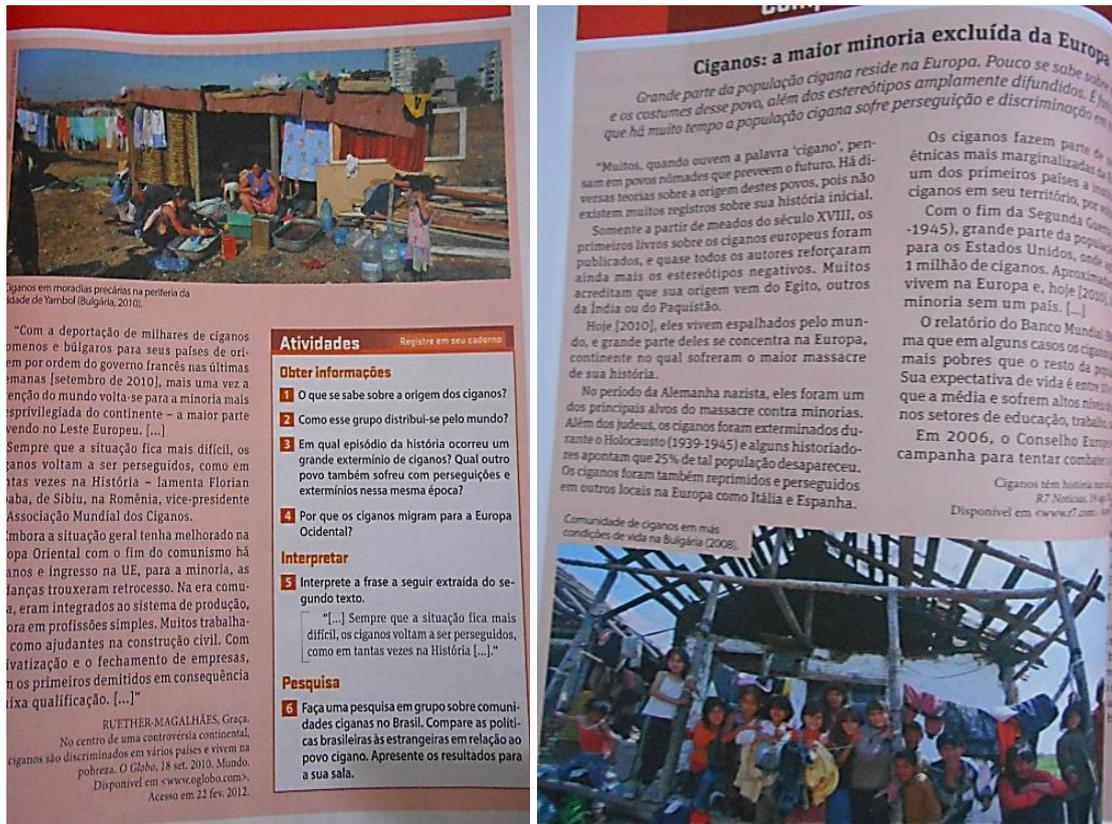
Para fechar o tema, nas questões propostas, pirâmides etárias e da evolução populacional servem de objeto de análise, também um mapa pontua os problemas ambientais

da Europa em 2005, nele são dispostas áreas de desertificação, resíduos nucleares, altas emissões de CO₂ e chuva ácida. Ainda nesse mesmo tema, texto que descreve as pedras de Stonehenge é acompanhado por mapa de localização deste e imagem da construção.

O 3º tema trata da economia europeia, se utilizando de mapas agropecuários de 2009, organização do espaço econômico em 2008, mapa da indústria do Reino Unido e da Alemanha em 2005, e industrial do norte europeu em 2002. Uma imagem carregamento de limões e uvas na Itália sugere que a região é produtora deste, dentre tantos outros itens da produção europeia. Mas imagem de laboratório também sugere sua relevância na área científica e da saúde. A questão energética é representada por imagens de usina eólica em alto mar e usina nuclear. Quanto ao turismo, este circula em torno das edificações antigas, de arquitetura única, isso atrai os olhos de pessoas de todo o mundo, a paisagem! Nesse caso, Palácio de Versalhes tem sua imagem estampada como representatividade turística, e conforme a legenda, sendo um dos locais mais procurados por visitantes, contudo, Lisboa, praias de Minorca na Espanha, também é grandes chamarizes para visitantes conforme as fotografias apresentadas. ▸

O 4º tema aborda questões relativas ao bloco econômico da União Europeia. Trazendo mapa da evolução deste bloco e imagens de pessoas protestando contra a crise da União Europeia, protesto de cidadãos europeus contra as reformas trabalhistas, ainda edifício sede do parlamento europeu e estação de trem em Berlim. Na sessão final, exercícios tendo mapa político da Europa e outro sobre mortes em virtude de migrações clandestinas entre 1993-2006, além de imagem de usina nuclear na França. Na sessão chamada representações gráficas, imagens de satélite da Itália e mapa de uso da Terra vêm como objetos de análise para responder as questões propostas. E ainda um texto sobre os Ciganos traz imagens das condições precárias de vida a que estão submetidos e abandonados. É um povo sem acesso a educação, saúde e saneamento, conforme o texto, em razão desses e outros elementos, sua expectativa de vida é de 10 a 15 anos a menos que o restante da população.

Fotografia 35: Página 94/95; Ciganos vivendo em situação precária na Bulgária.



Ciganos: a maior minoria excluída da Europa
Grande parte da população cigana reside na Europa. Pouco se sabe sobre a origem e os costumes desse povo, além dos estereótipos amplamente difundidos. É importante lembrar que há muito tempo a população cigana sofre perseguição e discriminação em todo o mundo.

"Muitos, quando ouvem a palavra 'cigano', pensam em povos nômades que preveem o futuro. Há diversas teorias sobre a origem destes povos, pois não existem muitos registros sobre sua história inicial. Somente a partir de meados do século XVIII, os primeiros livros sobre os ciganos europeus foram publicados, e quase todos os autores reforçaram ainda mais os estereótipos negativos. Muitos acreditam que sua origem vem do Egito, outros da Índia ou do Paquistão. Hoje [2010], eles vivem espalhados pelo mundo, e grande parte deles se concentra na Europa, continente no qual sofreram o maior massacre de sua história. No período da Alemanha nazista, eles foram um dos principais alvos do massacre contra minorias. Além dos judeus, os ciganos foram exterminados durante o Holocausto (1939-1945) e alguns historiadores apontam que 25% de tal população desapareceu. Os ciganos foram também reprimidos e perseguidos em outros locais na Europa como Itália e Espanha.

Os ciganos fazem parte das minorias étnicas mais marginalizadas da Europa. Um dos primeiros países a incluir os ciganos em seu território, por meio de tratados (1878-1945), grande parte da população para os Estados Unidos, onde há cerca de 1 milhão de ciganos. Aproximadamente 10 milhões vivem na Europa e, hoje [2010], não há minoria sem um país. [...] O relatório do Banco Mundial afirma que em alguns casos os ciganos são os mais pobres que o resto da população. Sua expectativa de vida é entre 50 e 60 anos, que a média e sofrem altos níveis de desemprego nos setores de educação, trabalho e saúde. Em 2006, o Conselho Europeu lançou uma campanha para tentar combater a discriminação contra os ciganos.

Ciganos têm história marcada por séculos de perseguição. Disponível em <www.r7.com.br>

Atividades Registre em seu caderno

Obter informações

- 1 O que se sabe sobre a origem dos ciganos?
- 2 Como esse grupo distribui-se pelo mundo?
- 3 Em qual episódio da história ocorreu um grande extermínio de ciganos? Qual outro povo também sofreu com perseguições e extermínios nessa mesma época?
- 4 Por que os ciganos migram para a Europa Ocidental?

Interpretar

- 5 Interprete a frase a seguir extraída do segundo texto.
"[...] Sempre que a situação fica mais difícil, os ciganos voltam a ser perseguidos, como em tantas vezes na História [...]."

Pesquisa

- 6 Faça uma pesquisa em grupo sobre comunidades ciganas no Brasil. Compare as políticas brasileiras às estrangeiras em relação ao povo cigano. Apresente os resultados para a sua sala.

Comunidade de ciganos em más condições de vida na Bulgária (2008).

Fonte: Coleção Araribá, 9º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Unidade 4 “Leste Europeu e CEI”

Imagens de soldados no fim da Segunda Guerra Mundial, prédios destruídos na Chechênia, Basílica de Santo Estevão em Budapeste e casa dançante em Praga, são imagens que abrem essa unidade de estudo. Imagens estas que delatam a história do continente e as influências culturais na arquitetura.

O primeiro tema aborda aspectos da Europa Ocidental e o socialismo, tendo como suporte mapa do leste europeu e Comunidade de Estados Independentes (CEI), além de uma fotografia de população de Budapeste protestando contra o regime comunista em 1956.

No 2º tema de trabalho, o que está em foco é a crise socialista e o fim da bipolarização, representada pela fotografia da queda do muro de Berlim, e a entrada de novas tecnologias e informação, resultando em novos postos de emprego nas indústrias, no caso, representada por uma fotografia da linha de produção de automóveis na Eslováquia. O final da unidade traz atividades interpretativas, baseadas em imagens de uma sonda soviética e um tanque de guerra soviético. E ainda um texto trata da “Transnístia: um limbo no leste europeu”, cidade ainda não considerada independente e sempre monitorada por forças militares.

A CEI é o conteúdo trabalhado nesse 3º tema, um mapa da CEI político embasa as questões de localização e países integrantes. Fotografias de tratores e colheitadeiras sugerem a relevância da produção agrícola na economia dessa organização, e também vale ressaltar a utilização do petróleo, representado por um mapa de oleodutos na Chechênia. Quanto a movimentos populares, a chamada revolução laranja (por causa das pessoas vestidas de laranja) pôs à mostra fraudes nas eleições da Ucrânia (informações conforme legenda da foto).

O 4º tema trata de características da Europa Oriental, quanto a sua economia e sociedade. Também inicia com mapa relativo à economia do leste europeu. O final da unidade tem em suas atividades interpretativas duas fotografias de ataques terroristas na Rússia. E na sessão de representações gráficas, há a presença de um mapa anamorfose da população e um gráfico triangular da população economicamente ativa de países selecionados da Europa. E para encerrar, um texto reflexivo com questões em anexo, fala da cidade mais fria do mundo, Yakutsk, representada por fotografia de menino com roupas características de lugares frios.

Unidade 5 “o continente asiático”

Fotografia 36: Página 116/117; Mesquita em Jerusalém; torre nos Emirados Árabes; linha de trem na Rússia.



Fonte: Coleção Araribá, 9º ano.

Nota: Fotografia da autora.

No 1º tema os contrastes de forma geral da Ásia é que são discutidos, se utilizando

inicialmente de mapa físico do continente asiático posteriormente do político, para tratar das questões de regionalização do território. Quanto à economia, esta se encontra representada por fabricantes de semicondutores a motonetas e automóveis. Quanto à questão climática e morfológica aparece via imagens do Everest, de um mosaico de imagens mostrando o declínio do mar de Aral, ainda trazendo imagens da Taiga siberiana, vegetação de estepe na Mongólia, mapas que traçam o círculo de fogo do Pacífico e das monções na Ásia.

O segundo tema aparece com abordagem á questão populacional da Ásia, onde a imagem que retrata um pouco dos costumes e características desse povo é de um grande grupo de pessoas se banhando no Rio Ganges, supostamente tomado como um ritual de purificação. Também há uma fotografia de um casal segurando um bebê nos braços e na legenda da foto haver um comentário acerca do programa chinês de controle de natalidade, apontando que aparentemente este tenha dado certo. No final do tema, um texto acompanhado de imagem de plantação de girassol em Kibutz Barkai (Israel) fala sobre a solução agrícola para aquela região.

O tema 3 fica com a temática da economia no continente asiático, trazendo imagens de plantações de dendezeiros, centro de produção de produção de vegetais, vacinação contra a gripe aviária em um flamingo, indústria têxtil, fábrica de automóveis com robôs soldando peças e refinaria de petróleo, e para complementar, um mapa da economia na Ásia em 2000.

Para o 4º tema restou a questão religiosa. Um mapa com sobreposição das regiões predominantes e seu local de ocorrência inicia esse tema.

Fotografias de peregrinos na Grande Mesquita em Meca, Procissão em Nova Déli, o cristianismo através da tela de Leonardo da Vinci, *a última ceia*, litogravura de mulheres de diferentes castas na Índia. O final da unidade traz questões interpretativas a partir da análise de um mapa mundi da população subnutrida no mundo em 2009, outro mapa sobre as duas regiões em conflitos em razão de cultura religiosa e outra atividade vem com a fotografia de um palestino atirando pedras contra uma mesquita em Jerusalém (2011), com suas questões voltadas para a razão dos conflitos em Israel e interpretação do texto que acompanha a imagem. Ainda nessa sessão de atividades complementares, imagens do Nepal através do radar e outra por satélite. Também um texto sobre a liberdade do Tibete vem acompanhado de imagens de crianças empunhando bandeiras dizendo “Tibete livre”, em outra foto mulheres com vestimentas tradicionais e a imagem de um templo, um mapa de localização do Tibete complementa o texto.

Unidade 6 “Ásia: destaques regionais”

Um mapa dinâmico da abertura a essa unidade em que traz como destaque a economia indiana, chinesa e russa.

O primeiro tema trata do movimento de transição pelo qual a Rússia está passando, abrindo as portas de seu mercado com a desagregação da União Soviética, tornando-se capitalista, para demonstrar essa abertura de mercado e a novidade que representou, o livro traz uma fotografia de inúmeras pessoas fazendo fila para comprar sapatos. De início há um reconhecimento físico do território russo através de um mapa do relevo, na sequência uma foto da estrada que margeia o Rio Moscou acompanha um pequeno texto intitulado “fuga de cérebros”, fazendo menção ao fato de grande número de cientistas russos estarem saindo do país para pesquisarem outros campos do qual o país não mostra interesse.

Na segunda temática de estudo, os textos direcionam para aspectos do Japão enquanto uma das três potências asiáticas, este tema se chama “O Japão e os Tigres Asiáticos”. No início do tema um mapa do relevo japonês é apresentado junto a um texto que aborda a questão histórica do Japão, seguida de vista aérea do centro de Osaka, do Monte Fuji e da costa japonesa (devastada) atingida pelo tsunami em 2011. Seguindo com texto referente à atividade industrial, uma fotografia de uma siderúrgica no Japão e um mapa da atividade industrial em 2008.

Para caracterizar Os Tigres Asiáticos, um mapa mostra como o alimento entre Cingapura, Taiwan, Hong Kong e Coreia do Sul com Japão e ocidente influenciou no PIB e na população. Nas páginas seguintes os textos descrevem sobre cada um dos países que compõem os tigres, trazendo imagem do distrito empresarial de Cingapura e o famos arranha-céus em Seul. Para encerrar esses dois primeiros temas de estudo, na sessão de atividades extras, uma questão interpretativa tem como complemento imagem noturna de Cingapura (vista aérea) e em outro texto, a fotografia da Torre Tokyo Tower junto a pequeno texto que faz referencia a ela.

O 3º tema de estudo descreve acerca da China, trazendo imagens da Grande Muralha e de parada Militar em alusão ao partido comunista. A representatividade de seu parque industrial e de exportação se encontra representado Porto de Xangai e pela nuvem de fumaça que cobre as cidades em virtude da poluição expelida pelas fábricas. Um mapa da indústria vem para reforçar as colocações textuais até o momento acerca do desenvolvimento industrial chinês. A questão energética é representada por uma das maiores hidrelétricas do mundo, a Tres Gargantas, localizada na China. Em paralelo mapa sobre uso da Terra em 2006 e da população em 2008 contribui com um pequeno texto sobre a população e o desenvolvimento

social.

No 4º tema de trabalho, a Índia será o objeto de estudo. O início do tema vem com a fotografia de Mahatma Gandhi, o representante da resistência pacífica em prol da independência da Índia. Na sequência de tal fotografia, há um mapa político da Índia e outro da economia, seguido da imagem do maior templo hindu do mundo. O final da unidade traz exercícios com utilização de mapa do relevo da China e fotografia de Beijing sobre influência da poluição. Na sessão de representações gráficas, há inúmeros mapas para diferenciar de mapa analítico de mapa síntese, são mapas da evolução urbana indústria, ambiente, agropecuária e regiões geoeconômicas da Ásia. Para finalizar a unidade, um texto sobre a herança da Guerra Fria para os países asiáticos vem acompanhado de ilustrações de camponeses, transeuntes em meio a ruas de cidades modernas em paralelo á edificações do antigo povo chinês.

Unidade 7 “O continente africano”

A introdução da unidade traz imagens das pirâmides do Egito, plantação de cacau na Costa do Marfim, parte islâmica da cidade de Fez e imagem de satélite do continente africano. O 1º tema fala do quadro natural da África, utilizando de mapa de relevo e hidrografia, além uma fotografia de um pescador no Lago Jipe. Diversos mapas descrevem o continente, dentre eles o relativo ao clima, vegetação e regionalização, inclusive apresentando o mapa da região chamada de Magreb, a qual se localiza na porção norte, mas com características culturais diferenciadas, assim como a porção chamada de Sahel. Por fim, um mapa sobre a densidade demográfica antecede uma fotografia de trabalhadores em mina de ouro em Johannesburgo.

O tema 2 trata da questão econômica do continente africano, com abordagem a partir de um mapa da agropecuária em 2006 e dos recursos minerais em 2010. Em paralelo a este mapa, imagens de lavrador, menina pastoreia e mineradores complementam a questão da continua exploração desse território por nações estrangeiras. Na sequência da temática, mapas sobre as regiões industriais, blocos econômicos e do comércio exterior vem acompanhadas de fotografias de refinaria de petróleo e indústria de bebidas. No fim do tema, as atividades propostas envolvem imagens de vegetações características do continente africano, que requerem ser nomeadas pelos alunos. Também há um breve texto com ilustrações do mapa mundi em paralelo a processos de mineração de diamante, dando nome ao título de “o caminho dos diamantes de sangue”.

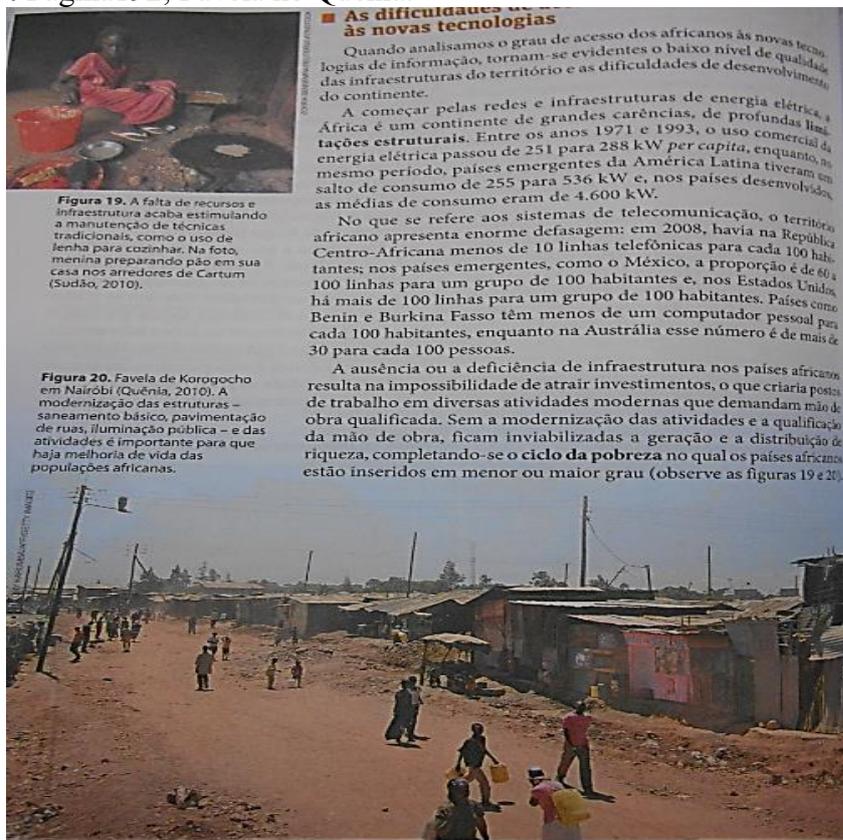
O 3º aborda questões sobre as fronteiras da África, com utilização de mapa da colonização em 1900 e dos processos de independência que ocorreram. Fotografia de um

arcebispo africano acompanha o texto sobre o Apartheid, seguido então por mapas das exportações em 2009 e a rede de transporte do continente.

Seguindo ainda no tema 3, fotografia de favela no Quênia em paralelo a de uma mulher sentada no chão, revela a falta de recursos que a população sofre, a impedindo de ter uma vida digna. Os recursos minerais foram esgotados do continente africano pelos europeus na época da colonização, hoje, o povo não consegue se estruturar de forma homogênea a ponto de alcançar melhores condições de vida, ficando a mercê de fome, doenças e miséria.

Segue fotografia abaixo:

Fotografia 37: Página 192; Favela no Quênia.



Fonte: Coleção Araribá, 9º ano.

Nota: Fotografia da autora.

Na sequência o mapa sobre o acesso à internet no mundo, só vem a colaborar com a relação de exclusão da África do resto dos países, onde menos de 2 habitantes dentre 110, tem acesso à internet (conforme dados de 2008).

A última temática dessa unidade é relativa à doenças, fome e conflitos que ocorrem na África, para tanto, é que mapas sobre a desnutrição infantil e fome entregam a carência de alimento que o povo passa, sem contar número de soropositivas, que conforme um mapa de números mundiais, a África do Sul encontra-se mais do que em disparada em comparação com outros países, que conforme dados de 2008, chegavam a 22.400.000 infectados.

Buscando diminuir esses números, professores voluntários (conforme foto), instruem a população sobre prevenção e orientação referente à AIDS.

Quanto à questão dos conflitos, um mapa aponta onde há guerra entre nações ou civil. As fotografias espalhadas nesse momento são de soldados africanos e povo na rua, aqui ressaltando que, pessoas vivas e mortas amontoadas ao longo de estradas em razão dos conflitos civis.

Encerrando a unidade, a sessão de atividades utiliza mapa dos grupos étnicos prevalentes no continente africano para responder a questões referentes a colonização europeia e a divisão do continente. Também há uma fotografia das pirâmides do Egito e outra de Nelson Mandela, do qual a questão pedia respostas ligadas ao Apartheid e democracia racial. Na sessão de representações gráficas, há um mapa hipsométrico e bloco diagrama do continente africano, seguido de breve texto e questões interpretativas. E finalizando as atividades propostas, texto sobre o 1º gol da África quando ocorreu a copa em seu continente, as imagens que acompanham o texto são de torcedores festejando.

Unidade 8 “Oceania e regiões polares”

A unidade, assim como grande parte das demais, tem em sua abertura imagem de satélite das regiões a serem trabalhadas e fotografia de estação científica na Antártida e formação rochosa na Austrália.

O tema é responsável pela apresentação da Oceania, composto por mapa do relevo e político, além de fotografia de grande barreira de coral na Austrália e atol na Polinésia. Em seguida, imagens de barragens, apresentação de dança tradicional e vulcão extinto na Nova Zelândia falam um pouco sobre esta região, seguida de fotografias de aborígenes em Cape York na Austrália.

Para falar do comércio, um mapa retrata o bloco econômico desses continentes, a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC). Para fazer alusão da importância do turismo na economia australiana, o livro traz fotografia do Opera House e mapa dos patrimônios da humanidade que existem na Austrália.

O 2º tema detalha a formação territorial e histórica da Austrália e Nova Zelândia. Se utilizando de mapa político da Austrália em paralelo a mina de ouro desativada (minério como auxílio da economia) e garimpo de ouro em foto preto e branco.

Quanto à Nova Zelândia, esta representada por fotografia aérea de Auckland e por uma imagem que acompanha um texto no fim do tema, esse que se chama “os fiordes do fim do mundo”, fazendo alusão aos maiores fiordes do mundo, que se localizam na Nova Zelândia e

nem coube inteiro na foto. Finalizando esse tema, na sessão de exercícios, um mapa sobre a tectônica de placas demonstra o encontro da placa do pacífico com a Indo- Australiana, e a partir disso as questões se desenrolam. Na sequência, um breve texto sobre como uma cidade faliu em razão da extração quase que total dos minérios e endividada, a foto que acompanha o texto é da costa da cidade.

A 3ª temática trata das características das regiões ártica e antártica. Iniciada com mapa político e de recursos minerais da Antártida, além de mapas sobre a localização das bases científicas e de pretensões territoriais e recursos minerais, em paralelo a fotografia de povo tradicional da Groenlândia caçando baleia, assim como em outra imagem, embarcação chinesa captura baleias também, e uma foto de um simpático pinguim-rei característico do Polo-Sul.

O final do tema composto por fotografia da estação de pesquisa brasileira na Antártida e texto sobre isso em anexo, e também uma descrição do comprometimento na camada de ozônio.

Nesse 4º tema de estudos, a abordagem é relativa aos desafios da ciência nas regiões polares, representado por embarcação da Marinha do Brasil e base de pesquisa estadunidense. O fim da unidade é repleto de fotografias de derretimento de geleiras e terreno que cedeu em virtude desses derretimentos, acompanhada de imagem de satélite do polo norte. Na sessão de atividades, imagens de geleiras em antes e depois geram questões sobre consequência dos degelos e causas. Também contrapõe duas imagens da Nova Zelândia, uma de praia e outra de alpinistas, descrevendo que esses eventos opostos são bons para o turismo local. Na sessão de representações gráficas, há um modelo digital do terreno da Antártida e questões a cerca disso, seguido de um texto sobre a história da chegada ao polo-sul, representada por desenho gráfico de caravela e capitão com trenó e cães.

CONCLUSÃO

A ciência geográfica em virtude de sua ampla área de pesquisa utiliza de um conjunto de categorias para facilitar as análises dos arranjos que ocorrem na superfície terrestre. Estruturando as análises a partir do conceito de lugar, espaço, território, região e paisagem. Essa categorização de análise facilita o trabalho na medida em que se quer focar ou ampliar o estudo, por exemplo, eu escolhi a paisagem como análise de livros didáticos, mas poderia ter optado por trabalhar com paisagens de jornais, revistas e outros meios de informação, contudo, optei por verificar sua presença e relevância em uma das bases da formação intelectual do indivíduo, a educação escolar.

Muitos são os teóricos da educação que assinalam a importância de expor a criança a determinados estímulos, como falar muito com ela por volta do primeiro ano de vida, para aguçar nela o ato da fala e da gesticulação. Para mim, da mesma forma se deve trabalhar a paisagem, pois é a partir dela que o indivíduo se dá conta das realidades do mundo, é a partir do momento em que uma criança se depara com um mendigo na rua que ela questiona os pais sobre o porquê dele estar pedindo comida e estar dormindo onde se deveria só estar de passagem. São em momentos de choque visual que a reflexão ocorre, e quando digo choque, não é no sentido do susto de uma situação catastrófica ou triste, é no sentido de trazer o inesperado, o não pensado, o não visto, seja através de fotografia, vídeo ou pessoalmente, in loco.

Nesse sentido é que em um momento do estágio de regência do ensino fundamental, houve um momento em que por mais que eu não tenha conseguido de forma plena expressar ou trabalhar, meu objetivo fora trazer o diferente para explicar o que os alunos consideravam banal e trivial, através da categoria paisagem, onde avalio não ter alcançado êxito, mas isso já é outra história...

A paisagem não é um instrumento utilizado recentemente como objeto de reflexão e análise da Geografia, sua utilização já ocorrera em épocas em que não havia “geógrafos”, mas viajantes, esses que conforme a história, descreviam através de desenhos e textos escritos a próprio punho as características dos lugares e povos por onde passavam, ou seja, analisavam a paisagem. Com o advento do Iluminismo, os pensadores e filósofos tiveram suas ideias lançadas ao mundo, e desde então muita coisa mudou, a Terra até deixou de ser plana! Posteriormente, da mesma maneira a geografia teve sua evolução e reconhecimento ao longo das décadas, se consolidando infelizmente em tempos de temor das 1º e 2º Guerra Mundial,

época em que se tornara disciplina escolar.

Enquanto matéria escolar, seu perfil atual difere de sua forma inicial, antes, preocupava-se na descrição dos lugares, atentando para a parte física e cultural, e mapeamento, atribuindo uma fama de “decorar” os nomes dos lugares. Com o passar do tempo, com todos os locais da Terra mapeados, essa necessidade se esvaiu, dando lugar a uma geografia delatora de problemas ambientais e sociais, que enfrenta as dicotomias da sua face humana em paralelo á física.

Não bastasse os choques de ideias dentro da Geografia, a educação entra em crise, deixando em segundo plano disciplinas da área das ciências humanas, a nova geração que chega às escolas atualmente é cheia de energia e de aparatos tecnológicos, e nós professores ficamos a mercê destes empasses, tendo que buscar saídas para prender a atenção e gerar aprendizado. O livro didático é inserido nesse contexto como um aparato, mas não uma regra, contudo, há muitas vezes que se cai na tentação e aula gira em torno desse material, que, diga-se de passagem, deve ser usado com cautela, pois é superficial em alguns casos.

O problema das coleções de livros didáticos, é que não é um único autor que elabora o material para todas as séries, a coleção Araribá, por exemplo, é organizada pela Editora Moderna, mas, foi criada por 12 autores, não basta a Geografia e seus temas serem compartimentados, os livros que são os responsáveis pela educação básica, são estruturados de uma forma não orgânica. Considerando ainda que, os conteúdos poderiam ser encadeados de uma forma mais homogênea, o que talvez tenha sido impossibilitada em virtude dessa “divisão” de trabalho, onde não há uma conversa entre unidades de estudo.

O livro apresenta muitas paisagens passíveis de reflexão e trabalho dinâmico com a classe, além dos mapas, que também podem ser aprofundados e relacionados com as imagens. Contudo, essas reflexões muitas vezes não apareciam descritas, a maioria das imagens aparece apenas como legenda relativa à fonte e local da foto, no caso, seria interessante aparecer nessas legendas reflexões acerca desta imagem, mas tão complexo é avaliar e refletir que até mesmo eu deixei lacunas na análise nesse sentido.

Mas mesmo assim, entendo por este trabalho que a categoria paisagem é importante sim e relevante nas aulas de Geografia assim como em outras disciplinas escolares, tanto que são várias as passagens desta palavra nos exemplares analisados, assim como a quantia de imagens impressas neles. Sua importância se deve ao fato de que a teoria trabalhada é materializada em forma de visão, paisagem, é a prática de sala de aula em um movimento de

ler o instrumento textual, entender e aí então relacionar e compreender uma determinada paisagem a partir dos conteúdos. E quanto ao livro didático, esse ainda tem que melhorar enquanto produto de ideias ligadas, não separadas.

REFERÊNCIAS

- AB' SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. Ateliê Editorial, São Paulo, 2003. p. 9.
- BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global: um esboço metodológico**. Editora UFPR, Curitiba, nº 8, 2004, p. 141-152.
- CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Editora Edgar Blucher Ltda, 1999. p. 236
- COSTA, F. R. ROCHA, M. M. **Geografia: conceitos e paradigmas - apontamentos preliminares**. Revista GEOMAE - Geografia, Meio Ambiente e Ensino. Vol. 01, Nº 02, 2º SEM/2010.
- Editora Moderna (Org.). **Projeto Araribá: Geografia**. 3º ed, São Paulo, 2010.
- HOLZER, WERTHER. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Revista território, ano II, nº 3, jul./dez. 1997. p. 58
- MATIAS, V. R. S. As relações entre geografia, mediação pedagógica e desenvolvimento cognitivo: contribuições para a prática de ensino em geografia. **Revista Caminhos da geografia**, UFU, 2006, p.251.
- MORAES. R, C, A. **Geografia pequena história crítica**, Annablume, 2003.
- MORAN. J, M; MASETTO. M, T; BEHRENS. M, A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2001.
- MOREIRA, R. **O que é Geografia?** Editora Brasiliense, 7º reimpressão, 14º edição. São Paulo, 2005.
- PEREIRA, J. A. SOARES, B. R. Algumas reflexões sobre a paisagem urbana de Araguaína (TO). **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína (TO), Ano 01, no 02, p. 1-14, jan. /jun. 2012.
- PUNTEL. G, A. **A paisagem no ensino da geografia**. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, jan-jun. 2007.
- SANTOS, E. S. **A Vontade de Paisagem: genealogia de concepções de percepção espacial**,

da teoria à prática artística e arquitectónica. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA, DARQ - FCTUC, 2006.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SIMMEL, G. **Filosofia da paisagem.** Lusosofia: press, Covilha, 2009. p.5

TONINI, I, M. **Geografia escolar: uma história sobre seus discursos pedagógicos.** Ed. Unijuí, 2º edição, Ijuí, 2006, p. 10-75.

VITTE. ANTONIO CARLOS **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física.** Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 06, número 11, 2007. p. 71-78.